



EDITORA
AZUL

VÍDEO

**EROTISMO
PARA TODO
GOSTO**

*MONJAS PECADORAS
SERVIÇOS ÍNTIMOS
OS PECADOS DE TODOS NÓS
GARGANTA PROFUNDA
CORPOS ARDENTES*



E OS LANÇAMENTOS DO MÊS

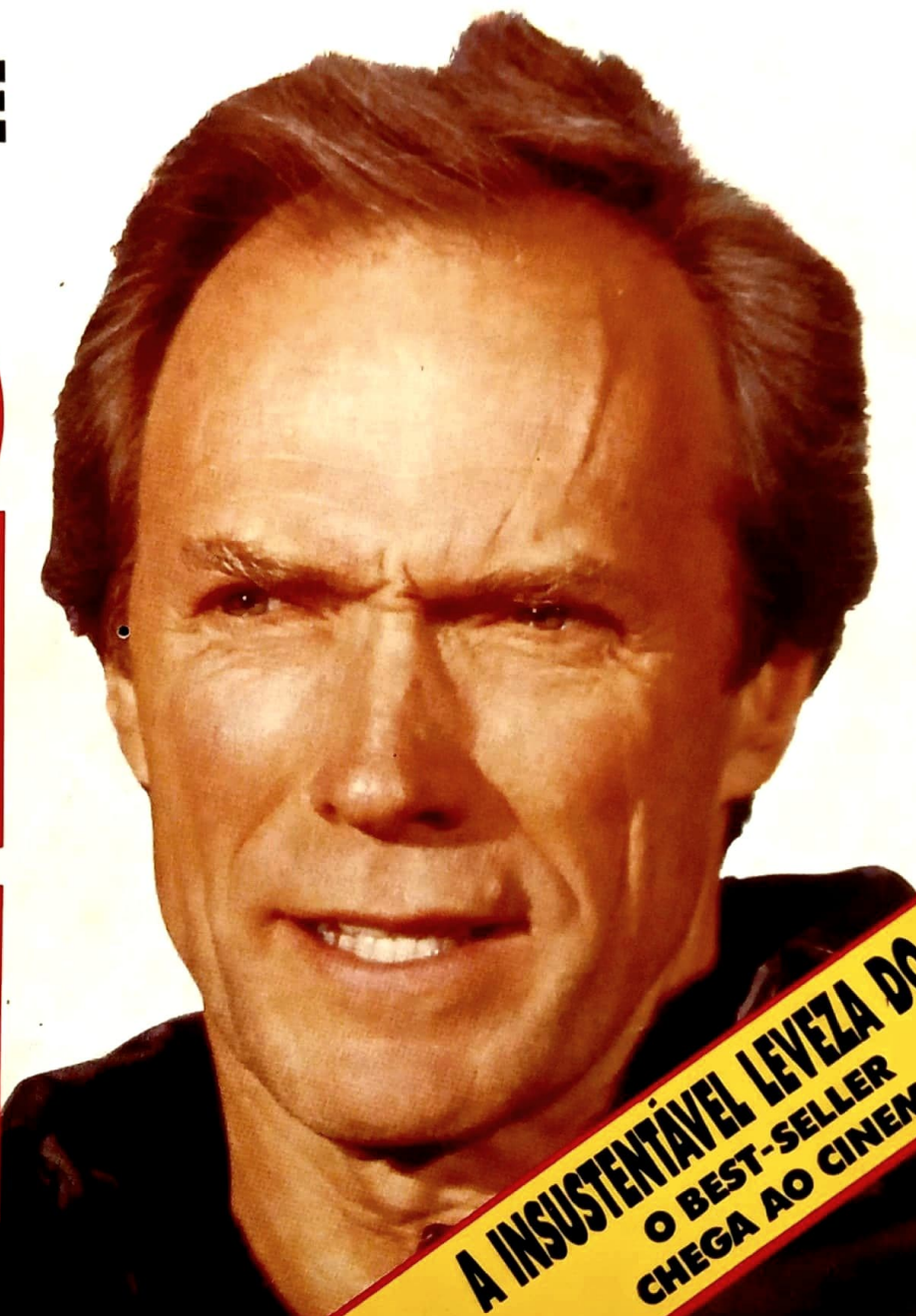
A VOLTA TRIUNFAL DE **CLINT EASTWOOD**



*Agora em Dirty Harry
na Lista Negra*



*Diretor de Bird, com
Forest Whitaker*



**A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER
O BEST-SELLER
CHEGA AO CINEMA**

A MAIORIA DOS AMERICANOS E EUROPEUS JÁ CONHECE A QUALIDADE VERBATIM.



ESTE DISCO ESTÁ FAZENDO O MAIOR SUCESSO NAS PARADAS AMERICANAS E EUROPEIAS. E NAS BANDAS DE CÁ TAMBÉM. A VERBATIM É LÍDER MUNDIAL DE VENDAS EM DISQUETES E FITAS MAGNÉTICAS DE ALTA PRECISÃO. AQUI E LÁ FORA, QUEM ENTENDE DE COMPUTADOR CONHECE. QUER DIZER: NÃO É COINCIDÊNCIA,

PRODUZIDO
NA ZONA FRANCA
DE MANAUS
CONHEÇA O AMAZONAS

AQUI, VOCÊ
PODE SER UM DOS
PRIMEIROS.



É COMPETÊNCIA. ESTE COMPROMISSO DA VERBATIM COM A QUALIDADE CHEGOU AGORA ÀS FITAS DE VÍDEO. E CHEGOU DANDO UM ANO DE GARANTIA. SEJA UM DOS PRIMEIROS A CONHECER O LANÇAMENTO MAIS EMOCIONANTE DO ANO. VERBATIM. JÁ À VENDA EM DISCOS E FITAS.

Verbatim
SINÔNIMO DE PRECISÃO EM TODAS AS LÍNGUAS.



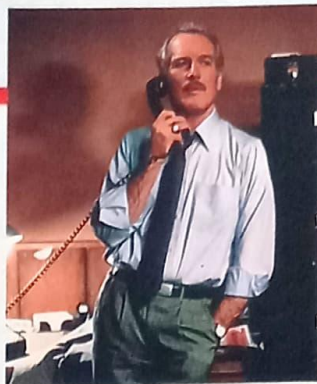
Orion

LADY SINGS THE BLUES

A encantadora **Michelle Pfeiffer** (à esquerda) será uma cantora em *The Fabulous Baker Boys*, filme de estréia do escritor **Steve Kloves** na direção. Os irmãos **Beau** e **Jeff Bridges** (abaixo) também estão no elenco, como dois pianistas — os Baker Boys do título.



Fox



Stills

BOMBA! BOMBA!

Paul Newman (acima) e **Harrison Ford** juntos? É o que pode acontecer em *Fat Man and Little Boy*, a história da invenção da bomba atômica nos EUA, nos anos 40, que **Roland Joffé** (*Gritos do Silêncio*, *A Missão*) está filmando. Newman fará o papel principal, o do general Leslie Groves. Depois disso, ele será o protagonista de *Blaze*, de **Ron Shelton**, sobre um policial que se apaixona por uma estrela do *strip-tease*.

IRMÃOS CARA-DE-PAU

Os endiabrados irmãos **Coen** — **Joel** e **Ethan** — voltam a atacar. Dois anos depois do alopado *Arizona Nunca Mais*, eles agora preparam um filme de gângsteres ambientado na Chicago dos agitados anos 20. O nome do filme é *Miller's Crossing*, e o elenco ainda não foi escolhido.

MONSTRO À SOLTA

Quem não se lembra do frankensteiniano Herman (abaixo), da antiga série televisiva *Os Monstros*? Pois o ator que o interpretava, **Fred Gwynne**, volta à ativa — desta vez para causar arrepios de verdade, em vez de risos — no thriller de horror *Pet Sematary*, baseado no livro homônimo de **Stephen King**.

VENDE-SE OSCAR EM BOM ESTADO

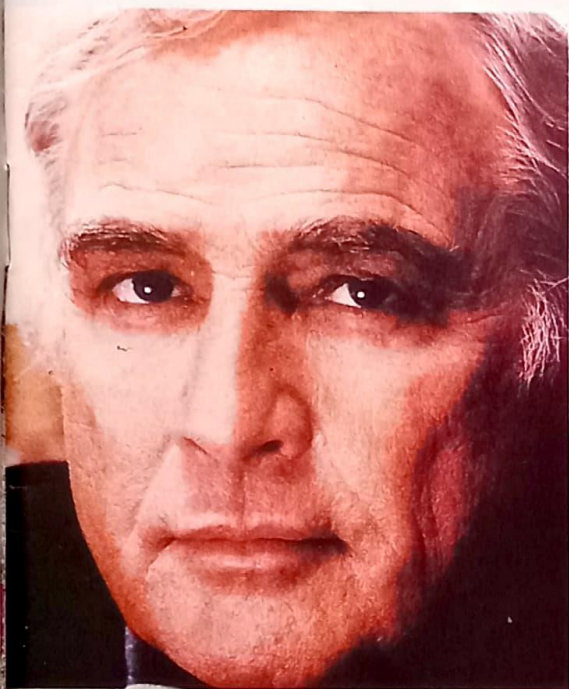
Quanto custa um Oscar? Por volta de 15 mil dólares, no mercado americano. Quem confirma o preço da estatueta (comentado jocosamente por Sean Connery na última cerimônia de entrega do Oscar) é o comerciante **Malcolm Willits**, dono de uma loja de antiguidades cinematográficas em Hollywood. Willits fala com a experiência de quem já vendeu quatro Oscars desde o início de 1988, arrecadando com eles 47 525 dólares. O primeiro que ele negociou foi o de melhor filme de 1951, dado para *Sinfonia em Paris*, de Vincente Minnelli. Willits vendeu-o por 15 760 dólares para Mario Cortesi, dono do hotel El Palacio, na ilha espanhola de Ibiza. Depois disso, o comerciante vendeu por 13 500 dólares a um agente de viagens de Glendale, Califórnia, a estatueta de melhor ator conquistada por Marlon Brando em 1954, por *Sindicato de Ladrões* (Brando tinha dado o prêmio a um amigo, que o passou para frente). Preços bem menores Willits conseguiu pelos menos cotados Oscar de melhor curta de animação de 1961 (7 617 dólares) e melhores efeitos visuais de 1938 (10 648 dólares), conquistado pelo filme *Lobos do Norte*, de Henry Hathaway.

Abril



Hollywood Press Syndicate





CHEFÃO EM FORMA

Depois de estrear *Jericho*, baseado numa história de sua autoria, o deus **Marlon Brando** (acima) será o protagonista de *The Freshman*. No filme, a ser dirigido por **Andrew Bergman**, ele voltará a interpretar o papel de um mafioso, dezessete anos depois de ter ganhado o Oscar por *O Poderoso Chefão*.

A MULHER DO KILLER

Winona Ryder (à direita), a gatinha dark de *Os Fantasmas Se Divertem*, será **Myra Gail Brown**, uma das esposas do pioneiro do rock **Jerry Lee Lewis** (interpretado por **Dennis Quaid**) em *Great Balls of Fire*.



Warner



Columbia

"Para mostrar os corpos dos guerreiros em movimento em Rambo III, estudei longamente os desenhos de Michelangelo, Leonardo Da Vinci e Bourdelle. E passei incógnito em Paris para observar sua estatuária."

Sylvester Stallone



Liaison / Gamma-Sigla

Warner



PARA VER E DANÇAR

Boa notícia para os curtiadores de rock: estão chegando às videolocadoras os lançamentos do novo selo Stiletto/Vision, especializado em documentários e clips do gênero. Os três primeiros títulos são de primeira linha: *Stop Making Sense*, com o grupo americano **Talking Heads** (acima), dirigido por **Jonathan Demme** e considerado um dos melhores documentários de rock já realizados; *Arena*, o famoso show do **Duran Duran** filmado com maestria pelo australiano **Russell Mulcahy** (*Highlander*, *Razorback*); e *That's What I Call Music*, coletânea de vinte clips diversos, incluindo, entre outros, **Iron Maiden**, **Morrissey** e **Bananarama**.

PRIMA-DONA

Madonna (à esquerda) parece decidida a recusar o papel de **Evita Perón** no filme que **Oliver Stone** prepara sobre a ex-primeira-dama argentina. Em compensação, ela está de olho no papel da cantora lírica **Maria Callas** (à esquerda) na produção que o pirado **Ken Russell** prepara a respeito da diva.



Art Films

AGUARDE

John Candy (abaixo, à direita) fará o papel-título de *Uncle Buck*, a ser dirigido por **John Hughes** (*Antes Só Que Mal Acompanhado*) ► **Billy Crystal** e **Meg Ryan** (abaixo, à esquerda) contracenam em *Harry, This Is Sally*, de **Rob Conta Comigo Reiner** ► **Lina Wertmüller** (*Pasqualino Sete Belezas*) vai filmar *Up to Date*, um thriller romântico falado em inglês e protagonizado pelo holandês **Rutger Hauer** (acima) (*Blade Runner*, *A Morte Pede Carona*) ► Vem aí *Alien III*, a ser dirigido por **Renny Harlin** (*A Hora do Pesadelo IV*). Má notícia: **Sigourney Weaver** está fora ► **Debra Winger** (*Laços de Ternura*, *O Mistério da Viúva Negra*) será a protagonista de *The Isabel Eberhardt Story*, que **Wolfgang Peterson** (*O Barco*, *História Sem Fim*) vai rodar na África em meados deste ano ► **Alberto Sordi**, **Bernard Blier** e **Andréa Ferréol** filmam na Côte d'Azur *Les Fanfarons*, sob a direção de **Enrico Oldini** ► A atriz e cineasta **Sondra Locke**, mulher de **Clint Eastwood**, vai dirigir seu segundo longa, *Impulse*, a história de uma policial (**Theresa Russell**) em luta contra a prostituição ► **Claude Chabrol** prepara em Berlim *M*, um *film noir* em homenagem a **Fritz Lang**.



PÚBLICO MONOLÍNGÜE

Os norte-americanos definitivamente não gostam de filmes estrangeiros. As produções em outras línguas que não o inglês foram responsáveis por apenas 0,5% dos 4 bilhões de dólares gerados no mercado cinematográfico americano em 1987. Os filmes estrangeiros que mais renderam nos EUA, em todos os tempos, foram *Sou Curiosa Amarela* (1967), do sueco **Vilgot Sjöman**, *A Gaiola das Loucas* (1979), de **Edouard Molinaro**, e *A Doce Vida* (1960, acima), de **Federico Fellini**, com cerca de 8 milhões de dólares cada. Para se ter uma idéia do que isso significa, basta lembrar que um filme americano que rende menos de 10 milhões de dólares é considerado um fracasso de bilheteria.

QUE VENGA EL TORO

Ridley Scott continua obcecado por duelos. Depois dos confrontos homem/alien (*Alien*), homem/andróide (*Blade Runner*) e mocinho/bandido (*Perigo na Noite*), ele resolveu filmar o duelo homem/touro em *El Cordobés*, baseado na história real do toureiro **Manuel Benítez** (à direita). O filme deverá ficar pronto nos próximos meses.



CONFRONTO DE GERAÇÕES

Sean Connery, **Dustin Hoffman** e **Matthew Broderick** estão juntos no próximo filme de **Sidney Lumet** (*Rede de Intrigas*, *Um Dia de Cão*), *Family Business*. Depois do fracasso de *Ishtar*, Hoffman parece ter recuperado o prestígio com *Rain Man* (inédito por aqui), que lhe valeu uma bela capa da revista *American Film* (à direita).



POLETTEL 89. SUCESSO O ANO INTEIRINHO.



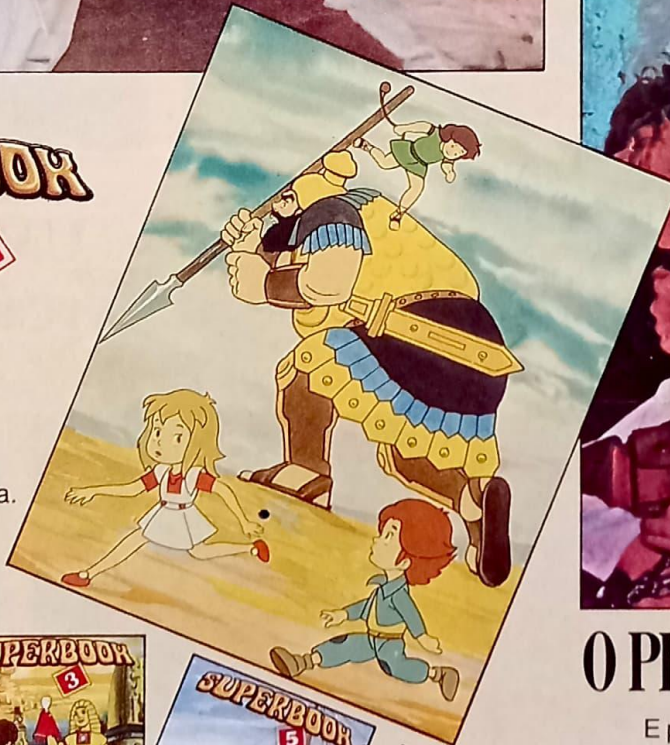
Para começar bem o ano novo, nada melhor do que esta picante e deliciosa comédia baseada na vida do mais famoso conquistador de mulheres que a história conheceu: Casanova. Ele é o próprio "bon-vivant" que gosta de viver perigosamente, sempre rodeado das mais belas donzelas. Você vai rir como nunca, com Tony Curtis, Marisa Berenson, e Brit Ekland e outras.

**Casanova
& Company**

SUPERBOOK

7

Chegou Superbook 7!
Mais um capítulo da
mini-série infantil de maior
sucesso no mundo, que vai
animar as férias da criança.



Estes já estão nas
locadoras, mas ainda
vem mais por aí. Aguarde!



O PREFEITO DE FERRO

E para completar sua alegria mais um filme, de ação e violência, com uma trama envolvendo a máfia e um homem que quer destruí-la.

É isso aí. Em 89 a Poletel Home Vídeo vai lançar sucesso atrás de sucesso, do jeito que você gosta, o ano inteirinho.

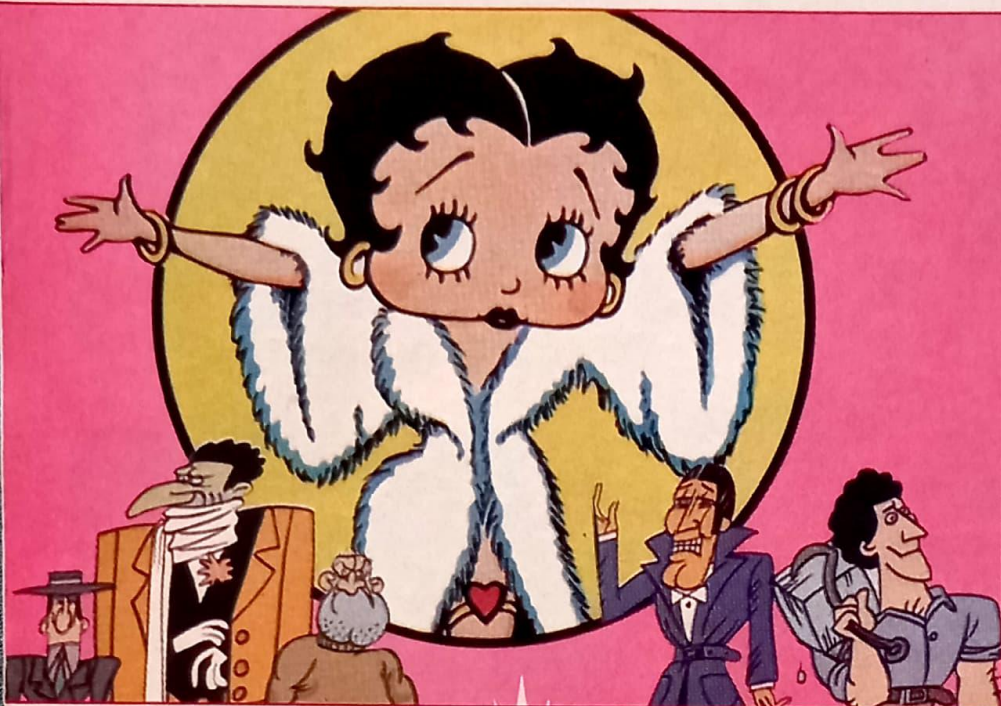
Happy new year!



HOME VIDEO
POLETTEL

Rua Pedrosa Alvarenga, 1203 - Itaim - SP
NOVOS FONES: (011) 883-6318/853-1202
883-5747/881-3660

Exija em sua locadora os lan



O ROMANCE DE

Betty Boop



**A ESTRELA DE
UM CAMPEÃO**
com
MICKEY ROONEY

**PRÓXIMOS LANÇAMENTOS!
SIMULTÂNEO CINEMA & VÍDEO.**



Av. Pacaembú, 1702
CEP.: 01234 - Tel.: 864-9111

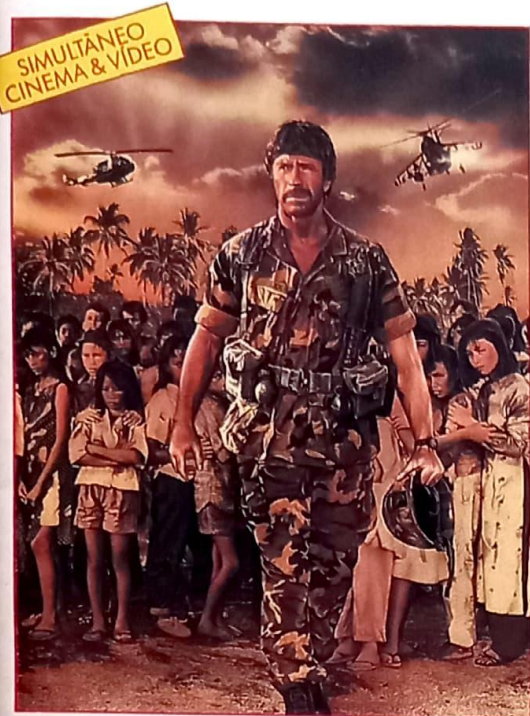


Salsa
o filme
QUENTE!
com **ROBBY ROSA**
MENUDO

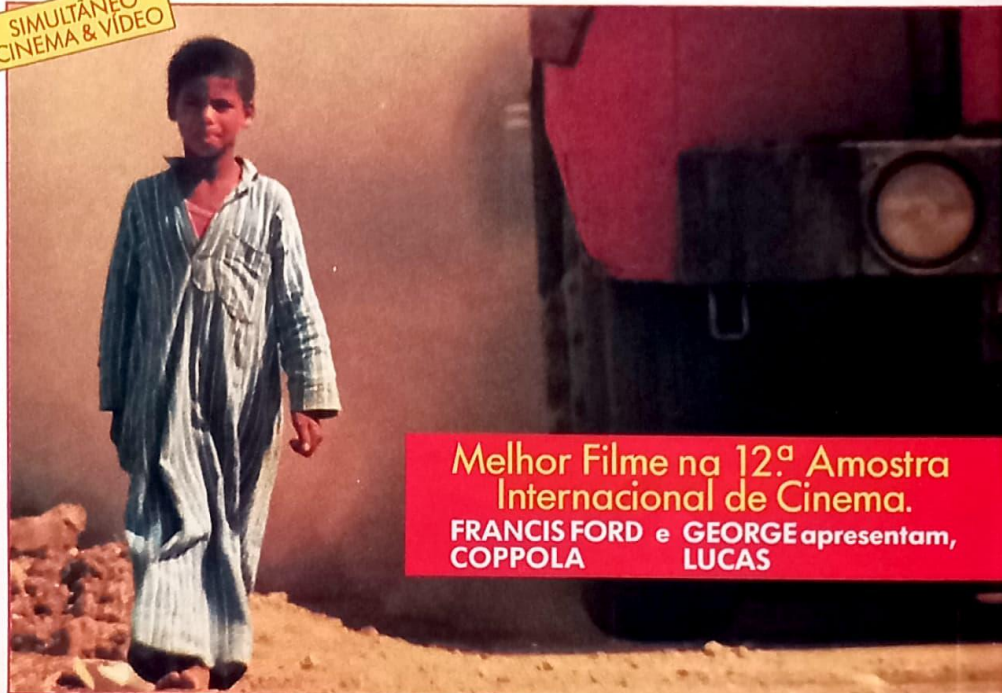


BRONSON
DESEJO DE
MATAR 4
operação
CRACKDOWN

amentos da AMÉRICA VÍDEO.



BRADDOCK III
O RESGATE
com
CHUCK NORRIS



Meio Filme na 12ª Mostra
Internacional de Cinema.
FRANCIS FORD e GEORGE apresentam,
COPPOLA LUCAS

POWAQQATSI

A Vida em Transformação



TIRAS ESPECIAIS

com ROBERT CARRADINE
BILLY DEE WILLIAMS



COMANDOS DO ASFALTO

com ROBERT GINTY
VICTORIA BARRETT • SHAKTI

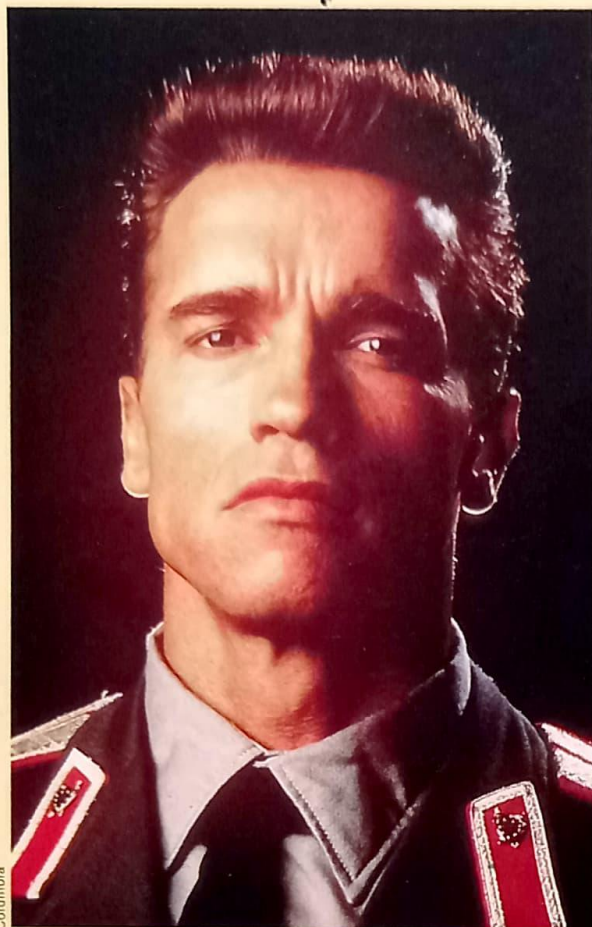


LUTADORES DA LIBERDADE

com PETER FONDA
RED BROWN

HOLLYWOOD

Por Ana Maria Bahiana e José Emilio Rondeau, de Los Angeles



Columbia



FUTURO DO PRETÉRITO

Chama-se *Recall* o primeiro filme que o diretor Paul Verhoeven faz desde o megahit *Robocop*, de 1987. Com um orçamento superior a 30 milhões de dólares e Arnold Schwarzenegger (à esquerda) no papel principal, *Recall* conta a história de um terráqueo no ano de 2089 que vai a Marte para fazer uma pesquisa e acaba descobrindo mais do que esperava a respeito de seu próprio passado.



INIMIGOS INSEPARÁVEIS

Mesmo sendo inimigos na tela, Michael Keaton (acima) (o Batman) e Jack Nicholson (no destaque) (o Coringa) estão se dando tão bem que já têm programada nova parceria cinematográfica: eles estarão novamente juntos no filme *The Bonfire of the Vanities*, baseado no best-seller homônimo, de Tom Wolfe.



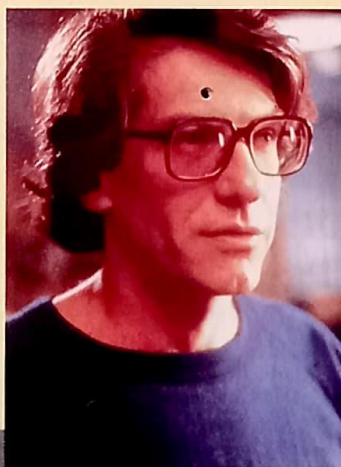
David Koppel/LFI

WOODY ALLEN NA DISNEYLÂNDIA

Enquanto isso, as organizações Disney criam uma nova produtora. Além da Disney e da Touchstone de onde saíram, recentemente, *Três Solteiros e Um Bebê*, *Cuidado com as Gêmeas*, a partir de fevereiro passa a existir a Hollywood Pictures. Esta nova produtora já planejou 12 produções, para serem realizadas até 1991. Em seu novo filme — ainda sem título, em produção para o Orion Pictures —, Woody Allen (acima, à esquerda) faz o papel de um diretor de documentários. Mia Farrow (na foto, com Woody) é uma assistente social. O elenco traz, também, Martin Landau e Daryl Hannah.

OS JAPONESES ESTÃO CHEGANDO

Informe Econômico: analistas de Wall Street vêm com interesse a virada do ano em Hollywood. A queda da Bolsa de Valores de Nova York, em outubro de 1987, encolheu o dinheiro circulante na indústria cinematográfica e reduziu o número de filmes produzidos ao longo de 1988. Essa tendência deve prosseguir e se acentuar em 1989, um ano que, segundo um analista do mercado, seria "bom para os negócios, mas ruim para o cinema" — ou seja, mais dinheiro sendo investido e extraído em menor número de filmes, muito menos projetos arriscados, estreias, atores e diretores novos, muito mais business nos "territórios" (os mercados nos exterior) e com videocassete e TV. Os mesmos observadores também dão como quase certo o fechamento ou venda de pelo menos um, talvez dois estúdios. Aparentemente tomando como exemplo a indústria do disco, a praça americana só comporte — confortavelmente — seis grandes companhias e, hoje, há oito estúdios brigando pelo bolo. Palpites dos olheiros: Columbia e Tri-Star são as empresas mais frágeis na virada do ano. Palpites dos Olheiros-II: os japoneses, que não se cansam de comprar nacos dos Estados Unidos, demonstraram, claramente, seu interesse em comprar um estúdio. Quem compra — a Sony, possivelmente



Prod DB

CRONENBERG, O ALIENISTA

Os diretores David Cronenberg (acima) e Clive Barker (também escritor de sucesso) vão realizar um filme em conjunto... de uma forma inesperada. Em fevereiro, Barker começa a rodar *Night Breed*, adaptação de um conto seu. Mas onde entra Cronenberg? Simplesmente faz o papel de Dr. Decker, um psiquiatra definitivamente desequilibrado, que comete uma série de crimes cabeludos e, no fim, convence um de seus pacientes de que o culpado pelos crimes é ele mesmo, o paciente.

A Mesma Qualidade da JVC Você Encontra nas Autorizadas Tecnovideo

REDE AUTORIZADA TECNOVIDEO. PARA ATENDER SEU JVC EM TODO O PAÍS.

Somente os postos relacionados estão autorizados e orientados pela TECNOVIDEO para prestar serviços de assistência técnica, manutenção e venda de peças originais JVC. Caso seu equipamento apresente defeito, procure a oficina mais próxima ou ligue (011) 815-9144 - Central de Atendimento Técnico JVC. Para casos de garantia, consulte o Certificado de Garantia Tecnovideo/JVC.



ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA



CENTRAL DE ATENDIMENTO

R. Potiguar de Medeiros, 67 - Pinheiros - SP
Fone: (011) 815-9144

ALAGOAS

MACEIO
KIM'S ELECTRONICS LTDA. R. Barão de Atalaia, 569 - 57025 fone: (082) 221-7509

AMAZONAS

MANAUS
TECNOVIDEO DA AMAZÔNIA LTDA. R. Guilherme Moreira, 297 - 69000 fone: (092) 232-5824
GETÚLIO ARAÚJO DE MIRANDA (VIDEOTRON) R. Mundurucus, 114 Centro 69000 fone: (092) 233-2833

BAHIA

SALVADOR
VIDEO HOBBY SERVIÇOS ELETRÔNICOS LTDA. Av. Manoel Dias da Silva, 1721 Fritas 41830 fone: (071) 240-8511

CEARÁ

FORTALEZA
ELETÔNICA URB LTDA. R. Sotom Pinheiro, 773 - 60050 fone: (085) 231-0722

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA
VIDEOTEC COM. REPR. IMP. EXP. LTDA. SCRN 704/5 Bloco H Sala 9 - 70730 fone: (061) 274-9085

GOIÁS

GOIÂNIA
RADIOIRA TEC. RÁDIO TELEVISÃO LTDA. Av. Independência, 5844 - 74320 fone: (062) 224-4033

MARANHÃO

SÃO LUÍS
VIDEO ELETÔNICA LTDA. Av. Colares Moreira, 1098 São Francisco 05010 fone: (098) 227-2151

MATO GROSSO

CUIABÁ
VIDEOTEC COM. REPRESENTAÇÕES LTDA. Av. Tenente Coronel Duarte, 101 - 78040 fone: (065) 322-8711

MINAS GERAIS

ARAXÁ
ELETÔNICA CENTER SON LTDA. Av. Imbiara, 188/C - 38180 fone: (034) 661-1132

BELO HORIZONTE

VIDEO SYSTEMS LTDA. R. da Bahia, 2100 Bairro de Lourdes 30160 fone: (031) 335-3222

ITAJUBÁ

ANGSTRON IND. COM. E REPR. LTDA. R. Eugênio Sales, 85 - 37500 fone: (035) 622-1642

UBERLÂNDIA

CENTER SON LTDA. Av. Dr. Afânio Rodrigues da Cunha, 141 - 38400 fone: (034) 236-9953

UBERABA

ELETÔNICA GRM LTDA. (CENTER SON) R. São Benedito, 110 - 38100 fone: (034) 336-3430

VARGINHA

BORGES & LAGO LTDA. Praça Getúlio Vargas, 123 - 37100 fone: (035) 221-3944

PARÁ

BELEM
TOMIDKA & CIA. LTDA. Av. José Bonifácio, 1012 Loja C - 66000 fone: (091) 229-3330

PARAÍBA

JOÃO PESSOA
ELETÔNICA TECHNISON LTDA. Av. Cruz das Armas, 934 - 58060 fone: (083) 221-0105

PARANÁ

CURITIBA
ELETÔNICA OSKA LTDA. R. Marechal Floriano Peixoto, 723 - 80010 fone: (041) 232-3993

LONDRINA

AVC - PRODUÇÕES E COMÉRCIO DE VIDEO LTDA. Av. Higienópolis, 637 Loja 3 - 86020 fone: (0432) 24-4871

MARINGÁ

M. J. INFORMÁTICA LTDA. R. Neo Alves Martins, 2789 S3 Térreo 87013 fone: (0442) 22-7856

PERNAMBUCO

RECIFE
UNIVIDEO ELETÔNICA LTDA. Av. Domingos Ferreira, 854 Loja 9 - 51011 fone: (081) 326-4843

PIAUI

TERESINA
VIDEO TÉCNICA LTDA. R. Rui Barbosa, 960-N Loja A - 64000 fone: (086) 222-6637

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
HERTZ ELETÔNICA LTDA. R. Santo Antônio, 675 - 59035 fone: (084) 222-2427

RIO GRANDE DO SUL

NOVO HAMBURGO
SINAL LOPE DOS SANTOS R. Bento Gonçalves, 2341 - 93510 fone: (0512) 95-4912

PORTO ALEGRE

ASSISTEL ASSIST. TEC. & COM. LTDA. Av. Alberto Bins, 830 - 90030 fone: (0512) 29-4977

SANTA MARIA

ELETR. RIZZI IND. E COM. LTDA. Av. Medianeira, 2185 - 97100 fone: (055) 221-5054

RIO DE JANEIRO

NITERÓI
SYNEMPER TELE RÁDIO LTDA. R. Saldanha Marinho, 3 Loja B - 24030 fone: (021) 722-0736

RIO DE JANEIRO

THACY ELETÔNICA LTDA. R. Conde Bernadete, 26 LQJA F - 24430 fone: (021) 259-5946

PERFORMANCE BROADCAST VIDEO LTDA. R. Conde de Bonfim, 615 Loja 203 - 20520 fone: (021) 278-4848

NATI SERVICE COM. DE APARELHOS ELÉTRICOS LTDA. R. Carolina Machado, 160 Loja A - 21351 fone: (021) 390-2387

VIDEOMARTE ASSIST. TEC. LTDA. Av. Mal. Henrique Lott, 120 Loja 103 - 22600 fone: (021) 325-1481

VIDEOMATIC COMERCIAL ELETR. LTDA. R. General Polidoro, 177 Loja D - 22280 fone: (021) 295-3849

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS
ELETÔNICA AURO LTDA. R. Fúlvio Adicki, 612 - 88000 fone: (0482) 44-0757

SÃO PAULO

TECNOVIDEO ENG. E PROJETOS LTDA. R. Potiguar de Medeiros, 67 - 05422 fone: (011) 815-9144

STEREOPLAN STUDIO DE SOM LTDA. (TECNOVIDEO)

Av. Pedroso de Moraes, 1225 - 05419 fone: (011) 814-8555

ELETÔNICA PEM LTDA. (TECNOVIDEO) R. do Sumidouro, 305 - 04528 fone: (011) 813-6300

ARACATUBA

E. C. VIGNOTO E CIA. LTDA. Av. Luiz Pereira Barreto, 799 A - 16100 fone: (0186) 22-2507

ARARAQUARA

GALEITEZI & CIA. LTDA. - ME. Av. Espanha, 508 - 14800 fone: (0162) 36-3537

BAURUR

ELETÔNICA ASAMI LTDA. R. Monsenhor Claro, 2-37 - 17100 fone: (0142) 23-9551

BIRIGUI

E. C. VIGNOTO E CIA. LTDA. R. Saudades, 454 - 16200 fone: (0186) 42-4011

CAMPINAS

TECNICENTRO IND. E COM. LTDA. R. Dr. Osirio, 1674 - 13015 fone: (0192) 31-2177

LIMEIRA

ELETÔNICA SERVTEL LTDA. Av. Piracicaba, 83 - 13480 fone: (0194) 41-3179/41-6496

RIBEIRÃO PRETO

PAULESON COM. LTDA. R. Ceará, 812 - 14100 fone: (016) 634-9655

ANTÔNIO JOSÉ ANDRADE R. Campos Sales, 168 - 14015 fone: (016) 625-9446

SANTO ANDRÉ

ELETÔNICA GILDA Av. Higienópolis, 288 - 09735 fone: (011) 440-1309

SANTOS

ELETÔNICA MHR PCS E SERVIÇOS LTDA. Av. Washington Luiz, 173 - 11015 fone: (0132) 34-5973

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

SERVICE NEW COM. ELETÔNICA LTDA. Av. Francisco José Longo, 540 - 12245 fone: (0123) 22-0100

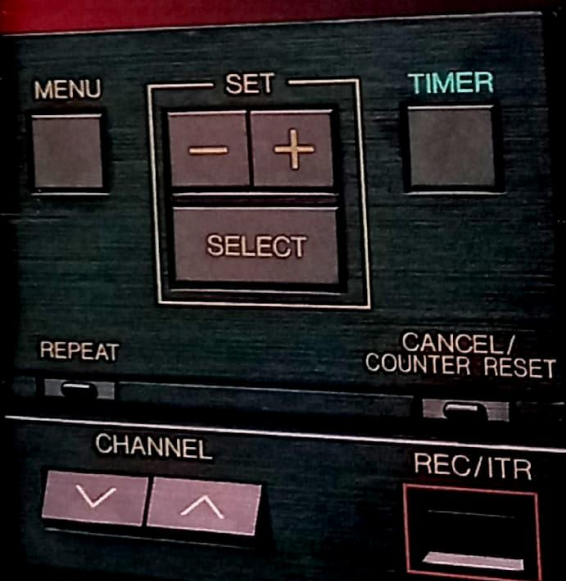
TUPÁ

NAKATAMI E OTSUBO LTDA. R. Iporanga, 806 - 17600 fone: (0144) 42-2553

JVC



SPECIALS



JVC. A QUALIDADE DE IMAGEM QUE TODO O MUNDO CONHECE.

Todo mundo já sabe que quando a JVC põe a cabeça para funcionar, a tecnologia avança, a emoção aumenta e fica à flor da tela. Sempre que as cabeças da JVC funcionam, é para criar e desenvolver os novos recursos que vão proporcionar ao espectador a mais alta qualidade. Assim é com o vídeo HR-D440M.

DA 4 HEAD

QUADRO A QUADRO
CÂMERA LENTA
CONGELAMENTO DE CENA

Novo Sistema 4 cabeças com Double Azimuth para produzir os efeitos mais especiais: quadro a quadro, câmera lenta ou congelamento de cena com perfeição, nitidez e pureza de imagens.

NTSC/PAL-M AUTOMATIC. Basta colocar a fita que o vídeo HR-D440M automaticamente seleciona o sistema e reproduz a gravação com as imagens e cores reais.

ON SCREEN. As funções em operação são indicadas na tela do televisor, apresentando as informações com clareza para uma utilização segura e simplificada do vídeo.

CONTROLE REMOTO UNIFICADO. Controla todas as funções à distância. Desde o ajuste do relógio e do timer até reprodução, gravação, etc. Isso tudo é só uma amostra do que acontece quando as cabeças da JVC funcionam. E emoção garantida.

JVC

O INVENTOR DO VHS

Somente a JVC tem a garantia Tecnovídeo: assistência técnica e imediata reposição de peças originais em todo o país.



(011) 815-9144 • 813-6300 • 814-8555

Video HR-D 440 M - À venda na Zona Franca de Manaus.

VÍDEO O SUCESSO EM MARÇO.

DISTRIBUIDORAS DE VIDEO HOME
INDÚSTRIA DO VÍDEO E DE FITAS DE VÍDEO
SERVIÇOS E ACESSÓRIOS DE VÍDEO
PRÓDUTORES INDEPENDENTES

SEMINÁRIOS DEBATES E EXIBIÇÕES DE
VÍDEO EMPRESARIAL

II **VÍDEO** TRADE SHOW

FEIRA INTERNACIONAL DE VÍDEO

RESERVAS DE ESPAÇO PARA EXPOSIÇÃO
E INSCRIÇÕES PARA SEMINÁRIOS E DEBATES:

J.G.C. Empreendimentos
Praça Arcipreste Anselmo de Oliveira 103 -
CEP 05463 Tel. (011) 814 4399 São Paulo Brasil

17 A 22 DE MARÇO DE 1989
PAVILHÃO DA BIENAL - IBIRAPUERA
SÃO PAULO - BRASIL

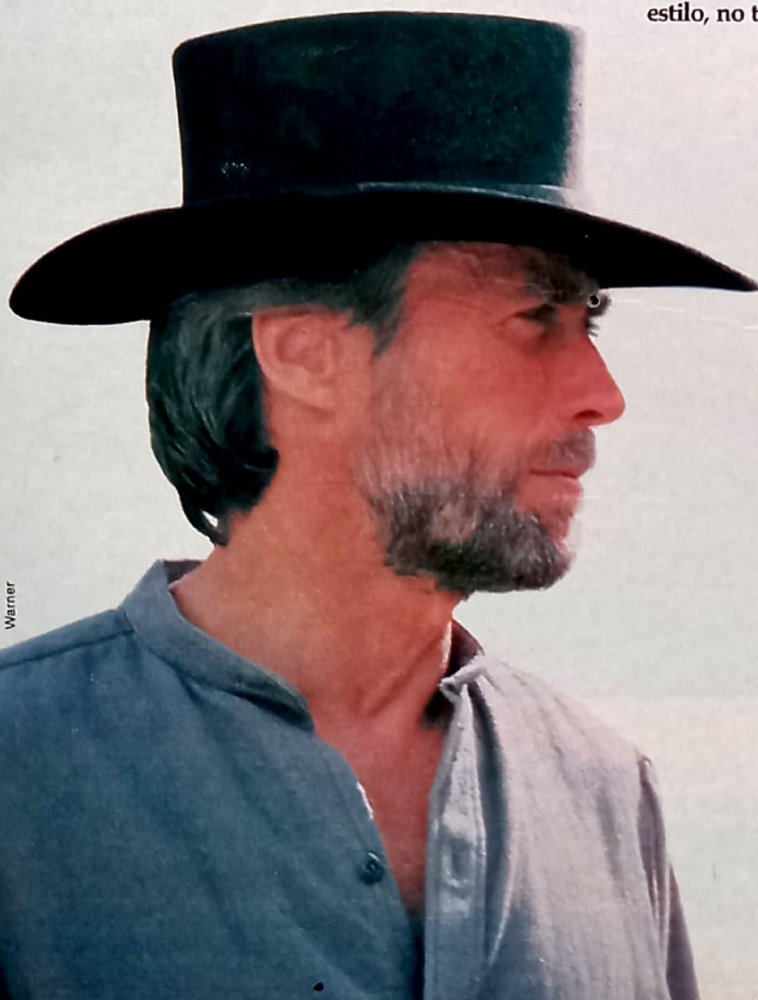


Na capa:

Clint Eastwood,
Forest Whitaker e
Monjas Pecadoras

Fotos da capa: Warner/América

A óbvia recorrência à infância como um atalho para a inspiração rendeu pelo menos três grandes filmes ultimamente. O americano Woody Allen realizou *A Era do Rádio*, o francês Louis Malle fez *Adeus Meninos* e o inglês John Boorman dirigiu *Esperança e Glória* — pontos altos nas filmografias de cada um deles, os três filmes têm como pano de fundo a Segunda Guerra Mundial e como ponto de vista o olhar e a sensibilidade das crianças. O americano Clint Eastwood também cedeu à tentação da nostalgia. Aos 58 anos, mais velho do que Malle, Boorman e Allen, ele foi parar num ponto sonoro de sua adolescência, um pouco mais longínquo, e menos óbvio, pendurado numa sutileza da memória. Ele não tinha pêlos na face quando ouviu, certa noite, o sax de Charlie "Bird" Parker, o deus do bebop. Aquilo tocou a alma do garoto aprendiz de pianista de jazz. Mas os anos passaram, ele cresceu até os dois metros de altura, ganhou barba, músculos e a expressão de crueldade nas linhas sulcadas do rosto. Tornou-se ator dos westerns "spaghetti" do italiano Sergio Leone, tornou-se celebridade com sua cara de mau. Mais tarde ele diria que a América só havia logrado duas expressões culturais genuínas: o western e o jazz. Da primeira, nas mãos caprichosas de Leone, ele foi uma imitação sanguinolenta. Da segunda, ele nunca ultrapassou o estágio de aprendiz. Ele nunca foi John Wayne. Ele nunca foi Charlie Parker. Talvez por isso, quando deixou-se embarcar numa onda nostálgica, ele não voltou-se para si mesmo, como Boorman, Malle, Allen, ele não foi egocêntrico, ele não fez um filme na primeira pessoa. Preferiu buscar aquilo que amava em vez de burlar a linha do eu-era-feliz-e-não-sabia. Ele dirigiu *Bird*, narrou a vida de Charlie Parker e se afirmou artista como poucos: além de cultivar a si, provou que sabe louvar o semelhante. É claro que tanta poesia e sensibilidade saídas de um grandalhão que parecia ter a mão direita apenas para empunhar uma 44 é um fator de estranhamento e de imediata fascinação. A maestria do cineasta se impõe na exuberância do todo, e nos detalhes imperceptíveis: ele usou apenas as gravações originais de Parker (remixou algumas) e faz o ator Forest Whitaker, em cada minúcia, ser um verdadeiro sócio de Parker. Clint Eastwood encontrou seu grande estilo, no tributo que prestou à radicalidade da arte e à liberdade do artista.



Warner

4	TAKES
10	HOLLYWOOD
19	VÍDEOLANÇAMENTOS
32	MATÉRIA DE CAPA
	Clint Eastwood
	<i>Bird</i>
	<i>Dirty Harry na Lista Negra</i>
40	AVANT-PREMIÈRE
	<i>A Insustentável Leveza do Ser</i>
46	VÍDEO
	Adúlteros
52	ENTREVISTA
	Bill Murray
56	EM CARTAZ
	<i>Os Fantasmas Contra-atacam</i>
	<i>De Caso com a Máfia</i>
60	OUTROS FILMES EM CARTAZ
66	MITOS
	Rita Hayworth
68	LIVROS
69	TRILHAS
71	FILMOTECA
72	CARTAS & FILMOGRAFIAS
74	NOSTALGIA

Sessão das quatro.



Novo Videocassette-4 Cabeças-Total-Stereo

O novo Videocassette Philco-Hitachi PVC-4800 coloca em suas mãos toda a magia de uma sessão de cinema, em estéreo. Afinal, é o primeiro vídeo fabricado no Brasil com 4 Cabeças e som Total - Stereo com decodificador, que garante o melhor desempenho na imagem em gravação e reprodução. Você assiste confortavelmente

em sua casa e comanda tudo pelo controle remoto de 18 operações. E ainda conta com 2 Timers para 5 gravações automáticas e desligamento automático. Com o PVC-4800 você tem certeza de que os melhores momentos vão ficar gravados para sempre. É o melhor programa para suas emoções.

CATO JOHNSON

Care
CENTRAL DE ATENDIMENTO E RELAÇÕES EXTERNAS
(011) 800-8130 DDD GRÁTIS
GRANDE SP • 941-6966



PRODUTO NA ZONA FRANCA DE MANAUS



CONHEÇA O AMAZONAS



PVC - P400



PVC - 4000

No PVC-4800 você vai encontrar muito romance, suspense e aventura. E vai conhecer os ídolos da juventude, os campeões de bilheteria. A hora que você quiser.

Garanta já o seu lugar em frente ao mais avançado videocassette do país, em um dos revendedores Philco-Hitachi.

PHILCO - HITACHI

TODA EMOÇÃO DO MUNDO EM SUAS MÃOS.

Uma cilada para
ROGER RABBIT™

EM QUADRINHOS



Já nas bancas!

O filme que está estourando as bilheteiras do mundo inteiro está aqui, completo EM QUADRINHOS! E, além da história, tudo sobre esta produção milionária, os bastidores e as curiosidades do dia-a-dia das filmagens.

Não perca!

EDIÇÃO ESPECIAL • FORMATO GRANDE

A LIBIDO DE TODOS NÓS

Sexo! Embaladô para presente e para satisfazer a todos. Do hard-clássico Garganta Profunda à habilidade clássica de John Huston em O Pecado de Todos Nós, o vídeo-voyeur poderá encontrar a sua disposição a mais variada safra de erotismo

Quase tudo que você queria ver de sexo está chegando às locadoras este mês. Os títulos são eloquentes: *Corpos Ardentes*, *Monjas Pecadoras*, *Serviços Íntimos*, *Garganta Profunda*, *O Pecado de Todos Nós*... Sexo de todas as maneiras e para todos os gostos, contra a monotonia halterofilística dos pornôns. Sexo reprimido e doentio no insólito *O Pecado de Todos Nós* (Warner), de John Huston, em que um impotente Marlon Brando recebe no rosto, passivamente, as chicotadas desferidas por sua mulher adúltera, Elizabeth Taylor. Sexo tórrido que leva William Hurt ao desespero e ao crime pelas curvas perigosas de uma mulher (e que mulher!), Kathleen Turner, em *Corpos Ardentes* (Warner), a bela homenagem de Lawrence Kasdan ao policial *noir*. Sexo perverso e subversivo num bordel para *gentlemen*, em que ex-garçonetes desafiavam a austeridade pomposa da monarquia britânica com seus *Serviços Íntimos* (Globo Vídeo), capazes de deixar Margareth Thatcher de bigode em pé. Sexo que ajuda e atrapalha as missões secretas do eterno James Bond, Sean Connery, em *007 Os Diamantes São Eternos* (Warner), com seu habitual elenco de ninfas traiçoeiras.

Nesta orgia de lançamentos libidinosos, não falta nem mesmo um dos maiores clássicos do sexo explícito, o americano *Garganta Profunda* (Zircon), que há 17 anos lançava ao estrelato a ex-engolidora de espadas



Linda Lovelace, habituada desde então a abocanhar outros instrumentos.

No capítulo ninfetas, uma surpresa especial: quem gostou da deliciosa Melanie Griffith em *Dublê de Corpo* e *Totalmente Selvagem* poderá vê-la no esplendor dos seus 16 anos, tirando o sono de Gene Hackman (e a roupa de cima do corpo) em *Um Lance no Escuro* (Warner), policial psicológico de Arthur Penn.

Entre tantos lançamentos picantes, sugestivos ou maliciosos, existe um que é simplesmente sem-vergonha: *Monjas Pecadoras* (América), um pretenso *remake* do polêmico *A Reli-*

giosa Suzanne Simonin (1965), de Jacques Rivette. Inspirado no clássico *As Religiosas*, do enciclopedista Denis Diderot, o filme de Rivette foi proibido pela censura francesa, o que gerou uma onda de protestos de artistas e intelectuais contra o então ministro da Cultura André Malraux. Mais de uma década depois, as distribuidoras de cinema e vídeo brasileiras preferem ignorar a obra e lançar por aqui esse subproduto oportunista. Só para comprovar que, em matéria de erotismo, há sacanagens e sacanagens. Cabe ao videômano escolher a que lhe interessa.

O hábito mais freqüente em Monjas Pecadoras



Elizabeth Taylor e Marlon Brando num duelo de titãs

DRAMA

O PECADO DE TODOS NÓS ★★★★★

(*Reflections in a Golden Eye*, EUA, 1967)

Direção: John Huston. Com Marlon Brando, Elizabeth Taylor, Brian Keith, Robert Forster. Warner.

Ao ler o romance *Reflections in a Golden Eye*, de sua amiga Carson McCullers, John Huston viu nele mais que a história de um estranho crime ocorrido em 1948 num quartel de cavalaria no sul dos EUA. Viu todo um mundo de sentimentos obscuros e de secretas relações de poder, sexo e destruição. Resolveu transformar este mundo num grande filme. Para tomar ainda mais densa a atmosfera hipnótica do romance, escolheu como roteirista o escritor escocês Chapman Mortimer e como fotógrafo o italiano Aldo Tonti (que tinha trabalhado com Visconti e Fellini), a quem encomendou um colorido especial, puxando para o dourado e o sépia. Posteriormente, Tonti foi substituído por Oswald Morris (colaborador habitual de Huston), que manteve a mesma linha cromática. A morte prematura de Montgomery Clift forçou o diretor a escalar Marlon Brando como protagonista. O major Weldon Penderton, dividido entre a carreira, a esposa fogosa e uma tendência homossexual irrefreável, é uma das melhores caracterizações do "deus". Igualmente notável é a atuação de Liz Taylor como a vulgar e burra Leonora Penderton, que trai o

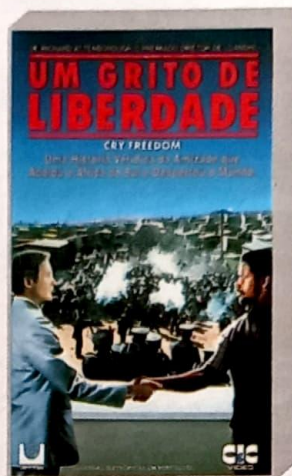
marido com o vizinho, o tenente-coronel Morris Langdon (Brian Keith). Mas o personagem mais perturbador talvez seja o recruta Williams (o estrepante Robert Forster), que pasolinicamente cavalga nu pelos bosques e invade à noite, em silêncio, o quarto da sra. Penderton só para observá-la dormindo e tocar suas roupas. Fetichismo e voyeurismo que valeriam a condenação do filme pelo National Catholic Office for Motion Pictures. Os católicos não foram os únicos a bombardear o filme. O primeiro ataque veio do próprio estúdio (Warner), que não gostou das inovações cromáticas e queria que todas as cópias fossem feitas em technicolor normal. Huston teve que bater o pé para garantir cinquenta cópias nas cores que tinha idealizado. Infelizmente, a fita que chega agora ao vídeo foi feita a partir das cópias em colorido convencional (ainda assim, belíssimo).

A crítica americana também cerrou fileiras contra o filme, acusando-o de bizarro e pretensioso. Mas Huston considerava-o um de seus melhores trabalhos. É difícil não lhe dar razão: o paralelo entre a indole imprevisível dos cavalos e os insondáveis desejos dos personagens é traçado com uma firmeza que só os grandes cineastas têm. E poucos deles transitam com tanta desenvoltura entre um intimismo doloroso (as patéticas cenas em que o major Penderton acredita ser correspondido em sua atração pelo recruta Williams) e uma ação frenética (a magnífica disparada do cavalo de Penderton). Coisa de mestre. José Geraldo Couto

UM GRITO DE LIBERDADE ★★★★★

(*Cry Freedom*, EUA, 1987)

Direção: Richard Attenborough. Com Kevin Kline, Denzel Washington, Penelope Wilton. CIC.

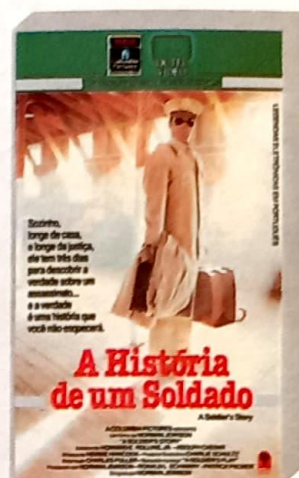


O mesmo diretor do grandiloquente *Ghandi* (1982) fez este libelo didático sobre o perene racismo institucionalizado na África do Sul. O relato é extraído da realidade registrada em dois livros do jornalista sul-africano Donald Woods — *Biko* e *Asking for Trouble*. O filme conta a luta do povo negro, sob a liderança do carismático Steve Biko (Washington), contra o apartheid "afrikaner". É também a história da grande amizade — gerada pelo antagonismo — de Woods (Kline) e Biko. A integridade jornalística do editor do *Daily Dispatch* o leva a pesquisar os fatos raciais, e ao conhecer Biko ele constata nuances que até então não conhecia. Biko é para Woods como uma lente clarificadora, e os dois se engajam na militância que é a força motriz da amizade nascida. As autoridades amealhadas eliminam Biko, e Woods investiga o caso como um policial que quer justiça. Seu grito de liberdade só encontra ressonância na voz daqueles que não são donos de seus destinos. O dilema de Woods: se ele ficar, os "bichos" o comem, se correr eles o pegam. Assim, gradualmente o filme se transforma num pesadelo sem fim, que é reflexo direto de um pesadelo de verdade na África do Sul. W.S.

A HISTÓRIA DE UM SOLDADO ★★★★★

(*A Soldier's Story*, EUA, 1984)

Direção: Norman Jewison. Com Howard E. Rollins Jr., Adolph Caesar, Dennis Lipscomb, Art Evans. RCA-Columbia.



Durante a Segunda Guerra Mundial, numa base do exército norte-americano em Louisiana, soldados negros enfrentam o racismo, enquanto seus compatriotas lutam pela liberdade na Europa. Para investigar o assassinato, ocorrido naquele quartel, do sargento negro Vernon Waters (Adolph Caesar), chega de Washington o capitão-advogado Davenport (Rollins Jr.), único oficial negro povoado a base. Obstinado, ele quer desvendar o mistério, mas vê seu trabalho dificultado pela habitual impunidade conferida a assassinatos como aquele. Em retrospectiva, a narrativa desenvolve a história de Waters (brilhante atuação de Caesar, indicado ao Oscar de melhor ator coadjuvante), na verdade um opressor, avesso à própria cor e cultura, interessado em que seus soldados se comportem como brancos. Bem construída, a história do dramaturgo negro Charles Fuller, que colecionou prêmios durante a encenação teatral, no início dos anos 80, ganha pontos com a transposição cinematográfica, dirigida de forma econômica por Jewison. O conflito dramático recebe, de quebra, as cores melancólicas de belos blues, executados pelas vozes seguras de Larry Riley e Patti La Belle. R.P.

NUNCA TE VI...

SEMPRE TE AMEI ★★☆☆

(84 Charing Cross Road, EUA, 1986)

Direção: David Jones. Com Anne Bancroft, Anthony Hopkins. RCA-Columbia.

Se os tituladores do circuito comercial brasileiro de cinema erigiram uma sólida reputação de birutas (chamar *Blow Up* de *Depois Daquele Beijo* é um petardo na testa), os tituladores do mercado de vídeo começam a ameaçar a saúde pública. Cuidado quando for a uma videolocadora e pedir: ei, moço, me dá *Nunca Te Vi... Sempre Te Amei*". Existe um outro vídeo com este nome. O primeiro que chegou às chapeiras tem um título original de extrema ironia: *Déjà Vu*. É uma porcária americana de 1984 com Jaclyn Smith, uma das panteras da TV. Agora chega o verdadeiro *Nunca Te Vi...* Verdadeiro em termos, porque já o título brasileiro dos cinemas, *Nunca Te Vi... Sempre Te Amei*, além de esdrúxulo, contava o fim, o meio e o começo do filme. Já que o nome entrega, não custa esclarecer: trata-se da história da correspondência de 20 anos, nas décadas de 40, 50 e



Helene Hanff (Anne Bancroft) e sua paixão por livros

60, entre a escritora americana Helene Hanff (Anne Bancroft) e o livreiro londrino, especializado em volumes raros, Frank Doel (Anthony Hopkins). Eles nunca se vêem e... se apaixonam. É claro que ver a fita sem ver o título brasileiro seria muito melhor. O livro com a correspondência dos enamorados postais foi traduzido este ano no Brasil pela Casa-Maria Editorial, que teve o bom senso de dar à edição o título do endereço em inglês mesmo. O livro de Hanff, antes de ser traduzido aqui, havia inspirado peças em Londres em 1981, na Broadway em 1982, e um especial

para a BBC inglesa, em 1975. O filme, seria inevitável de qualquer jeito, é abarrotado de leituras de cartas em *off*. Mas é comovente, em especial para quem gosta de livros, livrarias e bibliotecas. E de cartas, naturalmente. A atuação marcante de Anne Bancroft se deve, talvez, ao fato de que ela, embora nunca tenha visto nem Helene Hanff e nem Frank Doel, apaixonou-se pela história assim que leu o livro. Convenceu o marido, Mel Brooks, a comprar os direitos, e tomou parte em todas as negociações. O esforço valeu.

Eugênio Bucci

MINHA VIDA DE

CACHORRO ★★☆☆

(My Life As a Dog, Suécia, 1985)

Direção: Lasse Hallström. Com Anton Glanzelius, Anki Lindén, Melina Kinnaman. Globo Video.

Um filme raro, sem maniqueísmos ou exageros, que não embarca no dramalhão para falar de sensibilidade. Ingemar (Anton Glanzelius) tem 10 anos em 1958. Seu pai é desconhecido. Sua mãe está muito doente. A agitação do menino a irrita e fatiga, por isso ele e seu irmão são despachados cada qual para um lugar distante. Ingemar vai para a casa de um tio, no interior, infeliz, sem seu cachorro e nenhum conhecido. Mas poderia ser pior. Ele poderia estar sozinho e morrendo de fome como a cadela Laika, o primeiro ser vivo lançado no espaço. Ele está sempre fazendo esse tipo de comparação.

"Existem coisas muito piores do que isso por que estou passando", reflete filosoficamente... Seu tio é técnico de um time de futebol mirim onde o melhor jogador é uma menina, Saga (Melinda Kinnaman), que também é a campeã de boxe da turma. A andrógina Saga, que faz tudo para esconder os seios, se torna sua melhor amiga na cidadezinha, onde todos os habitantes parecem excêntricos. Aos poucos, ela vai lhe dominando e seduzindo. Ele se sente ainda mais introvertido e perdido. Tudo o que ele quer é o seu cachorrinho.

O filme entrou em exibição apenas em pequenas salas nos EUA, dois anos após sua realização, na mesma temporada em que Spielberg, Malle e Boorman apresentaram suas superproduções estreladas por meninos. Cativou o público, a crítica e projetou o seu diretor como o grande

azarão do Oscar. Hallström, entretanto, não é um iniciante (seu primeiro filme é de 1975). *Minha Vida de Cachorro* é a sua obra-prima: um olhar infantil, riquíssimo de significado, que desperta ternura e perplexidade diante da condição humana.

M.P.

O FIO DA NAVALHA ★★☆☆

(The Razor's Edge, EUA, 1984)

Direção: John Byrum. Com Bill Murray, Theresa Russell, Catherine Hicks, James Keach. RCA-Columbia. Muitas vidas cabem numa vida. O jovem americano Larry Darrel (Bill Murray, excelente) tinha pela frente um futuro brilhante como corretor de ações, uma bela noiva aristocrata (Catherine Hicks), uma casa grande e um carro do ano. Mas, ao voltar de

COTAÇÕES SET:

★ RUIM
★★ REGULAR
★★★ BOM
★★★★ EXCELENTE
★★★★★ OBRA-PRIMA

sua experiência como enfermeiro na Primeira Guerra Mundial, resolveu chutar tudo para o alto, sair pelo mundo e procurar um sentido para a vida. Este filme, baseado no caudaloso romance homônimo de Somerset Maugham, é a história dessa procura, que passa pelo trabalho em minas de carvão na França e culmina numa peregrinação às montanhas sagradas da Índia. É lá que, de um velho mestre lamaísta, o rapaz ouve a lição fundamental: "O caminho da salvação é estreito e perigoso como o fio de uma navalha". Drama, guerra, romance, aventura — muitos filmes cabem neste filme, que pode não ser tão bom quanto a versão de 1946 mas é um programa. J.G.C.

O PRIMEIRO ANO DO RESTO DAS NOSSAS VIDAS ★★☆☆

(St. Elmo's Fire, EUA, 1985)

Direção: Joel Schumacher. Com Emilio Estevez, Rob Lowe, Andrew McCarthy, Demi Moore, Judd Nelson, Ally Sheedy, Mare Winningham. RCA-Columbia.

Francis Ford Coppola revelou para o mundo em 1983 alguns dos mais jovens talentos do cinema americano com seu *Vidas Sem Rumo*, como Emilio Estevez, Rob Lowe e Matt Dillon. Aproveitando o sucesso das novas estrelas, Schumacher (*Os Garotos Perdidos*, 1987) fez uma versão yuppie de *O Reencontro*, de Lawrence Kasdan (de 1983), com *St. Elmo's Fire*, reunindo "sete magníficos" recém-formados na universidade e seus pequenos problemas. Com um enredo fraco, sustentado pelo bom desempenho dos atores, Schumacher retrata uma geração que derrubou os padrões da juventude transviada — os executivos bem-sucedidos, cheios de grana e cocaína.

O ponto alto do filme é a forte amizade que os une, reforçada a cada novo encontro no St. Elmo's Bar, quase inabalável com as intrigas que surgem no dia-a-dia. Em alguns aspectos eles bem se parecem com uma versão adulta dos *Peanuts*, só que no lugar do campinho de beisebol existe uma mesa de bar. D.P.

PRISIONEIRO SEM NOME ★★

(*Prisoner Without a Name, Cell Without a Number*, EUA, 1983)

Direção: Linda Yellen. Com Roy Scheider, Liv Ullmann, Sam Robards. DIF.

Roy Scheider é Jacobo Timerman, um jornalista judeu que, por ousar denunciar as atrocidades cometidas pelo regime militar argentino, é preso e torturado. É apenas o começo de seu calvário. Ao sair da prisão, Timerman é confinado em sua própria casa e obrigado a dividi-la com os guardas escalados para vigiá-lo. Estes, gradualmente, estenderão os limites do arbítrio à mulher (a bergmaniana Liv Ullmann) e aos filhos do jornalista. Sucumbindo à tortura psicológica, estes abandonarão a residência. Jacobo Timerman está só agora e, confinado em seu quarto, deve lutar contra a insanidade.

O filme começa bem, mas cai da metade para o final, justamente quando Timerman é transferido para casa. O drama do jornalista, passando para o primeiro plano, dilui o impacto do filme, supostamente um libelo contra as ditaduras militares. Não se aprofunda tampouco a discussão sobre o papel da imprensa em tempos de crises. Resultado: até mesmo a tentativa de traçar um paralelismo entre o governo militar argentino e o nazismo acaba naufragando em meio à inconsistência do roteiro. Desta vez, a arte ficou aquém da realidade. P.C.

INSIDE OUT ★★

(EUA, 1986)

Direção: Robert Taicher. Com Elliott Gould, Howards Hessean, Jennifer Tilly. Transvideo.

Um argumento curioso, de marcante influência literária. Jimmy é um americano de mais de 30 anos que vive trancafiado em seu apartamento e não sai em hipótese alguma, por sua própria vontade.

Com sua secretária eletrônica, ele atende às chamadas que quer e controla seu escritório por telefone. Para quebrar a rotina, transa com

garotas de agência. Uma faxineira cuida da casa sem muita interferência, e ele faz exercícios saudáveis numa bicicleta ergométrica, enquanto assiste a uma paisagem em movimento na TV, como se pedalasse na rua. Um tipo de vida aparentemente ideal em praticidade, evitando a convivência com outras pessoas. Mas é justamente essa "vida no automático" que deixa Jimmy deprimido e sem motivação pra fazer alguma coisa criativa além de acionar o controle remoto. A monotonia é rompida quando ele descobre que seu sócio o enganou, levando-o à falência. O filme — ainda bem — não tira muitas conclusões nem tem um final definitivo. Elliott Gould, na pele do introspectivo personagem, faz um ar entediado sob medida para o papel. Os leitores de Kafka vão gostar. C.G.L.

ROMANCE

ELA VAI TER UM BEBÊ ★★

(*She's Having a Baby*, EUA, 1988)

Direção: John Hughes. Com Kevin Bacon, Elizabeth McGovern, William Windom, Paul Gleason. CIC.



O que o espectador jovem tem em comum com os personagens do diretor/roteirista John Hughes? A marca do cigarro? Embora as historietas do criador de *A Garota de Rosa-Shocking* pareçam ter sido sintetiza-

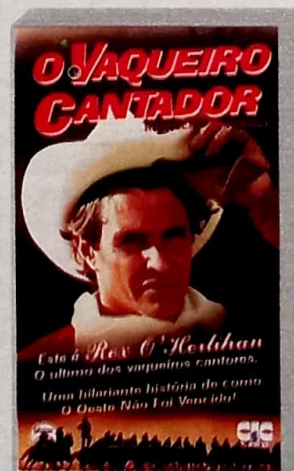
das a partir de personagens de anúncios de cigarros e refrigerantes e outros produtos que "enriquecem" a cultura de parte da juventude dos anos 90, existe sempre uma autêntica simpatia pelos estereótipos juvenis que aparecem na tela. As crianças perdidas e apaixonadas de Hughes em *Ela Vai Ter um Bebê* resolvem amadurecer à custa de uma gravidez não muito bem planejada. Kristi (Elizabeth McGovern) e Jake (Bacon) vivem um casal, de começo, pouco seguro sobre o casamento, mas aproximado, paradoxalmente, pelo desencontro da vida de marido e mulher. O romance, amarrado com frágeis toques realistas e com a trilha sonora assinada por Stewart Copeland (*Rumble Fish*), fará amolecer as plateias juvenis. D.G.

WESTERN

O VAQUEIRO CANTADOR ★★

(*Rustlers' Rhapsody*, EUA, 1985)

Direção: Hugh Wilson. Com Tom Berenger, G.W. Bailey, Andy Griffith, Fernando Rey, Patrick Wayne. CIC.



Os amantes do western clássico podem até não gostar de ver a que são reduzidos seus ídolos nesta paródia do gênero, mas certamente encontrarão nela alguns motivos para rir. E, querendo, podem também comparti-

lhar com os não-aficionados uma oportunidade bem-humorada para refletir um pouco em torno do moralismo obtuso e da inverossimilhança sobre os quais se funda a mitologia do oeste americano. Rex O'Herlihan (Tom Berenger) é um Dom Quixote moderno que, montado num Rocinante aprimorado, chega a Oakwood movido pela ânsia de vagar pelo mundo curtindo a solidão, o som de seu violão e algumas raízes comestíveis. Como não poderia deixar de ser, ele se envolve num tiroteio sangrento logo no primeiro saloon em que entra e, é claro, lá mesmo encontra seu Sancho Pança, o bêbado Peter (G.W. Bailey), que passa o tempo todo debruçado sobre o balcão por absoluta falta do que fazer. A partir daí, desenvolvem-se diálogos interessantes abordando os clichês do western e explicitando o forte conteúdo moral eludido pela aparência do mocinho — um bom rapaz que não bebe, não usa drogas e quase não trepa — e o maniqueísmo embutido nos conflitos. E é exatamente por ter consciência de que os maus sempre saem perdendo no final da história que o coronel Ticonderosa (Andy Griffith), o vilão, aliando-se ao barão da ferrovia (Fernando Rey), contrata Bob Barner (Patrick Wayne), também um bom moço, para vencer Rex num duelo. E aí as coisas se complicam. T.M.

SEM LEI E SEM ALMA ★★

(*Gunfight at the O.K. Corral*, EUA, 1957)

Direção: John Sturges. Com Burt Lancaster, Kirk Douglas, Rhonda Fleming, Jo Van Fleet. CIC.

Nova versão da amizade real entre o xerife durão Wyatt Earp (Lancaster) e o ex-almofadinha e agora jogador forrada-lei "Doc" Holliday (Douglas). John Ford já a retratara onze anos antes, em *Paixão dos Fortes* (*My Darling Clementine*), onde frisava uma espécie de triângulo amoroso enunciado com a "querida" Clementine do título original. O filme de Sturges detém-se na relação entre Earp e Holliday. Se há várias diferenças

no roteiro, ambos são filmes sobre uma amizade que culmina no famoso tiroteio de O.K. Corral, dos irmãos Earp contra os Clanton. O clímax é o que dá título ao filme de Sturges. E Lancaster e Douglas fazem as vezes de Henry Fonda e Victor Mature. O filme de Ford é um clássico no gênero. O de Sturges não ultrapassa os limites de uma produção corretamente dirigida, sem rompantes de imaginação, numa época em que o faroeste já havia oferecido as suas melhores idéias.

Bom e típico western, sugerido por um artigo jornalístico de George Scullin e com a suntuosidade perdida do VistaVision, que oferece motivos isolados para ser acompanhado com interesse nestes tempos de impaciência: a canção-tema, interpretada por Frankie Laine e de sabor deliciosamente genuíno; uma ponta de um Dennis Hopper jovem, como o Clanton mais novo, fazendo o tipo frágil, bom e incompreendido; além de DeForest Kelley, um dos irmãos Earp, que voltaria para o mesmo cenário pouco mais de dez anos depois num dos episódios de *Jornada nas Estrelas*, só que nas vestes do dr. McCoy. Ch.P.

FICÇÃO

STAR TREK, A NOVA GERAÇÃO VOLUME III ★★

O Último Posto Avançado (*The Last Outpost*, EUA, 1987). Direção: Richard Colla. Com Patrick Stewart, Jonathan Frakes, Denise Crosby.

Onde Ninguém Esteve Antes (*Where No One Has Gone Before*, EUA, 1987) Direção: Rob Bowman. Com Patrick Stewart, Jonathan Frakes, Will Wheaton, Gates McFaden. CIC.

Enquanto a nova equipe de *Jornada nas Estrelas* não aterrissa na TV brasileira, o vídeo oferece mais uma vez a oportunidade de conhecer a série reformulada, que conserva inclusive seu título original: *Star Trek*. Em *O Último Posto Avançado*, a Enterprise, agora sob o comando do capitão

TRON — UMA ODISSÉIA ELETRÔNICA ★★

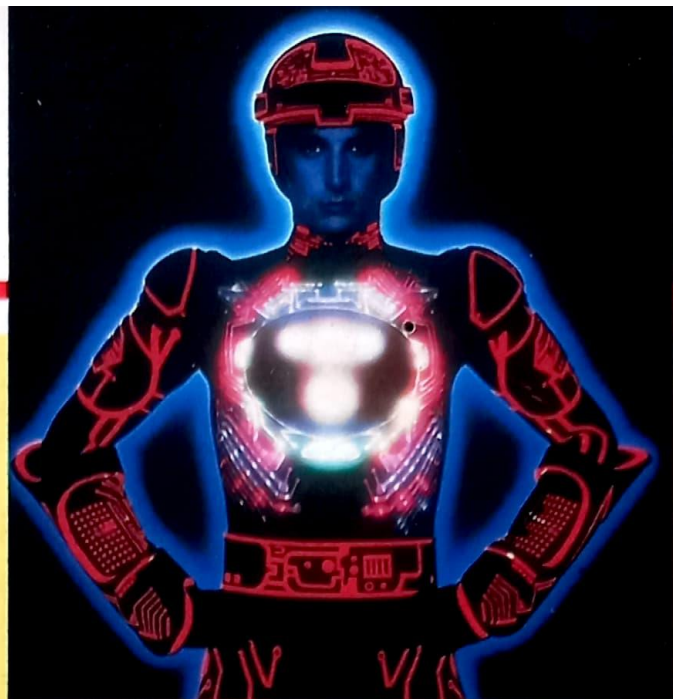
(Tron, EUA, 1982)

Direção: Steven Lisberger. Com Jeff Bridges, David Warner, Bruce Boxleitner, Cindy Morgan. Abril Video.



Walt Disney costumava dizer que é preciso "começar com uma história, e só depois fazer o filme". Uma máxima praticamente ignorada por seus estúdios na realização de *Tron* — que se baseia, antes de mais nada, na concepção visual de um universo imaginário, computadorístico, e em suas paixões rasas e velozes, como as de um videogame. Isso pode explicar o quanto o filme foi subestimado à época de seu lançamento, considerado "fraco de roteiro e pouco envolvente". Mas *Tron* resiste à revisão e prova que, para além dos visuais deslumbrantes — ainda que através deles —, é uma boa fábula

Jean-Luc Pickard (Patrick Stewart), persegue uma nave de Ferengis, alienígenas mercadores e belicosos. Em meio à caçada, as duas naves são atraídas e paralisadas por forças de um estranho planeta. Em visita ao tal planeta, membros das duas tripulações descobrem seu único sobrevivente, o Guardião, que, após uma espécie de "juízo final", pretende destruir as duas naves. Agindo com muita sabedoria, o comandante William Riker (Jonathan Frakes), da Enterprise, convence o



O ser computadorizado da odisséia informática de Tron

da idade da informática.

Ao contrário de outro filme em que convivem atores e animação, *Uma Cilada para Roger Rabbit*, onde o homem criou o cartoon à sua imagem e semelhança (exceto por um ou outro ingrediente de coelho ou pato...) e se vira como pode no contexto humano, *Tron* mostra um outro mundo. E um humano que lá cai vai encontrar duplos de seu próprio mundo metidos na disputa de um infindável jogo eletrônico, onde um programa de computador substitui o destino, e se fala em um ser mítico, o "usuário"...

Jeff Bridges é Flynn, autor de programas de videogame pilhados pelo empresário Dillinger (David Warner), que, ao tentar "invadir" o programa principal da empresa, acaba, literalmente, caindo nele. É que um dos experimentos desenvolvidos pelos cientistas de Dillinger é o da decomposição e o da recomposição molecular da matéria por computador (parecido com a engenhoca de Cronenberg na refilmagem de *A Mosca*).

Guardião de que pretendiam apenas estudar os desconhecidos Ferengi. De longe, *Onde Ninguém Esteve Antes* é melhor que o primeiro episódio. Desta vez a Enterprise recebe a visita de Kosinski (referência maldosa ao leste europeu), um arrogante engenheiro de navegação que vem acompanhado de um alienígena doente. Acidentalmente programam uma viagem insólita, levando a nave a uma fantástica e desconhecida galáxia. Nela os pensamentos transformam-se em realidade, o que come-

Flynn é atacado e desintegrado pelo programa indecifrável, e reposto em seu próprio mundo fantástico. É aí que começa a festa dos efeitos especiais, com a geração, em computador, dos magníficos cenários tridimensionais, sempre cortados por veículos futuristas. Flynn, que além do mais é ótimo piloto de videogame, passa a combater Dillinger na figura do comandante Sark, um ser daquele universo, com a ajuda dos guerreiros Tron (Boxleitner) e a bela Yori (Cindy Morgan), até encontrar jeito de voltar à condição humana. Com talentos como o de Moebius (Jean Giraud, celebrizado na revista *Heavy Metal*) em sua equipe de desenhistas de produção, de Harrison Ellenshaw (da equipe que recebeu o Oscar de efeitos especiais por *O Império Contra-Ataca*) e de Wendy Carlos (ex-Walter Carlos, autor da trilha sonora de *2001 — Uma Odisseia no Espaço*), *Tron* surpreende, no mínimo, por seu tremendo detalhismo e pelo fascinante bom gosto de sua superprodução. Alex Antunes

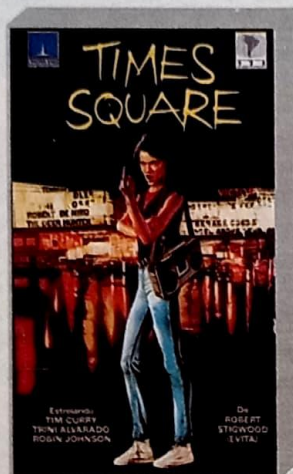
ça a desorientar a tripulação. O verdadeiro autor desse deslocamento e o alien chamado de Viajante. Para tentar o retorno da Enterprise, o Viajante recebe auxílio de Wesley Crusher (Will Wheaton), filho da dra. Beverly (Gates McFaden), médica de bordo. A utilização do onírico nesta história rompe com a barreira do tempo e com as inspirações de gosto duvidoso de outros episódios, projetando *Onde Ninguém Esteve Antes* à condição de pequena preciosidade da série. A.L.

AVENTURA

TIMES SQUARE ★★★

(EUA, 1980)

Direção: Alan Moyle. Com Robin Johnson, Trini Alvarado, Tim Curry, VTI.



Para que o filme fosse mais realista, faltou sexo e drogas, mas rock, o terceiro ingrediente dessa receita, ele tem de sobra. Pretenders ("Talk of the Town"), Suzy Quatro ("Rock Hard"), Lou Reed ("Walk on the Wild Side"), Talking Heads ("Life During") e Roxy Music ("Same Old Scene") são alguns dos nomes da trilha sonora, que é um achado que já compensa e supera a trama.

O que podia ser instigante foi bastante suavizado, mostrando duas adolescentes procurando ser independentes mas sem entrar em detalhes mais pessoais — como as primeiras experiências sexuais, por exemplo —, compondo uma espécie de clip divertido. Descontado esse aspecto, o filme agrada e surpreende. A "causa" é simpática: Nicky (Robin Johnson) é uma punk desgarrada que vai parar no mesmo quarto de hospital que Pamela (Trini Alvarado), filha de um político populista. A irreverência da primeira e a sensibilidade da segunda acabam fazendo delas uma dupla inseparável que, depois de fugir numa ambulância, vai morar num galpão abandonado. Os contrastes das ruas de Nova York

servem de pano de fundo para a história e as duas sobrevivem limpando pára-brisas e roubando daqui e dali. Pamela se libera e até dança (vestida...) num cabaré. Elas também se transformam numa popular dupla de rock, apoiadas por um disc-jóquei (Tim Curry).

O rapaz vira inimigo do pai de Pamela, enquanto as mocinhas resolvem "protestar" atirando televisores de cima dos prédios, numa literal chacina da mídia. Produzido por Robert Stigwood (*Evita*, *Jesus Cristo Superstar*), é um filme curioso, com boas surpresas, mesmo que o final vago seja mal solucionado. C.G.L.

FUNERAL EM BERLIM ★★★

(Funeral in Berlin, Inglaterra, 1966)

Direção: Guy Hamilton. Com Michael Caine, Paul Hubschmid, Oscar Homolka, Eva Renzi. CIC.



A Guerra Fria e o sucesso de James Bond deram oportunidade para que os anos 60 fossem soterrados por uma avalanche de filmes de espionagem. Em *Funeral em Berlim*, Michael Caine é Harry Palmer, um ex-ladrão e um quase agente britânico. Tem como missão ajudar a deserção do general soviético Stok, lotado em Berlim. Essa trama, aparentemente simples, envolve ex-nazistas e judeus que clamam por vingança. Com esses ingredientes, o filme vai se complicando numa sucessão de assassinatos. Um retrato fiel da esté-

tica dos anos 60, *Funeral em Berlim* envelheceu muito. Seu ritmo é lento e falta emoção. De qualquer forma, vale ver Michael Caine bancando o agente pobretão que circula de ônibus pelas ruas de Londres, um Bond às avessas. Guy Hamilton, que assina a direção, especializou-se em filmes de ação e é responsável por vários da série 007: *Goldfinger*, *Os Diamantes São Eternos* e *Viva e Deixe Morrer*. A.L.

ANOITECER

VIOLENTO ★★★

(Bullies, EUA, 1986)

Direção: Paul Lynch. Com Jonathan Crombie, Janet Laine Green, Stephen B. Hunter. Mundial.

Curioso filme de ação sobre uma família adepta da violência que domina uma cidadezinha à beira das montanhas. Num dia em que estão de mau humor, os "bad boys" derubam um casal de velhos num abismo. Pouco tempo depois, chegam à cidade alguns parentes dos mortos para reabrir a loja deles. Os novos habitantes não são nem um pouco bem-vindos e recebem dos Cullen várias agressões. O principal motivo da briga é Matt (Crombie), o rapazinho recém-chegado que começa a transar com uma garota do clã endiabrado.

Torturas, estupro e injustiças menores temperam a história com violência. Os últimos 30 minutos são os mais interessantes, com Matt enfrentando sozinho os brutamontes na fazenda deles. Para se safar, ele usa objetos do próprio lugar. E muito sangue rola pelo chão com soluções engenhosas e sem efeitos mirabolantes. C.G.L.

007 — OS DIAMANTES SÃO ETERNOS ★★★

(Diamonds Are Forever, Inglaterra, 1971)

Direção: Guy Hamilton. Com Sean Connery, Jill St. John, Charles Gray. Warner.

Sean Connery topou fazer este filme

com a condição de ser o último 007 em sua pele. Mas ele voltaria para um bis final em *Nunca Mais Outra Vez* (*Never Say Never Again*, 1984), depois de seis aventuras rodadas pelo seu sucessor Roger Moore. Nessa penúltima missão, Connery volta a se debater com o terrível Blofeld (Charles Gray), chefe da criminosa organização Spectre, que está envolvido num desvio de diamantes da África do Sul. Os fins são militares; Blofeld planeja construir um satélite com canhão laser, para destruir alvos civis e bases dos exércitos das duas potências. Por isso, a guerra fria é deixada de lado. Para tanto, Bond passa boa parte do filme com a identidade forjada de um agente da Spectre e conhece a bela Tiffany Case (Jill St. John), agente de Blofeld, que se redime da vida criminosa ao se curvar ao charme do agente inglês. Tal como os diamantes, em 007, o estilo de Sean Connery é eterno. W.S.

COMÉDIA

PRESENTE DE GREGO ★★★

(Baby Boom, EUA, 1987)

Direção: Charles Shyer. Com Diane Keaton, Harold Ramis, Sam Shepard, Kristina e Michelle Kennedy. Warner. Um dos mais bem-sucedidos representantes do boom pediátrico que domina o cinema norte-americano. J.C. (Diane Keaton) é uma competente executiva nova-iorquina que tem sua vida revirada ao receber de surpresa uma herança incômoda de parentes distantes: a rosadinha e bochechuda Elizabeth (interpretada alternadamente pelas gêmeas Kristina e Michelle), de 1 ano de idade. Instinto maternal versus projeto yuppie de ascensão e afirmação é a partida que se disputa no interior de J.C. Como se trata de uma convencional comédia romântica americana, todo mundo sabe que no fim vai dar empate. A direção de Shyer é competente e basta. A música de Bill Conti (com abomináveis coros infantis) e a

fotografia de William Fraker (com crepúsculos de cartão postal e filtros à la David Hamilton) ameaçam melar o drama, mas o elenco segura bem as pontas. E Diane Keaton resplandece, soberana. J.G.C.

CONFISSÕES DE UM ADOLESCENTE ★★★

(Brighton Beach Memoirs, EUA, 1986)

Direção: Gene Saks. Com Blythe Danner, Bob Dishy, Judith Ivey, Jonathan Silverman. CIC.

Às vezes parece que os americanos só conseguem falar com relativa profundidade sobre si mesmos ou sobre a própria família — especialmente se forem judeus e dramaturgos. *Confissões de um Adolescente*, ainda que leve, simpático e bem-humorado (ou talvez por isso mesmo), é a confirmação que fortalece a regra. Baseadas em peça da trilogia autobiográfica do superestimado Neil Simon (também roteirista) — cuja sequência é o divertido *Metido em Encrucas*, com Matthew Broderick —, essas “confissões” partem de uma modesta casa no Brooklyn nova-iorquino, no final dos anos 30, da pena de um rapaz de aproximadamente 15 anos: Eugene Morris Jerome. Ele é, evidentemente, imaginativo, espirituoso e, afora as taras pelo beisebol e pela prima, quer ser escritor. Vez por outra ele olha o espectador e comenta, em frases previsíveis mas quase sempre engraçadas, como é difícil conviver com seres de genes do mesmo time. Não faltam a mãe dominadora, o pai severo mas compreensivo, a vizinha boazuda que se vê por luneta, o irmão mais velho, admirável e cheio de princípios, a bela prima — um paixão platônica —, a priminha enjoada com sopro no coração, a tia viúva que está para tia, além da ameaçadora chegada iminente de um monte de parentes poloneses fugidos de Hitler... As semelhanças com *A Era do Rádio*, de Woody Allen, são tão grandes que temos a impressão de que as famílias dos dois filmes são vizinhas, o que não seria má idéia. D.B.

MATOU A FAMÍLIA E FOI AO CINEMA ★★★★★

(Brasil, 1970)

Direção: Julio Bressane. Com Renata Sorrah, Márcia Rodrigues, Antero de Oliveira. Transvídeo.

Uma das criações básicas do “udi-grudi” brasileiro — aquele movimento que filmava como não se deve filmar, *Matou a Família... e Foi ao Cinema*, permanece hoje como um marco na obra de Bressane, autor de filmes que primam pela descontinuidade, pelo silêncio, pela desdramatização e pela narrativa lúdica que se nega a pôr as coisas no lugar. Neles, a imagem em si é mais importante do que o que ela mostra. A sensação que o filme provoca é no mínimo desconfortante. Mas é até ingênuo e bem armado, perto de outras incursões estranhas do autor de *Tabu*, *Brás Cubas* e *Memórias de um Estrangulador de Loiras* (1971, indesculpavelmente ausente no pacote da Transvídeo). A trama básica (se é que podemos racionalizar um filme tão intuitivo, onde o fundamental é o acaso) mostra o amor entre duas mulheres (Renata Sorrah e Márcia Rodrigues).

Elas transgridem ao som de marchinhas arcaicas (“Oi que Terra Boa pra Se Farrear”) e violam proibições infantis, como dançar sobre o sofá. O tom oscila entre o dramalhão à la Nelson Rodrigues e o puro absurdo. Uma das amantes lê, à beira da piscina, a declaração de Dom Helder Câmara sobre a situação brasileira: “Eu sei, tu sabes, ele sabe, nós sabemos...” Numa das melhores se-



Márcia Rodrigues, Renata Sorrah e um presunto familiar

quências desse filme — que já foi apelidado de *O Ano Passado em Jacarepaguá* (numa referência ao fragmentado *Marienbad*, de Alain Resnais) —, as duas matam-se de amor enquanto riem ao som de um disco com a modinha de Roberto Carlos — “O nosso amor é puro...” A agulha emperra e os versos ficam se repetindo aos tropeços. O personagem-título que se refugia no escurinho do cinema após o crime tem a gratuidade de todos os bandidos do cineasta: sem perspectiva, programa, nada. Sabe-se perdido e não tem outra ordem fora a do desejo.

Assim são os bandidos de *O Anjo Nasceu* (1969), segundo João Silvério Trevisan: “um filme de dar dor no estômago”. Inclassificável! Uma obra-prima de desconstrução que liga arbitrariamente (como a maior parte de seus filmes) os planos entre si, o som e a imagem. O próprio fim

da narrativa é recusado, no longo plano fixo da estrada no final. Em *Cara a Cara* (1967), Bressane mostra conspirações políticas e um funcionário atrás de seu obscuro e inacessível objeto. *O Rei do Baralho* (1973, com Grande Otelo) foi rodado nos estúdios da Cinédia e brinca o tempo todo com os diálogos de duplo sentido e com os estereótipos nacionais da Chanchada e do teatro de revista. *A Família do Barulho* (1970) lembra também uma chanchada pelo título, mas trata de um universo animalesco e boçal onde família é uma quinquilharia imaginária distante. Filmes atípicos, arriscados, cruéis. Filmes parecidos com música, segundo Jairo Ferreira. Que violam todas as convenções do “cinema” clássico industrial. Uma aventura excitante para quem acredita em cinema como invenção.

Antonio Querino Neto

TILT ★★★

(Tilt, EUA, 1978)

Direção: Rudy Durand. Com Brooke Shields, Ken Marshall, Charles Durning. Tec Home Video.

Brooke Shields é “Tilt”, uma ninfeta viciada em fliperama que não pensa duas vezes para abandonar escola e família e seguir um roqueiro (Ken Marshall) interessado apenas em explorar o talento da menina nas máquinas de *pinball*. Shields é imbatível

e vai acumulando vitórias nos lugares por onde passa, até o confronto final com o *pinball wizard* Charles Durning. No início do filme, este espancou e humilhou o sócio da garota, que agora pretende se vingar, derrotando-o nas máquinas.

Apesar do final meloso e das caras e bocas de Brooke Shields, o filme funciona bem na tela pequena. O tom geral é o de um conto de fadas, no qual os vilões sucumbem à fragilida-

de inocente de Shields e à sua performance “fliperâmica”. Charles Durning (o pai de Jessica Lange em *Tootsie*) está ótimo, como sempre, e uma atração à parte é ver o seu desempenho à frente das máquinas. Que nunca, aliás, tiveram sua intimidade tão devassada como aqui, graças a algumas tomadas interessantes do interior das geringonças eletrônicas. Vale conferir.

P.C.

DOIS HERÓIS BEM TRAPALHÕES ★★★

(Crime Wave, EUA, 1985)

Direção: Sam Raimi. Com Louise Lasser, Paul L. Smith, Brian Jones, Sheree Wilson, Bruce Campbell, Reed Birney. Globo Video.



Não se engane com o título: é apenas mais um para engrossar as fileiras de títulos enganosos e equivocados. Trapalhadas o filme até tem de sobra, mas herói, e ainda por cima no plural, é forçar demais a barra. Não é uma comédia vulgar, como o nome sugere, mas sim uma comédia/aventura palhaça que usa a vulgaridade de forma inteligente e cômica. Toda a ação é conduzida na melhor tradição "B com orgulho": cenário com cara de cenário, atores desconhecidos e meio canastrões, abusos e excessos de todas as espécies... Explica-se: o precoce diretor Sam Raimi é também autor de *A Morte do Demônio* (*The Evil Dead*), cult de horror produzido com orçamento pífio e imaginação abundante, e da continuação, em ritmo de gargalhadas, *Uma Noite Alucinante* (*The Evil Dead 2*). Os roteiristas, ao lado de Raimi, são os não menos precoces e brilhantes Joel, diretor, e Ethan, produtor, ambos Coen, de *Arizona Nunca Mais* e *Gosto de Sangue*. Ou seja, a nata do recentíssimo cinema independente americano nos oferece agilidade nas movimentações de câmera, muita ação — mesmo que desconexa e gratuita —, farta utilização e respectivo desmoro-

namento de clichês. A história, se eu entendi direito, é mais ou menos assim: o dono de uma firma de segurança resolve sacanear o sócio, mas este descobre antes e contrata uma dupla de exterminadores para eliminá-lo. Um empregado bôco se envolve, totalmente por acaso, e acaba, ele também, sendo perseguido pelos exterminadores. Cruel, violento, absurdo, engraçado e demolidor. B.A.

SERVIÇOS ÍNTIMOS ★★★

(Personal Services, Inglaterra, 1987)

Direção: Terry Jones. Com Julie Walters, Alec McCowen, Shirley Stelfox. Globo Video.



"O futuro é dos perversos" — diz um dos decaídos personagens dessa "comédia" dirigida com competência pelo ex-Monty Python Terry Jones. Com um estilo cheio de enquadramentos desleixados e uma câmera que fixa melhor as coisas do que as pessoas (típica do cinema inglês dos anos 80), *Serviços Íntimos* mira toda sua iconoclastia no velho universo de um bordel. Christine (Julie Walters) é uma garçonete filha de um figurão. Cansada de sublocar para prostitutas seu apartamento, que tem na parede o que há de mais kitsch no mundo — o retrato de Lady Di e Cia —, decide ser cafetina. A moça se especializa num tal de "polimento francês" e seu luxuoso casarão é freqüentado até por oficiais da RAF reformados. Os ingle-

ses transgridem dentro de rígidos códigos: um quer palmadas no traseiro "feito imposto do governo", outro se veste de menininha, e outro só tem prazer totalmente amordaçado e trancado, entre as gentis visitas da polícia. Britânicos, fazem teatro de tudo, inclusive da cama que as mulheres manipulam racionalmente. O problema parece ser como adaptar a prostituição a um rígido sistema social. Terry Jones acha que, com um pouco de jeito, essa espécie de "serviço" continuará em alta no Reino Unido. Afinal, o país tem a cara de Maggie Thatcher, ou seja: a cara de 23 anos sem sexo. O filme explode em ironia quando contrasta com naturalidade a pompa dos hinos tradicionais com o cotidiano de uma sociedade que quer "envelhecer indignamente". A.Q.N.

MÉDICOS LOUCOS E APAIXONADOS ★★

(Young Doctors in Love, EUA, 1982)

Direção: Garry Marshall. Com Michael McKean, Sean Young, Harry Dean Stanton. Transvideo.



Um grupo singular de jovens residentes ingressa, no início do ano, em um hospital. Chegam com uma certa euforia de quem vai a um veraneio, e não ao exercício da função. Não apenas esses jovens doutores são bizarros como toda a equipe do hospital é completamente amalucada. Nesta doidivana comédia, cheia

de patetadas com sugestões à la Mel Brooks, a narrativa centra atenção na cobiçada interna Stephanie Brody (Sean Blade Runner Young) e no obstinado-meio-estúpido (porém brilhante) dr. Simon August (Michael McKean), que quer ser o maior cirurgião do mundo, mas guarda traumas de infância. Stephanie e Simon têm um caso embolado, enquanto rolam várias transinhas pelo hospital. O relevante, além das anedotas, são as caricaturas: Harry Dean Stanton está à vontade como o abilolado dr. Ludwig. Há desde mafiosos infiltradores a enfermeiras bailarinas e festinhas de arromba. A competência do elenco segura a eficiência da comédia, que transforma o hospital em algo muito diferente de segurança e tranquilidade. Pobres pacientes. W.S.

POLICIAL

UM LANCE NO ESCURO ★★★★★

(Night Moves, EUA, 1975)

Direção: Arthur Penn. Com Gene Hackman, Jennifer Warren, Melanie Griffith, James Woods. Warner.



É talvez um dos filmes mais franceses realizado por um americano desde a "Onda Nova" de Godard e contemporâneos. Já a abertura, retratista e com música "florida", demonstra um maneirismo psicológico seme-

lhante ao dos parentes além-Atlântico. Trata-se de um thriller intrincadamente elaborado pelo roteirista Alan Sharp, que muitas vezes nos remete a um estudo sobre a fatalidade, a pequenez humana.

As referências ao cinema francês são tão explícitas que Susan Clark, aqui casada e traindo Gene Hackman com Harris Yulin, convida o seu marido para assistir a um filme de Eric Rohmer. Hackman revida que assistir a Rohmer é como ver um quadro ainda molhado, escorregadio. Se Penn (*Bonnie and Clyde*), ainda em grande forma, deixa passar uma "crítica" ao estilo existencialista do consagrado diretor do vazio, ele se preocupa, igualmente, em recheiar a sua trama com elementos típicos de mosaicos franceses. Hackman é um detetive particular de Los Angeles contratado por uma atriz aposentada para encontrar a sua jovem e louca filha (Griffith, na flor de seus 18 anos e antes de explodir em *Dublê de Corpo*), supostamente escondida no México.

A trama se enrodilha numa sensualidade perturbadora, principalmente porque as personagens não se contentam em ser comuns. Hackman joga xadrez enquanto espia de seu carro, já a sua casa apresenta lentes de aumento nas janelas que ampliam o espaço dramático. Jennifer Warren, a sua liberal conquista erótica no México, é treinadora de golfinhos. James Woods faz o seu gênero vilanesco altamente energético antes mesmo de ser famoso.

Penn trabalha com cenas repetidas, misteriosas, quase surrealistas. O seu suspense nunca é o que aparenta ser. Lentamente descamba para um angustiante final em aberto, onde um filme de espelhos e vidros destrói todas as expectativas. O destino, aqui, brincou com classe.

Ch. P.

CORPOS

ARDENTES ★★★★★

(*Body Heat*, EUA, 1981)

Direção: Lawrence Kasdan. Com William Hurt, Kathleen Turner, Richard Crenna, Ted Danson, J.A. Preston. Warner.

Por sua sutileza de clima, seus diálogos econômicos porém cortantes, o cinema *noir* é um gênero de estimação dos roteiristas de Hollywood. Não é à toa que foi o escolhido por um roteirista de sucesso como Lawrence Kasdan (*O Império Contra-Ataca* e *Caçadores da Arca Perdida*) para a sua estréia na direção. Como também o faria David Mamet, autor de *O Veredito* e *Os Intocáveis*, dirigindo este ano *Jogo de Emoções*. Mais até do que Mamet, Kasdan acertou magnificamente a mão, conseguindo aquela mágica ambivalência, entre o moralmente repulsivo e o fascinante, dos velhos policiais. (Vale lembrar que, quatro anos depois, ele tentaria o mesmo em relação ao western — com resultados menos aplaudidos —, em *Silverado*.)

Um dos trunfos de Kasdan, para além da perfeita manipulação dos clichês "negros" do roteiro, foi a escolha do elenco. O frágil William Hurt, vindo de sua estréia em *Viagens Alucinantes*, encara à perfeição o advogado meio caipira e relapso, metido porém a conquistador. Um talento para o policial confirmado depois no investigador russo do gelido *Mistério no Parque Gorki*. Aqui, ao contrário, as coisas fervem — em boa parte graças ao grande achado do diretor: Kathleen Turner, que esbanja veneno em seu primeiro papel, uma *blondie* rouca de amor e perigo, sa como não se via desde Lauren Bacall. É ela, a dúbia milionária Matty Walker, que vai arrastar o "doutor" Ned Racine em uma trama



A ardente Kathleen Turner em seu primeiro papel

assassina, seduzindo-o e devorando-o antes que o homem bem identifique o desenho de sua teia. Aí, o dado diferencial na modernização do filme *noir*: o erotismo escancarado — e incompatível com os códigos da Hollywood da época de ouro do policial, na década de 40 — que *Corpos Ardentes* compartilha, por exemplo, com a refilmagem de *O Destino Bate À Sua Porta* (aquela com Jack Nicholson e Jessica Lange, dirigida por Bob Rafelson e roteirizada, exatamente, por Mamet).

As tórridas cenas de sexo fazem jus, antes, à literatura policial de Hammett e Chandler, que sempre embutiram as paixões — em particular as mais sórdidas — como motor de suas histórias. Mas a melhor referência literária, aqui, é James Cain (autor de *O Destino...*): é bem à sua maneira que em *Corpos Ardentes* as brechas da lei e os rachas do amor são explorados por personagens de

pouco escrúpulo. Na busca do dinheiro e da liberdade, a primeira vida a ser posta em risco é a do verdadeiro dono da fortuna, Edmund Walker (Richard Crenna), o marido de Matty. É claro que não é tão fácil como isso: Ned vai ter que descascar as diversas camadas desse caso (bem) mal contado, tentando chegar ao cerne a tempo de salvar a pele. Mas é claro que a real ameaça nunca vem de onde se espera. A melancólica trilha de John Barry — um dos melhores trabalhos do compositor — dá o tom. Boas participações de Mickey Rourke — que dubla o roqueiro Bob Seger enquanto monta explosivos mortais — e Ted Danson, o promotor do lugarejo do litoral da Flórida, que arrisca uns passos de dança enquanto espera o colega colocar o pescoço na corda. Por amor. Quando o calor aperta, as pessoas fazem coisas estranhas...

Alex Antunes

QUALIDADE E EFICIÊNCIA

AV.: PACAEMBÚ, 1702 - CEP. 01234 - TEL.: 864-9111

EM FITAS SELADAS



O FUGITIVO ★★

(Hitch-Hike, Itália, 1977)

Direção: Pasquale Festa Campanile. Com Franco Nero, Corinne Clery, David Hess. Century.

O italiano Pasquale Festa Campanile sempre foi mais festejado como roteirista do que como diretor, embora houvesse realizado um sem-número de filmes nos anos 70, principalmente comédias.

Aqui, além de dirigir, ele é também um dos autores do roteiro. Franco Nero é um jornalista em crise existencial (um dos motivos é o fato de ser casado com a filha de um milionário) que viaja pelo deserto da Califórnia em companhia da mulher (a bela e sensual Corinne Clery, de *História de O*). Esta suporta o melhor que pode os ataques do marido e suas constantes bebedeiras. Certo dia eles oferecem carona a um desconhecido sem saber que este é um perigoso assaltante.

A tensão brota do relacionamento entre os três e cresce à medida que a viagem prossegue. O filme tem o mérito de traçar com exatidão o perfil psicológico dos personagens, mas cai da metade para o final, quando dois outros bandidos (um casal gay) entram em cena. Ainda assim é um filme sempre interessante, a despeito de Campanile ter optado pela solução mais fácil no final. P.C.

SUSPENSE

O MENSAGEIRO DA MORTE ★★

(When a Stranger Calls, EUA, 1979)

Direção: Fred Walton. Com Charles Durning, Carol Kane, Colleen Dewhurst, Tony Beckley. Tec Home Video.

Jill Johnson (Colleen Dewhurst) é uma inocente baby-sitter fazendo seu trabalho noturno. Toca o telefone. É um homem com uma voz ameaçadora e um sotaque britânico. Ela está no andar de baixo da casa. No andar de cima, duas crianças supostamente dormem. O estranho volta a ligar. O suspense cresce até o

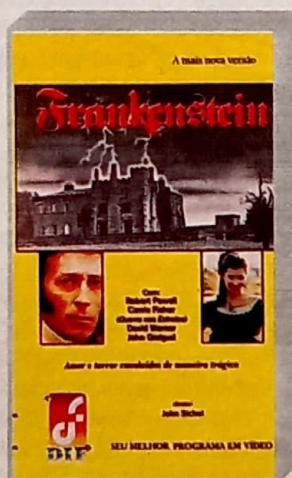
climax sangrento e inesperado. Isto é apenas o prólogo (e talvez a melhor parte). A ação continua sete anos depois, quando o psicopata telefônico (Tony Beckley) escapa do manicômio judiciário e volta a ameaçar a comunidade (e a ex-baby-sitter, agora convertida em mãe de família). Só quem pode detê-lo é o veterano detetive John Clifford (Charles Durning, de *Golpe de Mestre*). Clipes gastos e boas cenas de suspense se equilibram nesta produção barata com efeitos acima da média. Vale experimentar. J.G.C.

TERROR

FRANKENSTEIN ★★

(Frankenstein, Inglaterra, 1984)

Direção: James Ormerod. Com Robert Powell, Carrie Fisher, David Warner, John Gielgud. DIF.



Não há quem não conheça a história do monstro recauchutado com pedaços de cadáveres. Esta versão tem, ao menos, o mérito de ser bastante fiel à novela gótica de Mary Shelley — uma parábola até certo ponto moralista sobre os limites da Ciência, recheada com divagações metafísicas que ilustram as imperfeições do homem frente ao poder criador divino. A exemplo do texto original, o monstro aqui é retratado em toda a sua dimensão humana. Uma criatura fadada a suportar o estigma da deformi-

dade física e condenada à solidão por toda sua existência. Incapaz de gerar outros sentimentos que não sejam terror e repulsa, o monstro clama, inutilmente, por uma companheira, enquanto seu criador é punido por ousar comparar-se a Deus em sua ambição de gerar a vida a partir da morte.

O elenco de nomes conhecidos, no qual desponta o veterano ator britânico John Gielgud como o eremita da cabana, não é suficiente para dar vida plena a esta modesta produção realizada para a TV. O filme nos faz sentir saudade do velho Boris Karloff e dos monstros ingênuos, mas sempre eficazes, da Universal. P.C.

SEXTA-FEIRA 13, O

LEGADO ★★

(Friday the 13th, the Legacy, EUA 1987)

A Herança (The Inheritance). Direção: William Fruet.

O Cupido Diabólico (Cupid's Quiver). Direção: Atom Egoyan. Com John De Le May, Robey, Christopher Wiggins. CIC.

Dois episódios produzidos para a TV, apenas com o título homônimo aos intermináveis *Sexta-Feira 13* que invadiram os cinemas. Na série não há Jason, lago Cristal ou assassinatos tão escabrosos. Após a morte do tio Lewis, os primos Micki (Robey) e Ryan (John De Le May) recebem como herança uma loja de antiguidades. Só que o tio Lewis fez um pacto com o diabo, que torna malditos e assassinos todos os objetos da loja. A missão de Micki e Ryan é recuperar todas as peças vendidas. Eles têm o auxílio de Jack Marshak (Christopher Wiggins), um velho amigo do falecido Lewis. No primeiro episódio, *A Herança*, a dupla de primos é informada de que ganhou a loja e tenta resgatar uma boneca assassina que foi presenteada a uma menina nada comportada. Já em *Cupido Diabólico*, rapazes muito feios ou nada atraentes se valem das setas de um cupido de cara deformada para conquistar garotas. Este *Sexta Feira 13* lembra o clima de horror

das antigas e bizarras produções da Hammer — que tinha como astros Christopher Lee e Peter Cushing —, só que em ritmo de aventura. Existe um requinte com os movimentos de câmera, como o *travelling* na chuva na abertura de *A Herança*, pouco comuns a produções para TV. O principal problema da série são os roteiros, que criam situações muito simplistas com resultados óbvios e direções mornas, incapazes de criar verdadeiro suspense. A.L.

ERÓTICO

MONJAS PECADORAS ★

(Convent of Sinners, Itália, 1986)

Direção: Dario Donati. Com Eva Grimaldi, Karin Well, Gabriele Gori, Gil da Germano. América

Em 1966, o filme *A Religiosa Suzanne Simonin*, de Jacques Rivette — baseado no livro *A Religiosa*, de Diderot —, foi proibido pela censura francesa, acusado de "ofender as consciências de uma enorme parcela da população". A proibição causou a indignação da inteligência mundial e o então ministro da Cultura da França, o escritor André Malraux, mereceu uma carta aberta sarcástica e irada de Jean-Luc Godard. Este pseudo-remake, pelo obscuro Dario Donati, é pura picaretagem. As distribuidoras de cinema e vídeo deveriam lançar o original de Rivette no lugar deste tremendo abacaxi.

Após ser violentada pelo padrao, uma relutante jovem é forçada a entrar para um convento digno de causar inveja ao próprio capeta. Longe de serem modelos de virtude e bondade, as freiras são perversas, invejosas e lascivas, sempre dispostas a levantar o hábito para a prática de atividades pouco condizentes com a moral cristã. Nudez e flagelação não faltam nesta produção Z. Mas não espere carícias ou torturas demoradas. As cenas mais "fortes" duram poucos segundos. Tudo soa falso e sensacionalista. Diderot não merecia isso. P.C.

GARGANTA PROFUNDA ★★

(Deep Throat, EUA, 1972)

Direção: Jerry Gerard (Gerard Damiano). Com Linda Lovelace, Harry Reems, Dolly Sharp, Zircon.

1972 foi um ano chave para o cinema explícito, ano dos clássicos *O Diabo na Carne de Miss Jones*, *Atrás da Porta Verde* e *Garganta Profunda*. *Garganta Profunda* é ainda a maior bilheteria do gênero, inclusive no Brasil, onde foi liberado depois de anos. A história de Linda Lovelace, a mulher com clitoris na garganta, já virou folclore. Sua façanha de engolir todo o equipamento do dotadão Harry Reems continua no "livro Guinness" do sexo. O filme se resume à busca de Linda por prazer oral. O resultado é engraçado.

Com o dobro de glamour, os terríveis Dark Bros., hoje em dia, arrepiam extravagâncias muito mais duras de engolir. Mas, na época, Gerard Damiano, o lendário diretor de *Miss Jones*, chegou a assinar a obra com um pseudônimo... M.P.

— o Titicaca. Pedro é um aviãozinho que faz uma perigosa viagem pelos Andes do Chile até a cidade argentina de Mendoza. *O Gaúcho Pateta* é um tipo de cowboy dos pampas argentinos com seus hábitos de caça, churrascos e dança. O último episódio é o mais alegórico, não apenas pela bela "Aquarela do Brasil", de Ary Barroso, mas também porque nele nasceu o personagem Zé Carioca (uma paródia do carioca malandro), que como cicerone mostra a beleza do Rio (daquela época) e o gingado faceiro do samba. Narrado em português, a locução tem o padrão Disney. Este lançamento é curioso, pelo seu didatismo técnico, pelo momento histórico dos Estúdios Disney e, lógico, por sua brilhante animação. W.S.

"fuzilado" pelo guitarrista Robbie Krieger em "Unknown Soldier", ou improvisando versos sobre um acidente automobilístico recém-ocorrido no local, durante a aterradora execução de "The End"; estas são só algumas dentre as várias pérolas. É o que se ouve é um som fulgurante. Até que, como diz a canção: "When the music is over, turn out the lights..." C.P.

MARY POPPINS ★★★

(EUA, 1964)

Direção: Robert Stevenson. Com Julie Andrews, Dick Van Dyke, David Tomlinson, Glynis Johns, Karen Dotrice, Matthew Garber. Abril Vídeo.



Mary Poppins é a governanta (nanny, em inglês, é mais simpático) que toda criança gostaria de ter. Ela é divertida — sabe como transformar a chatíssima arrumação do quarto em uma brincadeira —, ela é engraçada, ela enfrenta o pai autoritário, ela canta e dança, ela é bonita e tem poderes, bem pouco comuns, como voar com um guarda-chuva ou fazer os cavalos de um carrossel saírem galopando pelos campos. Quem viu Mary Poppins quando criança — e agora tem a oportunidade de rever — deve-se lembrar justamente da personagem, baseada no livro do mesmo nome, de P.L. Travers, e de algumas bem-sucedidas cenas de animação e personagens reais. Os números musicais,

Os vídeos mais alugados

1 E.T. — O Extra-Terrestre

(CIC)

2 Robocop

(Globo)

3 Atração Fatal

(CIC)

4 Um Hóspede do Barulho

(CIC)

5 Os Intocáveis

(CIC)

6 Uma Janela para o Amor

(Trans Vídeo)

7 Feliz Ano Velho

(Trans Vídeo)

8 A Cor Púrpura

(Globo Vídeo)

9 Querem Me Enlouquecer

(Warner)

10 Garotos Perdidos

(Warner)

FONTES: Omni, 2001; Rentacom, Real Vídeo, Vídeo Factory, Vídeo Norte (SP); Vídeo 4 Clube, Vídeo Clube Shack, Vídeo Laranjeiras (RJ); Cinemateca Ltda. (MG); Vídeo Hobby (BA); Vídeo Locadora Gaucha (RS); Vídeo Service (DF).

ainda que haja alguns muito bons, como a dança dos limpadores de chaminés nos telhados, são excessivamente longas e arrastadas. Julie Andrews, estreando nas telas na pele de Mary Poppins, canta bem e tem graça; Dick van Dyke, amigo e admirador de Mary, é engraçado e sapateia direito, mas o encanto de canções inspiradas como "Chim Chim Cher-ee" (que ganhou o Oscar de melhor canção) ou de coreografias bem sacadas acabam sucumbindo ao peso da insistência. É pena, porque a história e seus personagens peculiares poderiam cativar tanto crianças como pais. Mr. Banks (Tomlinson) e Mrs. Banks (Johns) — pais ausentes e muito preocupados consigo mesmos — precisam contratar uma nova nanny para Jane (Dotrice) e Michael (Garber). Quem aparece é a amalucada Mary Poppins. Poppins transforma a sisuda família — ensina pais e filhos a se conhecerem e a se divertirem juntos.

B.A.

ANIMAÇÃO

ALÔ AMIGOS ★★★

(Saludos Amigos, EUA, 1952)

Direção: Walt Disney. Abril Vídeo.

Com sua animação em plena Idade de Ouro, Disney saudou o lado de baixo da linha do Equador com este tributo animado. Em 1941, com uma equipe de 15 dos seus melhores desenhistas, músicos e roteiristas, ele partiu para a América do Sul. A primeira parte desta fita mostra a equipe em suas andanças à procura de lugares exóticos e inspiração. Após a breve introdução seguem-se os produtos animados da viagem. São quatro episódios: *O Lago Titicaca*, *Pedro*, *O Gaúcho Pateta* e *Aquarela do Brasil*. Trechos de documentários entrecortam os desenhos, com a equipe de produção em trabalho. Na Bolívia, o Pato Donald é um turista que convive com índios, lhamas indóceis, alturas vertiginosas e navega pelo mais alto lago do mundo

THE DOORS LIVE AT THE HOLLYWOOD BOWL ★★★★★

Direção: Ray Manzarek. Com The Doors. CIC.

Finalmente, no indigente mercado nacional de vídeos musicais, um lançamento de rara qualidade e digno de todos os louvores, apesar de conter vários dados equivocados em sua contracapa. Trata-se, na verdade, do show que os Doors fizeram em 5 de julho de 1968, no gigantesco Hollywood Bowl, pouco antes de lançarem o seu terceiro álbum. Para essa noite de gala, os Doors não só colocaram 60 000 watts de potência no palco como também usaram mais três câmeras, além das duas que habitualmente registravam seus shows. Decididos a resgatar esse tesouro, o tecladista Ray Manzarek e o baterista John Densmore juntaram-se ao produtor Rick Schimidlin e em 1987 lapidaram o diamante bruto na forma deste vídeo, com a ajuda da tecnologia digital. O que se vê é o êxtase de mais de 12 000 pessoas diante do carisma absoluto de Jim Morrison, no frenesi de "Light My Fire", sendo

VÍDEO BAN EM RITMO DE FESTA

VEM AI!!!
O MELHOR DO

CARNAVAL

S9

AGUARDE
LANÇAMENTO



Disponível a partir de 10.02.89
RESERVE JÁ



Mais um
lançamento



**VIDEO
BAN**

DISCO VIDEO FONOGRÁFICA LTDA.

Rua Pinheiros, 20 — 7º andar — 05422

Pinheiros — São Paulo — SP

Tels.: (011) 282-0945 — 883-7095

TELEX: 11 36550

Made in Brazil

**PARTICIPE
COM
A GENTE**

A VOLTA TRIUNFAL

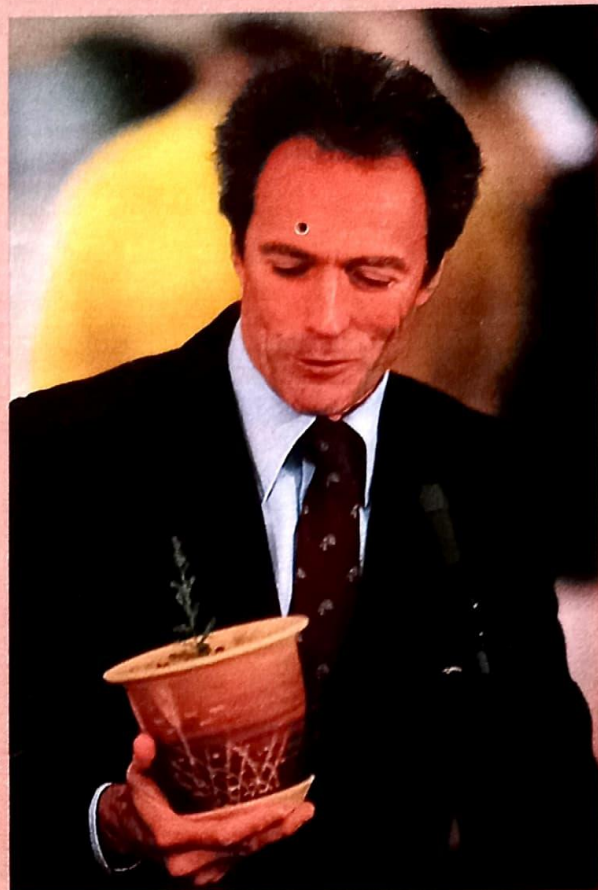
Terminado seu mandato de prefeito da cidadezinha de Carmel, na Califórnia, Clint Eastwood interrompe sua

carreira de político republicano, retorna ao cinema como ator no já tradicional personagem de Dirty Harry e dirige o maravilhoso Bird. Num país onde até os maus atores têm os mais animadores horizontes políticos sempre à mão, o velho Clint sela seu pacto com o cinema.

Foto Warner



Na página oposta, Charlie Parker (Whitaker) come uma rosa ao vivo e Harry Callahan em ação; abaixo Clint como o detetive e o cowboy-spaghetti; à direita o prefeito de Carmel



Sipa Press

Aos 58 anos, 1,93 m de altura, o velho e mau Clint está de volta em dose dupla. E em grande estilo. É diretor (pela 15.ª vez) de *Bird*, um sensível perfil do legendário saxofonista Charlie "Bird" Parker, e é ator (pela 33.ª vez) em *Dirty Harry na Lista Negra*, na pele do inspetor Harry Callahan, da polícia de São Francisco, que se vê obrigado pela quinta vez a tomar a lei em suas próprias mãos. Clint Eastwood justifica esse (quase) eterno retorno ao personagem: "Eu simplesmente escolhi visitar um velho amigo". São dois filmes diametralmente opostos, que têm a virtude de se apoiarem reciprocamente: "O sucesso comercial de Callahan me permite entrar em estúdio para rodar um filme como *Bird*", diz o cineasta.

Callahan, como de hábito, faz a apologia da violência justiceira/repressiva. Mas *Bird*, impactante surpresa, é obra da mais apurada veia poética. A revista *Time* aponta Eastwood como um dos maiores diretores da América. No Festival de Cannes de 1988, *Bird* (seu segundo filme a ser exibido no festival, precedido de *O Cavaleiro Solitário*, em 1985)

arrancou o prêmio de melhor ator para Forest Whitaker (que vive Charlie Parker) e mais um prêmio especial para Clint. O sucesso de crítica não tinha como ser mais convincente.

Mas nem sempre Clint gozou de tamanho prestígio. Houve um tempo em que poucos apostavam que ele pudesse usar uma câmara com menos truculência do que sua Magnum 44. Quase ninguém imaginava que aqueles lábios cerrados tivessem mais utilidade do que pronunciar escassos monossí-

labos e portar a cigarrilha negra. Era preciso ter ousadia para supor que por detrás dos cruéis olhos verdes de seus personagens solitários e silenciosos existisse vida inteligente, ternura e criatividade.

Talvez esse descrédito inicial se devesse ao temperamento de seu país natal. Segundo o próprio: "A América é uma sociedade conformista. Ela tem suas paixões excessivas, momentâneas e superficiais". Na sua evolução gradual e cativante, ele tem se recusado a seguir os movimentos da moda. Para ele, "se você se sujeitar ao gosto passageiro do momento, muito rápido você não saberá mais aonde ir nem o que dizer". Mas o inegável é que sempre primou por um estilo estritamente pessoal de cinema, que, aos poucos, teve seu valor reconhecido até por aqueles que abominavam a violência ("gratuita") de seus personagens e sua conduta ("fascista").

O próprio Clint não tinha muitas dúvidas. Para ele, isto era peça fundamental em seu jogo cinematográfico, no qual "a violência podia ser uma catarse e uma forma de relaxamento para

o público", assim como personagens implacáveis como Callahan deviam ser encarados mais pela sua ação individual e idealista do que pelos seus penhores ideológicos. Foi esta fidelidade intransigente em relação a seus princípios que deu consistência e personalidade à obra de Clint, a ponto de torná-la admirada por Jean-Luc Godard, de merecer uma retrospectiva montada pelo Museum of Modern Art de Nova York em 1980 e de ser homenageada pelo ministro da Cultura da França na Cinémathèque de Paris, Jacques Lang, em 1985, sendo condecorado como Cavaleiro das Artes e Letras.

Nada mais justo para uma carreira que se pautou na persistência desde que Clinton Eastwood Jr. começou a aparecer em pequenas pontas da Universal, ocupação que se intercalava com a de lenhador, frentista e outros bicos que garantiam o seu sustento. Em 1958, teve sua primeira boa chance na TV, ao ser convidado para estrear o seriado *Rawhide*. Mas, ao longo de seus seis anos de existência, pouco a pouco os níveis de audiência foram caindo e, em 1964, a série foi cancelada. Aos 34 anos e com apenas um punhado de esperanças, Clint decidiu aceitar uma proposta via telegrama de um diretor italiano — um sujeito de nome Sergio Leone — para ir filmar um western na Espanha. O roteiro lhe agradou, mas Clint exigiu total controle sobre seu personagem — O Homem sem Nome —, reduzindo suas falas ao mínimo, num mutismo quase total que lhe conferia uma aura de mistério.

Com o sucesso de *Por um Punhado de Dólares* (1964), estava aberto o filão do western-spaghetti, no qual a dupla Leone/Eastwood realizou em seguida *Por Alguns Dólares a Mais* (1965) e *Três Homens em Conflito* (1966), antes de Clint retornar aos EUA. Em 1968, ele conseguiu fundar sua própria produtora — a Malpaso — e três anos depois dirigiu seu primeiro filme, *Perversa*



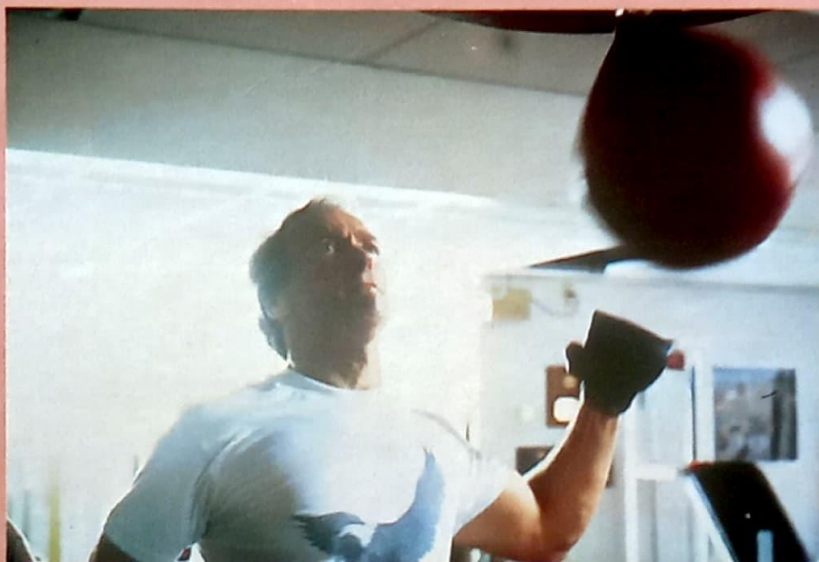
Nas rédeas, o cavaleiro solitário Preacher; no volante, Harry Callahan



Paixão (1971), além de estrear nas telas como Dirty Harry, seu personagem de maior sucesso, em *O Perseguidor Implacável* (1971), sob a direção de Don Siegel. A partir daí, Clint começou a intercalar, e mesmo a sobrepor, as atividades de produtor e diretor ao seu trabalho de ator, pois, segundo ele, "interpretar não é uma arte intelectual, é animalística". Ao cunhar esta frase, faz uma relação com o despojamento da interpretação e conta sua receita: "Quando eu aprendi a ser ator, fazia muitas improvisações. Eu adorava isso. Mas o ator não tem outro instrumento que não a si próprio. Tanto que, como diretor, pelo gosto da improvisação, pude ser mais flexível". Clint segue sua declaração fazendo um curioso paralelo entre a música e o cinema: "Quando você faz um filme, há um planejamento e regras. É a mesma coisa para a música com relação a suas unidades (estrutura, compassos) e acordes. Mas é preciso saber que a todo momento pode-se integrar novos elementos. Portanto, é preciso se deixar em permanente disponibilidade. Abrir bem os olhos e os ouvidos e deixar se surpreender pelos atores. Meu senso auditivo procura estar sempre em alerta".

Em 1972 dirigiu o seu segundo longa-metragem, *O Estranho sem Nome*, um western estilizado com pretensões metafísicas, no qual encarnava o fantasma de um xerife assassinado que retornava à cidade para se vingar da omissão de seus moradores perante um bando de fascínoras. Este filme abriria uma vertente de western na qual a direção de Clint sempre conseguia imprimir um toque especial de criatividade ao gênero e que geraria filmes como *Josey Wales*, *o Fora-da-Lei* (1976), *Bronco Billy* (1980) e *O Cavaleiro Solitário* (1985).

Rota Suicida (1977) afetaria a vida particular de Clint de maneira direta, pois foi durante as suas filmagens que ele — além de acumular as funções de ator principal, diretor e produtor —



Cenas de *Dirty Harry* na *Lista Negra*

ainda encontrou tempo para se apaixonar pela atriz Sondra Locke, que se tornou presença constante em vários de seus filmes e com quem ainda mantém um romance. Esta paixão, se foi um bálsamo para o coração do impassível Clint, deve ter doído bastante em seu bolso. Resultou em um penoso processo de divórcio com sua primeira mulher, Maggie — com quem partilhara 26 anos de casamento —, que só foi concluído em 1984, com um custo de 50 milhões de dólares que foram parar na conta bancária de Maggie pela humilhação de ter sido abandonada. Os filhos do casal, Kyle e Alison (hoje em dia com 20 e 15 anos, respectivamente), passaram a viver com a mãe, mas já foram inicia-



dos no cinema pelo pai coruja: o mais velho em *Honkytonk Man* (1982) e o caçula em *Um Agente na Corda Bamba* (1984).

No início de 1986 surgiu uma nova face da personalidade de Clint, quando ele decidiu se candidatar a prefeito da cidadezinha onde reside desde 1972, a meio caminho entre Los Angeles e São Francisco, no chão da Califórnia: Carmel. É um pontinho no mapa, a 193 km de São Francisco, à beira do mar, com 45 000 árvores e 67 galerias de arte. Clint resolveu topar a carreira política mais por questões práticas do que por aspiração pública. Dono do restaurante *The Hog's Breath Inn*, ele pretendia ampliá-lo com um prédio de escritórios vizinho ao ponto. O Conselho Municipal da época não aprovou o projeto. Como um cowboy que procura fazer tudo a seu modo, com as próprias mãos, ele encabeçou um certo movimento, com amigos o apoiando, que o colocou na rota da prefeitura. Já em abril, os menos de cinco mil habitantes deste

Acima, Charlie Parker (Whitaker) sola seu sax, abaixo, com a esposa Chan (Diane) e, mais abaixo, no tribunal, pelo uso de drogas



Bird, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: Clint Eastwood ■ Com Forest Whitaker, Diane Verona, Michael Zelniker, Samuel E. Wright, Keith David, Michael McGuire ■ ROTEIRO: Joel Olsansky ■ FOTOGRAFIA: Jack N. Green ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Edward C. Carfagno ■ MÚSICA: Lennie Niehaus ■ PRODUÇÃO: Clint Eastwood ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner.



BIRD

As duas horas e quarenta e três minutos que este celulóide arranca da vida dos espectadores saem do corpo quase como um suspiro de exasperada contemplação. É uma espécie de êxtase fatal. Seria de se esperar que Eastwood realizasse um libelo contra as drogas — e ele compôs um monumento à radicalidade criativa, que transborda todos os muros da moral, do certo e do errado. Charlie "Yardbird" Parker (o fabuloso Forest Whitaker, um dos prêmios mais merecidos do Festival de Cannes) não faz concessões. Ele faz bebop. Ele faz solos em seu sax. Ele muda a carga elétrica da alma da assistência. Ele encheu de calor a dignidade do jazz. E de dignidade o calor da música negra. Quando ele morreu, com um infarto dentro do peito, em 1955, aos 34 anos — "65 anos" segundo o médico legista ao ver o corpo —, Charles Mingus perguntou: "O que farão agora todos os músicos do bebop que tinham que esperar o próximo disco de Bird para saber o que tocar?" Ele tombou na suíte do hotel da baronesa Nica di Rotschild, sua mecenas, ela mesma morta no último dia 30 de novembro.

Eastwood, o prefeito republicano da minúscula Carmel, de cinco mil habitantes, conservador e careta, é cúmplice, parceiro, digno da estatura de Charlie "Bird" Parker, junkie-gênio, mau pai, mau marido, péssimo cidadão. Sua esposa, a dançarina branca Chan (Diane Verona) é o contraponto básico — ela tem os pés no chão em lugar do marido.

Outros dois personagens de peso próprio são Red Rodney (que foi decisivo como consultor do filme, assim como a viúva Chan Parker), interpretado por Michael Zelniker, e Dizzy Gillespie (Samuel E. Wright). O primeiro é um trompetista de origem judaica que se torna amigo de Bird. A li-



gação entre ambos tem momentos de comicidade — como a excursão que o músico branco fez com um grupo de negros, Bird entre eles, pelas cidadezinhas do sul americano e, para acalmar os racistas empedernidos dos lugarejos, apresenta-se como Albino Red. Comovem, igualmente, as tensões que se armam entre eles, como o empenho de Bird para fazer com que Red Rodney abandone o vício da heroína. "Ela não vai fazer você tocar melhor", apela o junkie, bestamente. O bebop era movido a injeções.

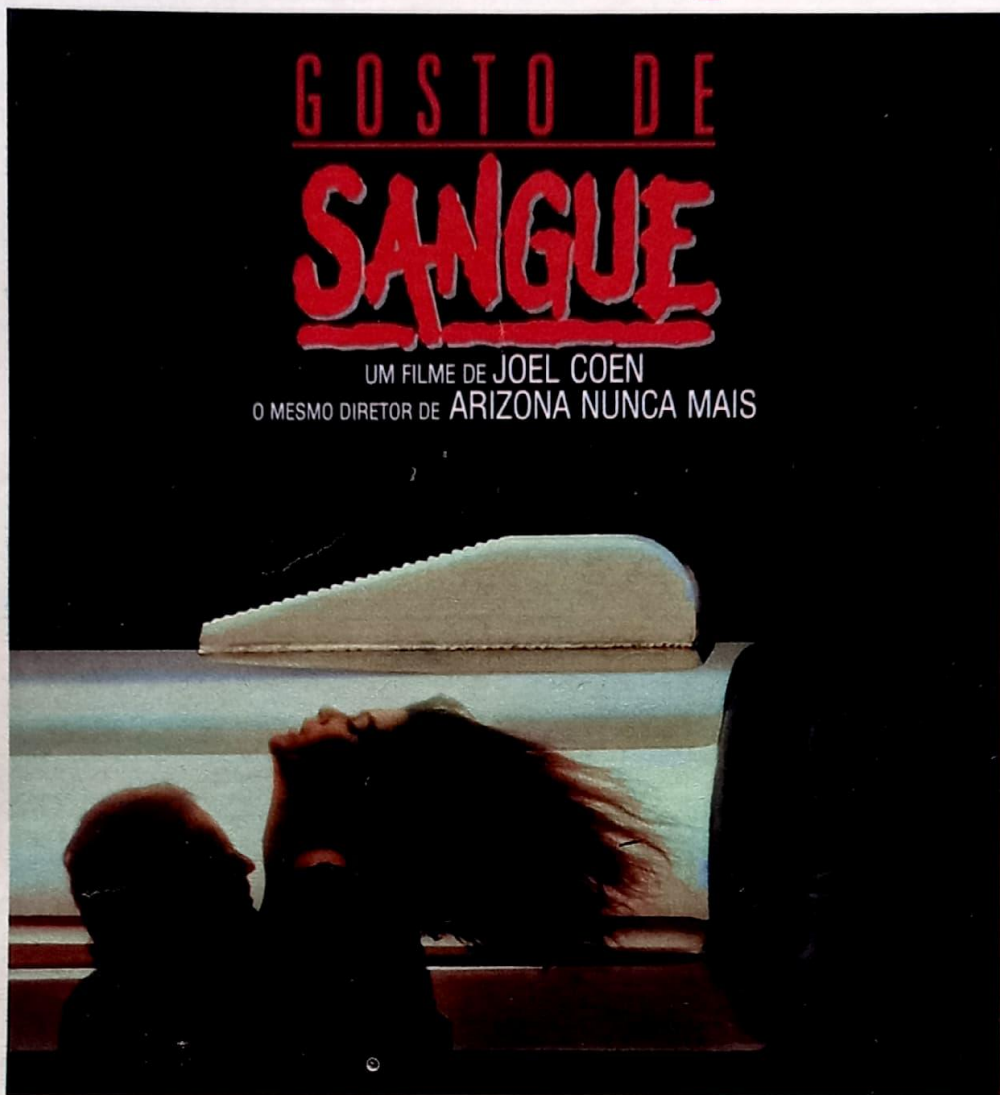
Dizzy, no entanto, é o típico bom rapaz. E sustenta veementemente: "A diferença entre mim e você", diz ele a Bird, "é que a sociedade dos brancos quer destruir a nós dois, só que eu não vou dar motivo pra isso". Dizzy não bebe e nem nada. É bom cidadão. "É provável que você seja mais lembrado do que eu no futuro", ele consola Bird.

A música negra, negra, flui como a respiração do filme do cowboy. O cinema nunca fez um tributo como este ao bebop. Os bares noturnos de Nova York, o conservadorismo de Los Angeles e de todo o leste americano durante as décadas de 40 e 50, o surgimento do rock'n'roll e o declínio dos grandes instrumentistas do jazz. A miséria da vida, e a inspiração mais sublime. O que Charlie Parker foi para o sax, para a música e para a humanidade, Clint Eastwood captou com profundidade comprometida. Ele, que diz que o jazz e o western são as únicas formas de arte genuinamente americanas, realizou um filme à altura dos grandes clássicos da América. Sentimental, arrebatado, dramático e sonhador.

Eugênio Bucci

LANÇAMENTO SIMULTÂNEO

*Em cinema e vídeo
um cult do suspense*



“Humor negro, explosiva originalidade e estilo visual brilhante”

Janet Maslin - NEW YORK TIMES

“Um dos mais inventivos e originais filmes policiais”

David Ansen - NEWSWEEK

“... foi a melhor surpresa do New York Film Festival”

Bruce Williamson - PLAYBOY

QUALIDADE



40 ANOS NO MERCADO

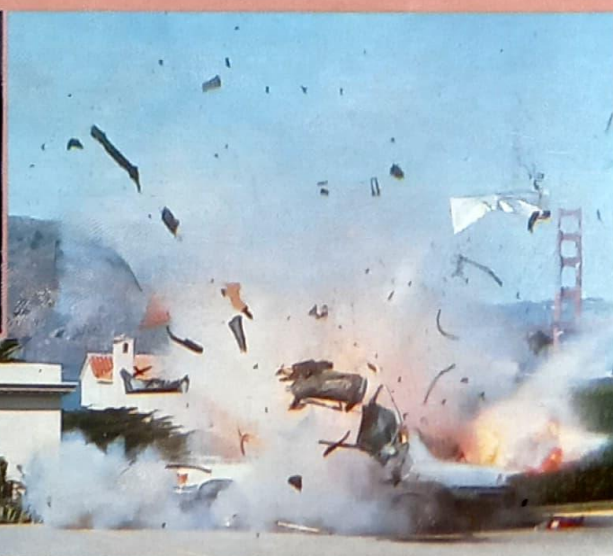
Ao lado, Samantha Walker (Patricia),
a repórter com quem Harry tem um romance;
e abaixo, outro jornalista com menos sorte

aprazível recanto, onde cerca de 25% da população permanente é de artistas profissionais (entre eles Doris Day e Paul Anka), tinham seu novo prefeito Clint eleito por uma esmagadora maioria de 2 166 votos contra 799 — derrotando a prefeitura anterior.

Republicano convicto e registrado, ele nunca escondeu suas idéias conservadoras. Chegou até a ingressar como jornalista em uma coluna no jornal local *The Pine Cone*. Quanto a isso ele emenda: "...não vou dizer que sou o melhor colunista da cidade. Mas é engraçado informar as pessoas sobre assuntos da prefeitura". A máquina de seu partido

sempre insistiu para que ele intensificasse a militância política, já antevendo que poderia estar no prefeito de Carmel uma versão melhorada de Ronald Reagan. Mas, para a decepção de seus correligionários — e até do escritor Norman Mailer, que garantiu publicamente que o ator "tinha cara de presidente" —, o prefeito Clint decidiu abandonar qualquer pretensão política maior depois que cumpriu o seu mandato, afirmando que agora vai se dedicar exclusivamente ao cinema. É provável que o prejuízo dos palanques seja menor do que o ganho das telas.

Celso Pucci e Walter Silva.



DIRTY HARRY NA LISTA NEGRA

Pela quinta vez o detetive "Dirty" Harry Callahan tem um crime escabroso para resolver. Como sempre, Callahan conta com a ajuda de seu fiel companheiro, o "Canhão de Pulso" Magnum. A bile e o sangue frio são os mesmos, da mesma forma que o desdém pela bandidagem permanece intacto. Mas o mundo e a forma como ele se relaciona com Harry mudou bastante. Callahan virou celebridade disputada por políticos e jornalistas. O Departamento de Polícia de São Francisco quer torná-lo símbolo da corporação, quer que ele seja um relações-públicas junto à imprensa. Pergunta se toda essa prosopopéia está agradando

Harry...

Para piorar as coisas, cai no colo de Harry um novo parceiro de ronda aparentemente sem experiência — o chinês Al Quan (Evan Kim) —, justo na hora em que se desenrola uma série de assassinatos, todos relacionados a uma lista de nomes idêntica à do bolo esportivo criado por um diretor de filmes de horror, Peter Swan (Limaneeson): ele fizera um bolo esportivo para ver quem de sua lista duraria mais tempo vivo. Quando as pessoas da lista de Swan começaram a aparecer mortas de verdade, todas as suspeitas apontaram em sua direção. E é isso que Callahan precisa desvendar.

O grau de pancadaria e violência de *Dirty Harry na Lista Negra* (*The Dead Pool*) não supera o dos quatro outros da série *Dirty Harry*: Ele continua rangendo os dentes e sussurrando ameaças com a sutileza de uma jamanta. E distribui bofchadas e tirombaços com a generosidade de um Papai Noel. E ele inventa novas armas para combater o crime: que tal um arpão de pescar Marlin? Mas dessa vez Clint Eastwood e o diretor Buddy van Horn conseguiram injetar uma boa dose de bom humor em Callahan, a ponto de, em certos momentos, fazerem com que ele ria de si próprio. O Callahan de *Dirty Harry na Lista Negra* é inúmeras vezes mais humano do que antes. Ele tem uma insuspeitada compaixão por alguns criminosos (como na vez em que se disfarça de cinegrafista de TV para impedir um suicídio). Ele é menos machista até, capaz de manter um romance quase normal com a repórter Samantha Walker (Patricia Clarkson).

"Dirty" Harry de coração mole? Nem de longe. Apenas uma correção de curso para se adaptar melhor aos motes desta temporada.

José Emilio Rondeau,
de Los Angeles

Dirty Harry in the Dead Pool, — EUA, 1988
■ DIREÇÃO: Buddy Van Horn — Com Clint Eastwood, Patricia Clarkson, Liam Neeson, Evan C. Kim, David Hunt ■ ROTEIRO: Steve Sharon, baseado em história de Steve Sharon, Durk Pearson e Sandy Shaw ■ FOTOGRAFIA: Jack N. Green ■ MÚSICA: Lalo Schiffrin ■ PRODUÇÃO: David Valdes ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner.

Passe na Caixa e pegue o seu Credicard.



Depois viaje, jante fora, alugue um carro, pague a maternidade, dê presentes e faça tudo o que você quiser.

A Caixa Econômica Federal tem o cartão que tira você de casa, paga o seu jantar, aluga um carro pra você, acerta a conta do hospital, compra tudo o que você precisa e ainda organiza o seu orçamento.

Na Caixa Econômica Federal tem Credicard. O cartão de crédito que tem crédito aberto

e aprovado em mais de 115 mil estabelecimentos em todo o país.

E você tem até 40 dias para pagar, o que nos dias de hoje representa uma grande vantagem.

Ou se preferir, você pode utilizar uma das duas linhas de crédito exclusivas: Crédito Rotativo ou Credicard Plus.

Na hora de pagar é você quem escolhe o dia do vencimento do seu Extrato Mensal. E a Caixa coloca à sua disposição mais de 2000 agências para você efetuar o pagamento.

Como você vê, o Credicard continua sendo o cartão de crédito mais completo e avançado do país. E é por isso que a

Caixa Econômica Federal é associada à Credicard.

Porque um grande banco não oferece apenas mais um produto a seus clientes. Oferece o mais completo e avançado cartão de crédito do mercado.

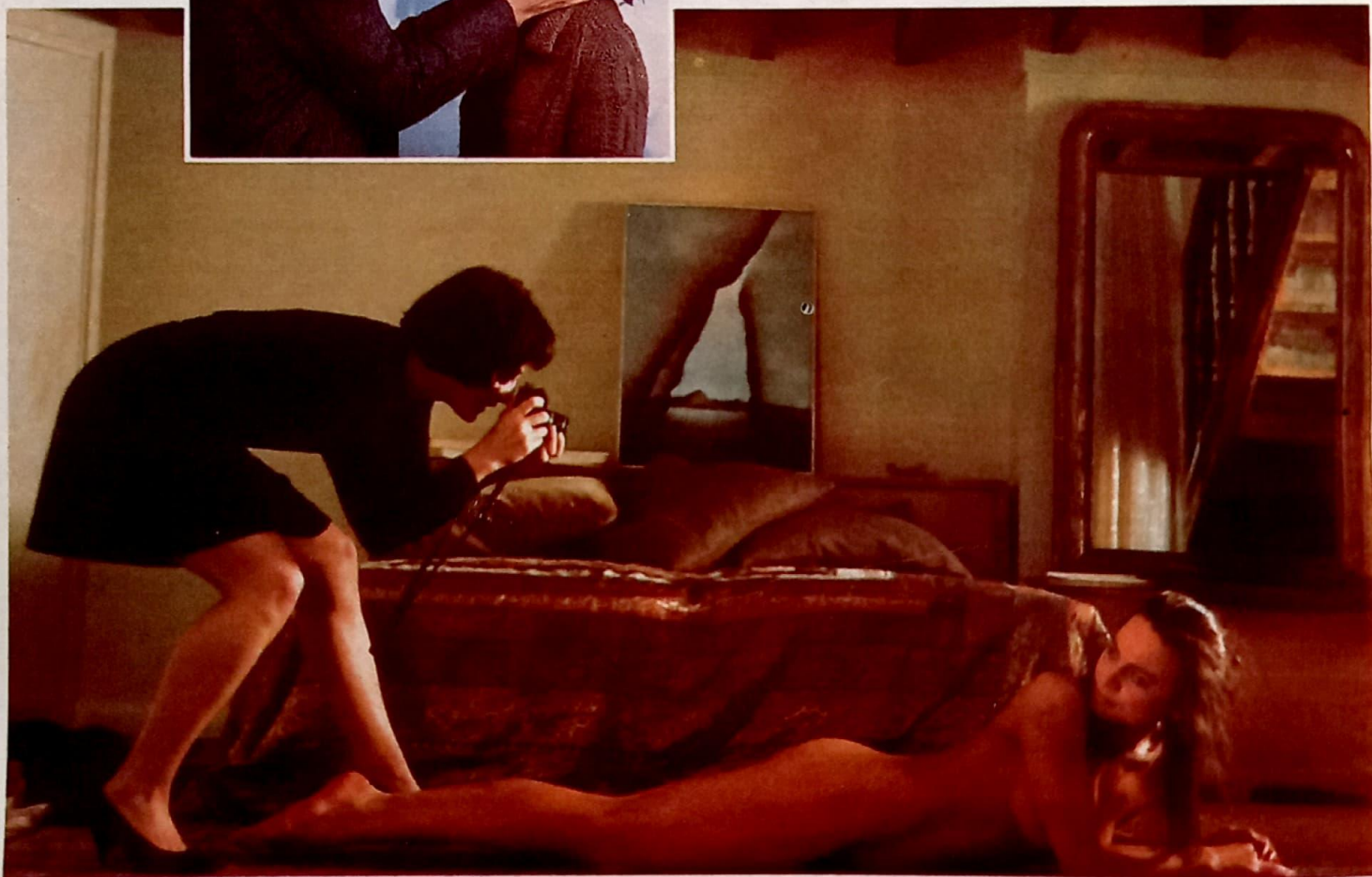
**CAIXA ECONÔMICA
FEDERAL**

AVANT-PREMIÈRE

O DESEJO QUE ALIMENTA



O erotismo, o adultério, a liberdade e a cidadania na adaptação para o cinema do best-seller do tcheco Milan Kundera: A Insustentável Leveza do Ser.



Se a cultura é a sublimação do impulso, o erotismo há de ser a reconciliação de ambos. No cinema americano, a máxima heterodoxa inspirou o longa, bem longo, com 172 minutos de duração. *A Insustentável Leveza do Ser* — "o mais abertamente sexual dos filmes americanos nos últimos tempos", nas palavras de John Powers, da revista *Rolling Stone*. "Enfim um cineasta americano que entende de sexo", festejava meses atrás o jornalista brasileiro Paulo Francis, no jornal *Folha de S. Paulo*. O Freud não oficial, permissivo, o pecado saboroso, Dionísio em tempos amargos — a história do médico tcheco Thomas, inteligente, competente e mulherengo, tem de tudo isso um pouco. Qualquer um que use calças compridas fica louco.

De que mais precisa um cidadão além de um teto, o pão de cada dia e o perfume forte do sexo feminino, um cheiro diferente por tarde, que lhe impregne a cabeleira e que aborreça sua esposa? De que mais ele precisa se sua esposa manda-o lavar a cabeça e depois passa a noite inteira de mãos dadas com ele? Civilizadamente, ele também precisaria exercer livre e dignamente a sua profissão, desfrutar o direito de ir e vir, expressar democraticamente suas opiniões sem cerceamento, participar da vida política de seu país. Precisaria, bem assim, no futuro do pretérito, porque a civilidade tem andado muito apartada da Tchecoslováquia. Em 1968, Alexander Dubcek torna-se secretário-geral do Partido Comunista, no governo, e põe em prática medidas liberalizantes. As tropas do Exército Vermelho, da União Soviética, invadem o país, colocam tanques de guerra nas ruas estreitas da capital — na tragédia que pôs fim à Primavera de Praga — e acabam com os bafejos da liberdade. O médico Thomas perderá muito da vida num país como esse, mas não terá sido mutilado no desejo. Ele é um cidadão pela metade, mas vive de forma exemplar a metade que lhe restou.



Exímio cirurgião, ainda jovem ele é obrigado a abandonar o ofício — as autoridades exigem que ele assine uma declaração de apoio ao governo, na qual renegue as críticas que fizera ao socialismo burocrático num artigo publicado anos antes. Thomas recusa a condição. Vira limpador de vidraças, o médico. Antes um serviçal íntegro que um doutor servil. Do direito elementar de ir e vir, ele também não goza. Sai uma vez para a Suíça com Tereza, logo após a intervenção do Kremlin, em Praga, mas, meses

depois, quando retorna, tem o seu passaporte apreendido. O direito de livre expressão ele não tem, e muito menos o de influir nos rumos políticos de seu próprio país. Restam as mulheres — elas são tantas. Por isso, *A Insustentável Leveza do Ser* tem parte com o erotismo como um homem tem parte com sua felicidade.

O livro original do tcheco Milan Kundera, de 59 anos, exilado em Paris há 14, chacoalhou a crítica literária no mundo inteiro, desde que surgiu em francês, em 1984. Foi publicado no Brasil pela

Sabina, de quatro refletida, exhibe-se com ensaiadas insinuações ao amante Thomas. À esquerda, ela é fotografada por Tereza, a mulher do mesmo Thomas, com ele no destaque

A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER

Nova Fronteira, em 1985, ficou 31 semanas no primeiro lugar da lista dos mais vendidos da revista *Veja*, encontra-se na 60.ª edição, já vendeu mais de 390 000 exemplares e mereceu os elogios mais exagerados da imprensa em geral. É mais permeado pelo desejo, pela sedução, pelo gozo do que o filme. O livro, numa palavra, é melhor. Mais inteligente. Kundera não redigiu um romance no sentido estrito. *A Insustentável Leveza do Ser* é um universo completo, um tratado sobre o amor, o

sexo, a fidelidade, a estética, o kitsch, a democracia. Há leitores que afirmam sem pejo que certos capítulos são arrastados demais; há os que fazem pequenas restrições. Nenhum deles, contudo, deixa de reconhecer a grandiosidade do melhor livro de Milan Kundera.

O celulóide de Philip Kaufman, o cineasta de 52 anos, nascido em Chicago, que assina o excepcionalmente bom *Os Eleitos*, de 1983, não é tão universal quanto o texto de Kundera. O personagem

Franz, por exemplo, desaparece bestamente do filme sem que tenha o mesmo final trágico e emblemático que o livro lhe reservou. Franz (Derek de Lint) entra e sai da história na tela como um encanador na casa do vizinho. No livro, ele é um professor universitário casado que se apaixona por Sabina, amante mais constante de Thomas. Termina seus dias assassinado num paiseco do Terceiro Mundo, onde se encontrava de passagem, integrando uma delegação de intelectuais defensores dos direitos humanos. Detalhes assim, como o casamento, a filha e a morte estúpida de Franz, são dados decisivos para compor o universo esplêndido do romance. No filme, ele é um indivíduo descolado do mundo.

Outro sacrifício que o filme impõe ao espectador é privá-lo dos devaneios filosóficos tão bem-humorados do narrador Milan Kundera. Esses trechos ensaísticos cimentam a história de Thomas a uma visão de mundo que suplanta a ficção e que desponta como um destaque da literatura do século XX. Sem ele — e sem absorvê-los na fala dos personagens ou no ritmo das imagens — o filme perde muito da profundidade que poderia ousar ter.

Há mesmo uma ironia corrosiva percorrendo e pontuando o celulóide: enquanto no livro Kundera se dedica a esmiuçar a natureza do kitsch como o único elemento estético capaz de comover as multidões, Kaufman, por vezes, entrega-se a soluções fáceis para tocar a platéia: extremamente kitsch. Com isso, a auto-referência zombeteira que tempera o romance — as idas e vindas da narrativa, as indecisões risonhas e explícitas do autor — torna-se impossível no filme. Mas a verdade é que fica difícil, e resulta inútil, especular sobre tudo aquilo que o longa-metragem *poderia* ser. Tanto mais essa é uma empreitada inglória quanto mais habilidoso se mostra o roteirista Jean-Claude Carrière, que já trabalhou para Buñuel, em fazer bem aquilo que pretende. Ele re-

Abaixo, Tereza e Thomas, união perene contra o terror da intervenção soviética. Ao lado, Sabina, fiel apenas a seu chapéu côco, adorno de brinquedos eróticos





Prod. D.B.



Christophe L.

*Os tanques russos
sobre Praga:
Thomas protege-se
com o cão
Karenin; Tereza se
descobre fotógrafa
na compulsão; o
amor permanece*

tirou do romance a história de amor e o erotismo — e isso ele realizou com suma precisão. Visto à luz de si mesmo, e não como uma adaptação, o filme é mais do que bem-sucedido.

O roteiro de Carrière simplifica a trama, sem roubar-lhe o encanto original. O médico Thomas (Daniel Day-Lewis) vai até uma pequena cidade, chamado por uma emergência, e lá conhece Tereza (Juliette Binoche), uma rapariga bastante interessante para o cirurgião caçador. Ele, que abre o filme devorando uma enfermeira em pleno hospital, põe-se a perseguir pelo hotel provinciano em que se hospedou aquela moça tímida e estimulante. Dias depois, em Praga, ela vai invadir o apartamento dele com as malas nas mãos. Thomas e Tereza serão casados para sempre. O que fascina não é a permanência desse "casamento", mas a forma intensa como ele se reafirma a cada dia.

Tereza gosta de fotografia, tenta sem êxito a vida profissional. Seu grande trabalho, deveras acidental, será fotografar os tanques soviéticos nas ruas primaveris de Praga (as cenas da capital da Tchecoslováquia foram gravadas na cidade francesa de Lyon, pois o governo pró-soviético não autorizou as filmagens no país). No exílio suíço, Tereza vai mostrar essas fotos a jornalistas, publica algumas e acaba conseguindo um emprego: fotografar mulheres. Depois, flores.

Sua primeira tentativa — só para sentir como é o ofício — é fotografar Sabina, também exilada,

que se presta a modelo com a sensualidade profana que a natureza lhe deu. Pouco depois, as duas trocam os papéis. É um balé cuidadosamente ensaiado — e prosaico — a sequência de movimentos das atrizes tirando a própria roupa, uma a roupa da outra, olhando-se, tocando-se, fugindo, rindo, provando. Já o fotógrafo de Kaufman, Sven Nykvist (que trabalhou em duas dezenas de filmes de Bergman, e que fotografou *O Inquilino* para Polanski) tem suas predileções mais extravagantes. Em Tereza ele capta o furacão de desejo que salta insurreto de uma figura cheia de recato. Capta a boca silenciosa que não sabe esconder o que dizem os lábios inchados. Busca as coxas surpreendentes que se arrancam das saias para prender a cintura de Thomas. Em Sabina, Sven Nykvist tem obsessão pelas rugas mais íntimas das calcinhas de algodão. A objetiva do fotógrafo vai faminta até os pêlos que escapam, até os vãos, as curvas, os segredos. O espectador presume o perfume.

Thomas, que ama as mulheres e a sua profissão proscrita, não tem filhos. Ele e Tereza têm por acompanhante um cão, Karenin — é o produto animal de um matrimônio atípico. É Karenin a testemunha dos movimentos e dos gemidos de Thomas e Tereza fazendo amor, é Karenin a parte mais sofrida das separações. Se tem os amantes como pais, Karenin não tem avós. Thomas e Tereza não têm pais — mal puderam ter um país. São os dois



Christophe L.

dentro da história, com um quadrúpede por herdeiro. São a resultante dos acasos (que levaram o cirurgião Thomas àquele lugarejo esquecido, onde Tereza o aguardava sem saber) e das truculências do século XX, dos tanques que tremeram o chão de Praga. São sempre presentes — o espectador não lhes conhece os antepassados, e deles não haverá prosseguimento. São parte de um momento que se diluirá por todo o planeta. Os amigos, as lembranças, as amantes partirão. Por isso, nem Thomas e nem Tereza envelhecem durante a sua bela história. Porque eles passam sem passar. Thomas será sempre o rapaz de olhar malicioso, de vigorosos cabelos negros. Tereza, sempre cândida. Os dois se juntam num erotismo mais sublime, permanente. Que deseja recompor os cacos de uma felicidade dilacerada, numa época e num lugar em que a animalidade dos impulsos bestiais parece ter tomado o poder político, em que a cultura tornou-se clandestina, em que o tesão subsiste como embriaguez.

Eugênio Bucci



*As férias chegaram!
E você vai viajar
nas mais incríveis
companhias,
para lugares
que não estão no mapa.
Walt Disney Home Video
vai levar você.*

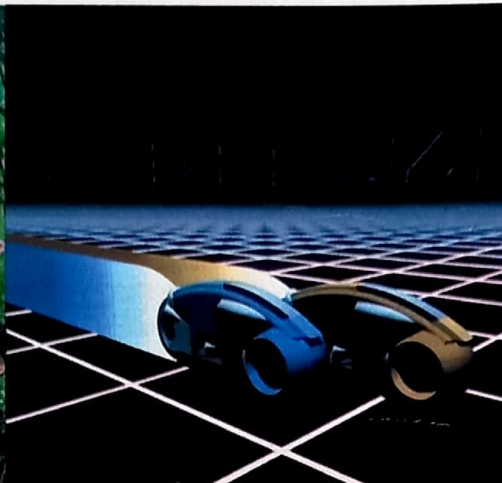
BOAS



Mary Poppins

A alegre babá Mary Poppins leva você para o mundo do sonho. Este filme é um clássico, onde Julie Andrews e Dick Van Dike contracenam com personagens animados, ao som de músicas que, até hoje, são famosas. Conheça de perto a fantasia desta viagem. Não perca Mary Poppins, o musical que ganhou 5 Oscars: Melhor Canção, Atriz, Montagem, Música Original e Efeitos Especiais.

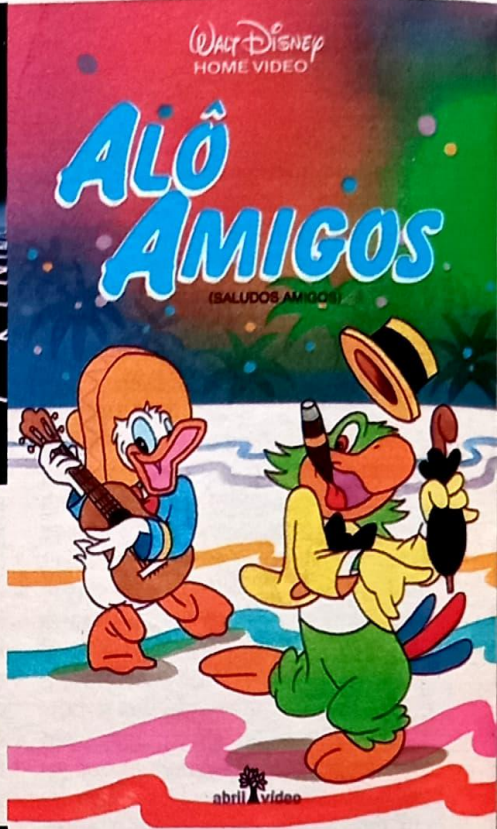
"Oscar" é marca registrada e marca de serviço da Academia de Ciências e Artes Cinematográficas de Hollywood.



TRON

Uma Odisseia Eletrônica

Prepare-se para ultrapassar a fronteira da eletrônica! Com Tron, você estará viajando pelo mundo dos computadores e enfrentando uma guerra de raios-laser, em campos magnéticos. Vibre com os efeitos de luzes e cores. Muita ação!



ALÔ AMIGOS

Este desenho animado é um passeio encantado pelos países da América Latina. Pegue a carona de Donald e Pateta, suba no aviãozinho Pedro e conheça o lago Titicaca, os Andes, os Pampas e o Brasil, onde você vai encontrar o Zé Carioca, criado por Disney neste filme. Destaque para a música "Aquarela do Brasil". Embarque em Alô Amigos numa viagem superanimada.



FÉRIAS

com os vídeos



Disney

Passe as férias em boa companhia. Participe com os personagens Disney, de aventuras inesquecíveis. Além destes lançamentos, reserve e assista: **Dumbo**, **Se Meu Fusca Falasse**, **O Natal de Mickey Mouse**, **Viagem Clandestina** e **A Estrela de Natal**. Vale a pena curtir a fantasia e a emoção das maravilhosas criações de Walt Disney.



Aguarde para breve, outros grandes sucessos de Walt Disney.



Atenção:
Este holograma,
colocado nas embalagens e fitas Disney,
é a sua garantia de qualidade original.


abril vídeo

VENDAS EM TODO O BRASIL

São Paulo (011) 814.8803 ou 814.8426

• RJ/ES (021) 295.2089 • RS (0512) 34.4700 • DF/GO (061) 243.8815 • PE/AL/PB/RN (081) 224.2124 • BA (071) 235.7107 • MG (031) 222.7519 • PA (091) 226.9130 • AM (092) 234.8164 • PR/Curitiba (041) 253.7610 • Londrina (0432) 24.6812 • MT/MS (067) 624.9002 • SC/Blumenau (0473) 22.3081 • Florianópolis (0482) 23.6975 • MA/PI (098) 222-6325 • RO/AC (069) 221-7354 • CE (085) 226-3806 • SP/Ribeirão Preto (016) 625.1316 • Campinas (0192) 31.2355 • Rio Claro (0195) 34.7301 • Bauru (0142) 34.2774 • Santos/Vale do Paraíba - SP (011) 701-1590.

Peça em sua locadora.

WALT Disney

HOME VIDEO

ADÚLTEROS, TRAIDORES, INFIÉIS, APAIXONADOS

Globo Vídeo



Ao amante enlouquecido ela disse: "Você pode ser um marido fiel por convicção, como me contou, mas é infiel por todos os outros motivos". A frase fulminante, que não faz parte de nenhum filme, é esclarecedora. O adultério existe quando existe a fidelidade, que por sua vez existe quando existe alguma espécie de pacto entre dois. Só o respeito ao pacto — espontâneo ou coercitivo — leva um

América



BERLIN AFFAIR



O DESPREZO

a ser só de outro. Um é fiel quando convicto. E é infiel quando suspende a vigência do pacto. Eis o instante em que afloram todas as outras razões, e elas são tantas, para a prática maravilhosa da infidelidade. Há sem dúvida, os praticantes extremistas. Sabina, por exemplo, de *A Insustentável Leveza do Ser*, amante de Thomas, é alguém infiel por convicção e por todas as outras razões também. É uma mulher que desenha a sua trajetória de vida segundo o curso das traições amorosas. Teresa, a esposa de Thomas, trafega no sentido contrário. Ela até que procura os lençóis do adultério, mas encontra na fidelidade, no pacto, o seu prazer. Enquanto este filme-tratado do desejo não chega ao Brasil, vale conferir a sedução traidora em 25 títulos selecionados nas chapeiras das videolocadoras. Como todas as outras é uma seleção arbitrária, mas é representativa. Não se pode ser fiel como um cão às modalidades do adultério. Os adúlteros apaixonados são, de origem, infiéis entre si. O exercício de suas liberdades individuais os apaixonam. E eles se tornam cúmplices na invenção de um estilo — e de um gosto.

MORRER DE AMOR

(*Maladie d'Amour*, França, 1987)

Direção: Jacques Deray. Com Nastassja Kinski, Jean-Hugues Anglade, Michel Piccoli. Look. Juliette (Nastassja) é uma ajudante de cabeleireiro que vira a cabeça de um médico mais velho (Piccoli, à vontade no papel). Quando ela descobre que Potrel (Anglade), um antigo paquera, é um subordinado de Raoul, seu amante, não demora muito para que estejam na cama. Doença e morte são os temas que rondam o triângulo. A primeira transa de Potrel e Juliette, por exemplo, acontece depois que eles enterram Lévis-Strauss, o cachorro da mocinha, nome que rende uma piadinha rápida. Juliette, no entanto, depois de passar algum tempo morando com Potrel no campo, volta sem explicações para Raoul. Em inteligência, pelo menos, o velho ganha longe do rapaz. Mas uma reviravolta patológica deixa a garota com uma doença incurável. Os franceses parecem mesmo detestar final feliz, e o filme, apesar da solução hipocondríaca, é bem produzido.

BERLIM AFFAIR

(*Interno Berlinesse*, Itália, 1985)

Direção: Liliana Cavani. Com Gudrun Landgrebe, Mio Takai, Kevin McNally, Massimo Girotti. América.

Liliana Cavani já fez outros filmes sobre relações afetivas dolorosas, como os sádicos *O Porteiro da Noite* e *Atrás Daquela Porta*. O mesmo adjetivo cabe aqui, onde uma mulher de um diplomata se apaixona por uma japonesa disposta a morrer para ter razão. Gudrun Landgrebe, a prostituta de *Uma Mulher em Fogo* é a burguesa que encontra em sua amiga do curso de pintura (Mio Takai) toda a obsessão que ela mesma esconde. O nazismo está ascendendo e a história é contada em *flashback* pela ocidental. A paixão se complica em termos concretos quando o marido descobre o caso e passa a participar da relação. Como em *O Império dos Sentidos*, vence a compulsão.

ÂNSIA DE AMAR

(*Carnal Knowledge*, EUA, 1971)

Direção: Mike Nichols. Com Jack Nicholson, Art Garfunkel, Candice Bergen, Ann Margret. Globo Vídeo.

Quatro anos depois de filmar *A Primeira Noite de um Homem*, Nichols sintetizou aqui o temperamento de dois amigos americanos (Nicholson e Garfunkel). É um filme bem mais maduro que o anterior, ainda que sem a vivacidade dos anos 60. Os rapazes são companheiros inseparáveis. Garfunkel é o tímido, o que cai bem com os seus poucos recursos como ator. Nicholson já dava show de sarcasmo e tem um caso secreto com a namorada do outro, interpretada por Candice Bergen. Ela acaba sem nenhum deles. O filme acompanha a vida dos dois homens por 30 anos e o ciclo continua se repetindo: o inseguro está sempre com uma mulher a tiracolo e o espertinho, de olho nela. Uma ótima crônica sobre o comportamento americano.

O CASAMENTO DE MARIA BRAUN

(*Die Ehe der Maria Braun*, Alemanha, 1978)

Direção: Rainer Werner Fassbinder. Com Hanna Schygulla, Klaus Lowitsch, Ivan Desny. Pólvideo.

Maria é certamente a personagem mais cínica de Fassbinder, já que é capaz de fazer trapaça consigo mesma. Ela casa-se com Hermann (Klaus Lowitsch) poucos dias antes de ele ir para o front da Segunda Guerra. Depois de esperar por ele algum tempo, recebe a notícia de que ele está morto. Maria, para quem "o amor é só um sentimento, não a verdade", recupera-se rapidamente com Bill (George Byrd), um americano. Mas o marido não morrera e encontra os dois juntos quando chega. Bill é assassinado e Hermann acaba preso pelo crime. Maria faz uma espécie de pacto e o espera sair da cadeia. Como ela diz, "precisa-se estar com o estômago cheio para ter sentimentos", e por isso torna-se uma executiva fria, enquanto alimenta a paixão do patrão. Mas isso é só o fio do novelo do intrincado triângulo que se esclarece no final.

DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS

(Brasil, 1976)

Direção: Bruno Barreto. Com José Wilker, Sônia Braga, Mauro Mendonça. Globo Vídeo.

Adaptação do romance de Jorge Amado que recebeu o tom adequado do diretor Bruno Barreto. Vadinho (Wilker), o primeiro marido de dona flor (Sônia), é tão tarado pela mulher que volta do túmulo para dormir com ela. Ao lado, Teodoro, o segundo marido da professora de culinária, nem desconfia de tamanha esper-teza. Os contrastes entre a irreverência de Vadinho, andando nu pela casa, e a seriedade de Teodoro são os trechos mais engraçados do filme. Uma das maiores bilheterias do cinema brasileiro e caso inédito de bigamia.

ADÚLTEROS

Gaumont



O CASAMENTO DE MARIA BRAN

Gaumont



CARMEN

Globo Vídeo



MEU MARIDO DE BATOM

Look



PATO COM LARANJA

MONTENEGRO

(Montenegro or Pigs and Pearls, Suécia, 1981)

Direção: Dusan Makavejev. Com Susan Anspach, Svetozar Cvetkovic, Erland Josephson, Bora Todorovic. Pólvideo.

"Tudo é possível nesse filme que estamos fazendo", apregoa a personagem principal no início da fita. Ela é Marilyn (Susan Anspach), uma americana casada com um executivo sueco que está sempre viajando para lugares exóticos como o Brasil... Quando ele arruma as malas para ir para Recife, ela resolve acompanhá-lo, mas, por um imprevisto no aeroporto, vai parar num inferninho apinhado de estrangeiros. Curiosa com a atmosfera do Zanzi Bar, ela entra no clima erótico da casa e ensaia os primeiros passos para se tornar uma "Bela da Tarde". Enquanto não a encontra, o marido (Josephson) tem um caso com um terapeuta e outra garota. Marilyn se envolve com Montenegro, um rapaz que cuida de animais, e transa com ele num galinheiro. Ao voltar para casa,

ela faz um jantar fulminante para a família. Típica perversão bem nutrida.

O DEVER CONJUGAL

(Marzia Nuziale, Itália, 1965)

Direção: Marco Ferreri. Com Ugo Tognazzi, Shirley Anne Field, Alexandra Stewart. Globo Vídeo.

Irônico, Marco Ferreri abriu a porta do quarto de casal e filmou quatro episódios divertidos. São contadas a primeira transa de uma cachorrinha chique e os problemas na cama de um casal (ele tem gases, ela, celulite...). A terceira história é a de um casal americano que tenta resolver suas crises em grupo ou transando com hora marcada. Tognazzi é sempre o hilariante protagonista e, no quarto episódio, o melhor deles, vive num mundo onde as mulheres são de plástico e podem ser substituídas a qualquer momento por um modelo novo. Bem-bolado!

CARMEN

(Espanha, 1983)

Direção: Carlos Saura. Com Antonio Gades, Laura Del Sol, Paco De Lucía. Pólvideo.

A personagem criada pelo escritor Prosper Mérimé no século passado e que virou ópera de Bizet já fascinou muitos cineastas com seu temperamento apaixonante e independente. A versão de Saura mostra um grupo de dança que está montando a tragédia de Carmen, com a coreografia caprichada de Antonio Gades e música de Paco De Lucía. A ficção dentro da ficção mistura tudo, mas Carmen continua dona de si mesma, amante de um soldado, toureiro ou dançarino.

MEU MARIDO DE BATOM

(Tenue de Soirée, França, 1986)

Direção: Bertrand Blier. Com Gérard Depardieu, Michel Blanc, Miou-Miou, Bruno

Cremer. Globo Vídeo.

Versão meia-idade das aventuras de Os Corações Loucos (1973), do mesmo diretor e com Depardieu, Miou-Miou, Jeanne Moreau e Patrick Dewaere. Como em Os Corações..., o trabalho dos atores é o ponto alto. Os diálogos são decadentes, num triângulo nada amável. Ninguém é iconoclasta, só usa a rebeldia para defender a própria pele. Num vértice está Monique/Miou-Miou, uma francesa preocupada em se dar bem sem esforço; na outra ponta, Antoine, o marido incompetente da moça; e, no outro extremo, Bob/Depardieu, um ladrão gay que topa todas para ganhar dinheiro. Bob conhece o casal num bar e se mete na vida dos dois sem pedir licença. Com seu aguçado senso de preservação, Monique aceita o que ele lhe pede e oferece. Inicialmente, Antoine se retrai das cantadas de Bob, até virar um amante patético, com a peruca mal colocada. E as três terminam disputando o mesmo ponto numa esquina já quase sem clientes.

Globo Vídeo



DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS

A BELA DA TARDE

(*Belle de Jour*, França/Itália, 1967)

Direção: Luis Buñuel. Com Catherine Deneuve, Jean Sorel, Michel Piccoli, Pierre Clément, Wilder.

Na mira da câmera de um dos mestres do Surrealismo, Catherine Deneuve é uma madame frígida que procura o prazer trabalhando como prostituta "part time". Mesmo assim, a personagem parece se sentir inadequada nos dois mundos e se dilacera entre o sonho e o masoquismo real. Buñuel blefa em seu estilo, que envolve a história em fantasia, com os personagens servindo de mensageiros para expressar seu desprezo pela vida burguesa.

O DECLÍNIO DO IMPÉRIO AMERICANO

(*Le Déclin de l'Empire Américain*, Canadá, 1986)

Direção: Denys Arcand. Com Dominique Michel, Dorothee Berryman, Louise Portal. DIF. Premiado pela crítica em Cannes, este é um debochado inventário sobre a afetividade de um grupo de intelectuais que se reúne para um jantar. Antes do encontro, as mulheres falam de seus casos amorosos enquanto fazem ginástica. Os homens, na casa de campo onde será a reunião, adaptam os segredos sexuais para que possam contá-los para os amigos. A hipocrisia é mascarada (!) com a linguagem, numa superposição de aparências. Quando uma das mulheres resolve listar seus amantes, a situação fica pra lá de constrangedora. Nessas horas nem Freud ajuda. Imperdível.

A PRIMEIRA NOITE DE UM HOMEM

(*The Graduate*, EUA, 1967)

Direção: Mike Nichols. Com Dustin Hoffman, Anne Bancroft, Katharine Ross. Globo Vídeo.

A iniciação sexual de um rapaz recém-formado (o ótimo Hoffman, em início de carreira) com uma velha amiga da família (Anne Bancroft) rendeu este filme antológico,

que ganhou o Oscar de melhor direção. A trilha sonora de Simon & Garfunkel é famosíssima e muito bem sintonizada com a história. Mrs. Robinson, entre vamp e mãe de família, é também um ótimo trabalho de Anne. O adultério acaba quando Benjamin "traí" a amante com a própria filha dela (Katharine). As inesperadas seqüências finais são as melhores.

ROMANCE POPULAR

(*Romanzo Popolare*, Itália, 1974)

Direção: Mario Monicelli. Com Ugo Tognazzi, Ornella Muti, Michele Placido. Vídeo Midia. Sob a direção de Mario "Brancaleone", esta comédia sobre homem mais velho traído por mulher mais jovem garante risadas. Atualizando o tema, Tognazzi agora é um operário engajado que se casa com a afilhada (Ornella, começando sua predestinação para papéis dúbios). Júlio narra sua própria história e dá uma de diretor congelando as cenas. Seu maior esforço é ser liberal, lembrando o tempo todo que está nos anos 70. Os diálogos são inteligentes e o personagem não consegue aceitar a idéia de que sua mulher transou com outro. Mas a hipocrisia já caiu de moda e eles preferem a separação.

PATO COM LARANJA

(*L'Anatra all'Arancia*, Itália, 1975)

Direção: Luciano Salce. Com Ugo Tognazzi, Monica Vitti, Barbara Bouchet. Look.

Tognazzi e Monica são um casal hilariante nesta comédia em que a mulher toma a dianteira para confessar que tem um caso. O marido já desconfiava e tentava flagrá-la sem sucesso. Quando tudo se confirma, ele contratada e convida o amante da mulher e sua secretária para um fim de semana a quatro em sua casa. John Richardson é o amante sem graça e Barbara Bouchet está na pele da secretária, numa versão italiana (remoçada) da nossa Zezé Macedo. Tog-



A PRIMEIRA NOITE DE UM HOMEM

nazzi e Monica roubam a cena quando resolvem fingir que estão sendo infieis, enquanto ficam cada vez mais apaixonados um pelo outro. Numa cena, em quartos separados, os dois "uivam" simulando orgasmos, que rendem as melhores risadas do filme.

O HOMEM QUE VEIO DO SUL

(*Il Vichingo Venuto del Sud*, Itália, 1973)

Direção: Steno. Com Lando Buzzanca, Pamela Tiffin, Renzo Marignano. Century.

"Inculto movie" lançado no cinema com o título de *Um Siciliano na Dinamarca*. O canastrão Buzzanca é um empresário italiano que vai trabalhar na Dinamarca e se entusiasma com a fama da liberdade sexual do país. Quando chega lá, tenta cantar toda mulher que passa na sua frente, mas não consegue nada sem falar dinamarquês. Ao conhecer uma moça que fala italiano, logo se apaixona e se casa. Seu machismo volta à tona quando descobre que a mulher é uma ex-atriz de filmes de sexo explícito prestes a voltar à carreira por causa de um contrato. Inconformado, ele se separa, mas não agüenta ver a mulher curtindo cenas com os outros e resolve entrar no jogo.

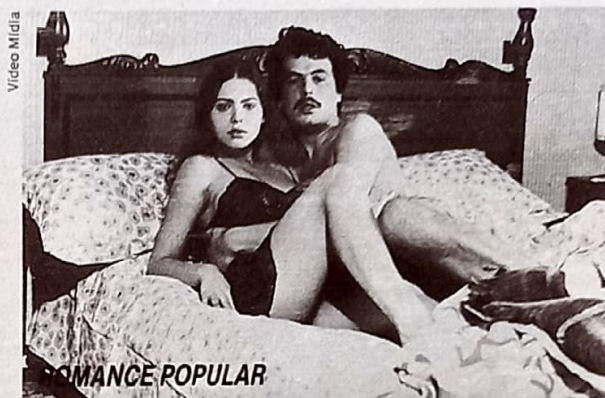
O INOCENTE

(*L'Innocente*, Itália/França, 1976)

Direção: Luchino Visconti. Com Giancarlo Giannini, Laura Antonelli, Jennifer O'Neil. Look.



MATIMONIO ITALIANO



ROMANCE POPULAR

Visconti, que tinha origem nobre, faz nesse filme um exorcismo da classe. Adaptado de um livro do facista Gabriele D'Annunzio, a história é espantosamente crítica, talvez por interferência do diretor no roteiro. Gianini interpreta um conde infiel que perde seus poucos escrúpulos quando descobre que sua mulher (Laura Antonelli) está grávida de outro. O que ele faz para manter o casamento, no entanto, não lhe tranquiliza, mesmo que tenha a convicção da crueldade. O final é trágico, claro.

OS IRMÃOS

(*Die Bruder*, Alemanha, 1976)

Direção: Wolf Gremm. Com Klaus Lowitsch, Doris Kunstmann. Express.

Wolf Gremm, que fez parte da equipe de Fassbinder, traça nesse filme um cruel quadro familiar, mas com uma narrativa fria e distanciada. Uma mulher casada com um homem mais velho tem como amante o próprio enteado, quase da mesma idade que ela. Seu filho mais



A BELA DA TARDE

novo, edipiano ao extremo, presencia todas as estratégias que os amantes inventam para não serem descobertos. Com ciúme, o garoto monta uma armadilha para o meio-irmão, só que quem sofre o acidente é a mãe, que fica parálitica, e o romance vem a público. Quando ela está prestes a morrer, anos depois, todos voltam a se reunir e ficam sabendo de um segredo incômodo. No final, como num ciclo, forma-se mais uma relação incestuosa. O curioso é que a trama não dá margem a emoção.

ADÚLTEROS

O MAGNÍFICO TRAÍDO

(Il Magnifico Cornuto, Itália, 1965)

Direção: Antonio Pietrangeli. Com Claudia Cardinale, Ugo Tognazzi, Gian Maria Volonté, Bernard Blier, Lando Buzzanca. Globo Vídeo.

Se a infidelidade tivesse uma nacionalidade, certamente seria italiana. No Vaticano, o casamento continua indissolúvel, mas nas suas vizinhanças e no cinema as traições rolam soltas. Nesse filme, um dos "pais" do gênero, Ugo Tognazzi é um marido rico obcecado pela idéia de que a mulher tem um amante. Em suas peripécias para descobrir quem se aproveita de Claudia Cardinale, Tognazzi cria um tipo de caracterização tão convincente que fariam

dele o "cornuto" por excelência nos filmes que se seguíam na Itália. A cena em que ele sonha acabar com a mulher enquanto ela dá rodopios eróticos faria escola e apareceu outra vez em *Pato com Laranja*. O elenco é afiado e o final cínico dá ao marido o que ele procurava. Sem que ele saiba, é claro.

WOYZECK

(Alemanha, 1972)

Direção: Werner Herzog. Com Klaus Kinski, Eva Mattes, Wolfgang Reichmann. Europa. A loucura de Woyzeck, um fuzileiro do século XIX, parecia domável. Com uma vida medíocre e incapaz de ter algum orgulho próprio, ele se submete às experiências de um médico e é humilhado pelos companheiros. Só o olhar de Kinski, no papel, já pede uma camisa-de-força. A única coisa aparentemente saudável em Woyzeck é que ele tem uma esposa e um filho. Eva Mattes é a mulher e dá autenticidade ao papel. À procura de quem respeitar ou de pura diversão, ela trai o marido, que descobre a violência dentro de si mesmo.

HANNAH E SUAS IRMÃS

(Hannah and Her Sisters, EUA, 1986)

Direção: Woody Allen. Com Mia Farrow, Barbara Hershey, Michael Caine, Diane Wiest.

LK Tel/Columbia.

Mia, Barbara e Diane são três irmãs modernas que caem no batido troca-troca de marido. Como em toda a filmografia de Allen, os personagens expõem seus sentimentos como se estivessem no terapeuta. Mas a sinceridade fica difícil quando o marido de uma delas tem um caso com a cunhada. Caine e Barbara, os amantes, formam um par convincente. Ele ganhou um Oscar de coadjuvante ao lado de Diane, que faz uma depressiva divertida, a combinação certa para um filme de Allen. O mais interessante é que a história mostra como ainda é difícil se livrar das convenções.

A MORAL DE RUTH HALBFASS

(Ruth Halbfass, Alemanha, 1971)

Direção: Volker Schlöndorff. Com Senta Berger, Helmut Griem, Margareth von Trotta. F.J. Lucas.

Ruth Halbfass (Senta) é casada com um banqueiro e tem como amante o professor de filosofia da filha. Não deixa de ser uma maneira original de conhecer dois modos de vida totalmente opostos. O professor (Griem) faz citações em voz alta e lê Ibsen para ela. E o marido engorda sua conta bancária. Os amantes planejam o assassinato do marido e depois não definem como agir. Mas a mulher do professor, interpretada por Margareth von Trotta, (a diretora de Rosa Luxemburgo e esposa de Schlöndorff), soluciona a questão com um maquiavelismo inesperado. Um drama astuto, subestimado na carreira do diretor.

MATRIMÔNIO À ITALIANA

(Matrimonio all'Italiana, Itália/França, 1964)

Direção: Vittorio De Sica. Com Sophia Loren, Marcello Mastroianni, Aldo Puglisi. Globo Vídeo.

Um comerciante leva uma prostituta para morar com ele. Com o tempo, Filomena



HANNAH E SUAS IRMÃS

assume os negócios do companheiro, que está sempre muito "ocupado" com suas amantes. A mulher resolve dar um basta na liberdade do mulherengo quando ele decide se casar com uma de suas funcionárias. Fingindo estar à morte, ela consegue enganar-lo e se casa com ele. Quando ele descobre o truque e fica sabendo de outros segredos dela, começa um jogo de gato e rato engraçadíssimo. Marcello e Sophia dão um show nos papéis.

SETE VEZES MULHER

(Woman Times Seven, EUA, 1927)

Direção: Vittorio De Sica. Com Shirley McLaine, Peter Sellers, Alan Arkin, Vitorio Gassman, Michael Caine, Philippe Noiret, Anita Ekberg. Globo Vídeo.

Shirley McLaine interpreta sete papéis em histórias sobre relacionamentos, ao lado de um elenco selecionado e com o refinamento da direção de Vittorio De Sica. Com a paisagem de Paris ao fundo, Shirley vive personalidades tão diferentes como Maria Teresa, uma esposa que tenta o adultério depois que flagra o marido com uma amiga, até Jean, uma francesa que se apaixona por um desconhecido que a segue pelas ruas cheias de neve. Mesmo no episódio de Marie, uma mulher que tenta o suicídio com o amante, é preservado um certo lirismo e ingenuidade.

O DESPREZO

(Le Mépris, França, 1964)

Direção: Jean-Luc Godard. Com Fritz Lang, Michel Piccoli, Brigitte Bardot, Jack Palance. Globo Vídeo.

Godard parece sempre inconformado em ser cineasta e não escritor (ou seria o contrário?). Aqui, baseado

num livro de Alberto Moravia, ele aproveita para demolir a própria estrutura cinematográfica. Fritz Lang é um cineasta que tenta fazer um filme sobre a *Odisséia*, de Homero. O próprio Godard aparece como seu assistente. Piccoli, um escritor ambicioso, é convidado para escrever o roteiro. Brigitte Bardot é a esposa dele, que acaba sendo empurrada pelo marido para os braços do produtor (Palance). E se Penélope desprezava Ulisses — dúvida que o filme levanta — ninguém sabe responder.

RITA, SUE E BOB NU

(Rita, Sue and Bob Too, Inglaterra, 1987)

Direção: Alan Clarke. Com George Costigan, Siobhan Finneran, Michelle Holmes, Lesley Sharp. Globo Vídeo.

Segundo longa de Clarke, de ousadia comparável ao demolidor *Serviços Íntimos*, de Terry Jones. Com camisinhas no bolso, Bob (Costigan) paquera as babás adolescentes de seus filhos. Quando vai levá-las para casa, ele pega um atalho e transa com as duas dentro do carro. Elas se fazem de ingênuas só pra ver o que ele é capaz de dizer. A patroa dondoca (Lesley Sharp), no entanto, descobre logo o triângulo ardoroso e sai da história. Bob convida Rita (Siobhan Finneran) para morar com ele, e Sue (Michelle Holmes) tenta namorar um paquistanês. Tudo é muito despojado, as meninas são gordas e o roteiro não economiza ironia com a velha geração dos ingleses. Um anti-Atração Fatal que aposta no imprevisto. Ainda bem.

Seleção e resenhas por Cesar Garcia Lima



SETE VEZES MULHER



RITA, SUE E BOB NU



O fim da crise de identidade.

O CHEQUE-
do BANCO
trans-
recebe
credibili-
quem realmente se destaca pos-
sui o Cheque-Ouro.
Mas, e você, que é filho dessa pessoa?
Você também é muito especial, mere-
ce a mesma confiança e o mesmo tra-

BANCO DO BRASIL S.A.

**OURO
DO BRASIL**
mite a quem o
toda confiança e
dade. Isso porque só

tamento. Mas não é isso o que aconte-
ce. Aqueles olhares desconfiados, ter
que mostrar a carteira de identidade,
esperar um telefonema sempre que
paga com cheque, tudo isso é muito
chato.

O BANCO DO BRASIL tem uma novida-
de para você que ainda não tem Cheque-
Ouro: o CHEQUE-OURO FAMÍLIA.
Basta seu pai indicar você para o ge-

rente, e pronto. Seu cheque vai ser
aceito na mesma hora, e você vai po-
der sacar dinheiro a qualquer hora do
dia ou da noite através do Caixa-Ouro.
Vai ser o fim da crise de identidade.

CHEQUE-OURO. Reflete quem você é.



BANCO DO BRASIL



"A MAIORIA DOS ATORES
SE MATARIA PARA
TER ESTE MEU
NOVO PAPEL"

BILL MURRAY

Ele voltou ao estrelato. Scrooged — Os Fantasmas Contra-atacam arrecadou em menos de 20 dias, em meados de dezembro, 35 milhões de dólares nos EUA

Depois de um ano excepcional — 1984, em que conheceu tanto o sucesso absoluto, em *Os Caça-fantasmas*, quanto o fracasso estrondoso com *O Fio da Navalha*, um filme sério, baseado no livro de Somerset Maugham — Murray praticamente sumiu das telas. Foram quatro anos lendo e rejeitando scripts e curtindo a família. A mulher, Mickey, era agente de atores antes de casar com Bill e tornar-se mãe de seus dois filhos e dona de um antiquário num vilarejo à margem do rio Hudson, em Nova York, onde os Murrys vivem. Raras e breves aparições interromperam sua reclusão: o paciente do dentista sádico em *A Pequena Loja dos Horrores*, o amigo de Dustin Hoffman em *Tootsie*. Enquanto seus outros companheiros dos tempos do programa de TV *Saturday Night*



Live, Eddie Murphy, Dan Aykroyd, Chevy Chase, disparavam nas telas e nas bilheteiras, Murray parecia pisar no freio e comentava-se que o choque duplo do fracasso de *O Fio da Navalha* e da morte de seu amigo John Belushi tinha sido forte demais para esse ator que não gosta de ser chamado de comediante e que, aos 37 anos, recém-completados, teve dificuldade em fazer as pazes com seus demônios interiores — drogas, conflitos familiares, uma infância solitária e pobre, apesar da extensa família de origem irlandesa.

Scrooged, escrito e produzido especialmente para ele por uma trinca de velhos conhecidos, o produtor Art Linson, o roteirista Michael O'Donoghue e Mitch Glazer de *Saturday Night Live*, é um tipo muito especial de retorno e triunfo. Numa bela tarde de outono em Nova York, vislumbrando o sol se pôr sobre o East River pelas vidraças de uma gigantesca suíte no alto de um hotel de luxo, Murray falou sobre seu afastamento, seu retorno e a inspiração atrás do perfeito canalha que faz em *Scrooged*.

SET: Por que demorou tanto tempo até que você tivesse um novo fil-

me? Falta de boas ofertas?

MURRAY: Ah, eu tive uma avalanche, uma torrente de ofertas nos últimos anos. Praticamente todos esses filmes que acabaram sendo feitos foram oferecidos para mim. E, sinceramente, você se lembra de algum filme extraordinário sendo feito nesse tempo? Esses scripts todos... eles não eram tão bons quanto as coisas que eu havia feito antes. Então eu achei que simplesmente não valia a pena.

SET: *Scrooged* valia a pena?

MURRAY: Era uma história incrível, uma história superconhecida, e a maioria dos atores se mataria para ter esse papel. Tenho que dar o crédito a quem é devido, ao produtor Art Linson. Foi ele quem teve a idéia, ele quem orquestrou tudo: "Vamos, façam-me um *Scrooged* engraçado". E nós (e digo nós porque eu participei muito da preparação do roteiro), então nós saíamos para fazer um Scrooge engraçado, dos dias de hoje; um Scrooge com o qual as pessoas pudessem se identificar. A falta de atualização já prejudicou muitos filmes que poderiam ser bons. *O Fio da Navalha*, inclusive...

SET: Você também estava superen-

volvido com *O Fio da Navalha*, não? É verdade que você barganhou seu papel em *Os Caçafantasmas* para que o filme fosse realizado?

MURRAY: Não foi bem assim. O Dan (Aykroyd, amigo de Murray desde os tempos do *Saturday Night Live*) tinha esse projeto todo engatilhado, tinha história, diretor, tudo, até serviço de buffet ele tinha. E eu estava tentando viabilizar *O Fio da Navalha*, que era um projeto muito importante para mim, algo que eu queria muito fazer. Aí o Dan me procurou e disse: "Você já tem estúdio para esse seu filme?" Eu não tinha, mas estava pensando na Columbia. E Dan disse: "Então ligue para eles e diga que, se eles fizerem *O Fio da Navalha*, eles podem ter esse aqui, *Os Caçafantasmas*". E bum, num segundo *O Fio da Navalha* tinha elenco, locação e até serviço de buffet.

SET: Você tem explicação para o fracasso do filme?

MURRAY: Eu quis fazer um filme sério e fiz um filme de época, velho, com as pessoas usando colarinhos altos, sapatos ridículos, andando de carruagem... Eu estava muito envolvido com esse filme, assumo que esses erros foram meus erros. Quando eu li o livro, eu fiquei empolgado, eu dizia "uau, mas eu conheço essas pessoas, eu sei como elas são". E no fim, no filme, isso se perdeu. Não podia haver coisa mais distante para o público.



Com Aykroyd e Ramis (de óculos) em *Caçafantasmas*. Abaixo, no novo filme



SET: De volta a *Scrooged*, você se inspirou em alguém para compor o canalha irreprensível que é seu papel no filme?

MURRAY: Ih, tanta gente. Conheci muita, muita gente assim na minha vida. Meu personagem tem muito de um sujeito que era produtor de um programa de TV onde eu e os roteiristas trabalhamos *Saturday Night Live*, um canalha completo, capaz mesmo de mandar grampear chifres em ratinhos... E tem um outro, um sujeito do meio musical, não é um artista, não, é alguém do business... Um canalha muito especial, desses que têm uma vaga garantida no inferno... Quando eu soube que esse cara tinha ga-



Columbia

O sucesso. Ele partiu em busca do sucesso sem ter a menor noção do que estava querendo. Ele achava que sucesso era ter um escritório enorme e poder aterrorizar as pessoas. Quando você se torna muito, mas muito bem-sucedido, é fácil você perder completamente a noção das coisas. Todo mundo fica

pique de um modo errado. Aí você começa a achar que tem, por exemplo, todo o direito de andar sozinho na calçada. De fazer o que quiser e bem entender. É uma espécie de mentalidade de mestre-escola apocalíptico.

Aconteceu com você? Na época de *Os Caçafantasmas*, por exemplo?

MURRAY: *Os Caçafantasmas* foi tão grande que eu tive de me esconder desse filme. Eu não tinha muita idéia do que ia acontecer com esse filme, achava só que era uma história engraçada, com pessoas engraçadas. Até hoje fico empolgado em lembrar quantos milhões de pessoas gostaram desse filme.

SET: Por que demorou tanto a sair *Os Caçafantasmas II*?

MURRAY: Porque ninguém gosta de continuações, não é? É verdade — no fundo todo mundo odeia continuações. Você nunca ouviu dizer de uma continuação que ela fosse tão boa quanto o primeiro filme. Só, talvez, com *Guerra nas Estrelas*. Mas finalmente eles nos convenceram a dar uma olhada em idéias para um segundo *Caçafantasmas*. Tenho saudade do primeiro, foi superdivertido fazer. Espero que seja assim com este também.

SET: Como vai ser esse segundo?

MURRAY: Tem cenas incríveis, hilariantes... Ah, não posso contar ainda, é muito cedo. O elenco é exatamente o mesmo, creio apenas que Sigourney não estará neste filme. Estamos mexendo muito no roteiro ainda, mas tenho certeza de que será um clássico, e provocará algumas das maiores gargalhadas já ouvidas numa sala de exibição.

Ana Maria Bahiana,
de Los Angeles 97

"Caçafantasmas II será um clássico e provocará algumas das maiores gargalhadas já ouvidas nas salas de exibição"

nho o prêmio de Humanitário do ano, eu não resisti: liguei para os roteiristas e nós acrescentamos esse detalhe ao filme.

SET: Na sua opinião, o que tornou Frank Cross, o protagonista de *Scrooged*, uma pessoa tão cruel e insensível?

dizendo que você é o máximo, você se torna voluntarioso, arbitrário, odioso, insensível.

SET: Você já viu acontecer na vida real?

MURRAY: Infelizmente, sim. É fácil você se viciar nesse tipo de energia, e começar a usar esse

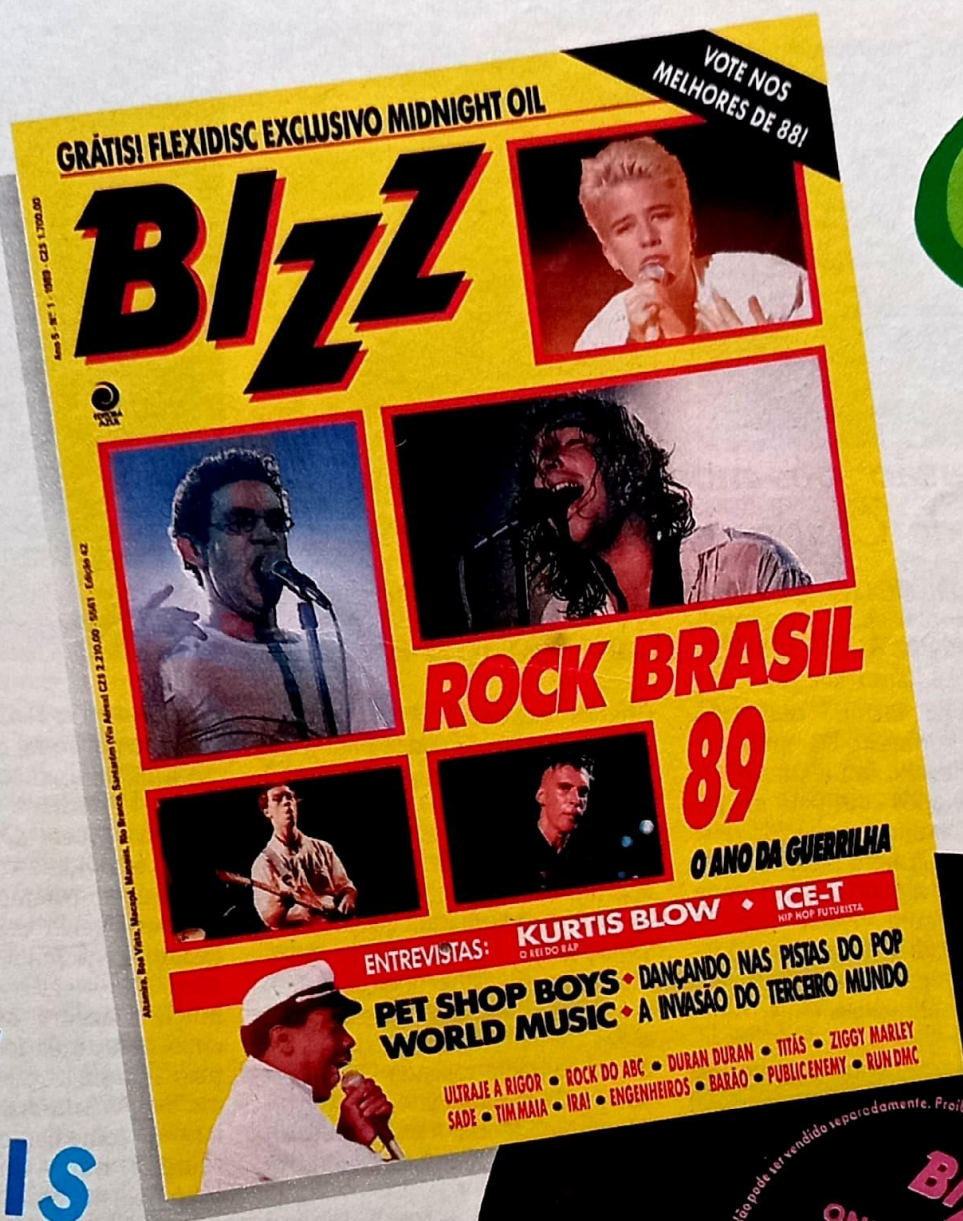
No alto, em
O Fio da Navalha;
abaixo, com
Sigourney Weaver
em *Caçafantasmas*



Columbia

GRÁTIS

FLEXIDISC EXCLUSIVO DO MIDNIGHT OIL



E MAIS

- ◆ ULTRAJE A RIGOR
- TITÃS
- DURAN DURAN
- ▲ ZIGGY MARLEY
- ▼ SADE
- ◆ IRA!

N A S B A N C A S



O BOM 'VELHINHO' CALHORDA

Na versão pós-moderna do Conto de Natal de Charles Dickens, Bill Murray rasga a seda sem perder o charme e o deboche: Os Fantasmas Contra-atacam

Pegue uma história que todo mundo já conhece. Dê uma pequena atualizada, um texto sarcástico e um elenco com pelo menos uma cara muito conhecida e... bem, o sucesso nem sempre é garantido, mas a fórmula não pode ser mais segura. Neste fim de ano, nos Estados Unidos, a indústria cinematográfica parece ter-se encantado particularmente com

Charles Dickens, contador emérito de histórias apropriadas para a estação (órfãos! arrependimentos! generosidade súbita! nobres sentimentos! lágrimas a granel!). Os estúdios Disney deram quatro patas, um elenco animal e um background de Manhattan para Oliver Twist, e o transformaram no desenho animado *Oliver and Company*. E a Paramount, um dos pesos pesados de 88, fecha o ano apostando na comédia rasgada *Os Fantasmas Contra-atacam* (*Scrooged*), adaptação de *Um Conto de Natal*, de Charles Dickens, estrelada por Bill Murray.

O tiro não podia ter sido mais certeiro. Desde sua estréia, no fim de semana de Thanksgiving — o dia de ação de graças, na última quinta-feira de novembro, que marca o início das festas de fim de ano nos Estados Unidos —, *Os Fantasmas*... tem sido um líder de bilheteria, às vezes solitário e destacado, às vezes perdendo para outro Dickens — *Oliver and Company* — ou para outra comédia

rasgada — *The Naked Gun*.

Motivos? Todo mundo sabe de cor a história: vilão avarento e insensível é visitado por três fantasmas na véspera de Natal e revive toda a sua vida e seus valores, reabilitando-se a tempo de distribuir presentes generosos e curtir peru e castanhas na santa paz natalina. E mais. Na versão dos roteiristas Mitch Glazer e Michael Odonochue — a dupla feroz responsável pelo humor sarcástico do programa de TV *Saturday Night Live*, que lançou comediantes como Eddie Murphy, Dan Aykroyd, o falecido John Belushi, Steve Martin e o próprio Bill Murray —, o vilarejo de Dickens transformou-se numa emissora de TV, e o vilão Scrooge num yuppie delirante, babando poder, dinheiro e grossura. Todo mundo sabe como Hollywood gosta de escrachar tanto a TV quanto os yuppies.

Os personagens tradicionais do *Conto de Natal* de Dickens estão lá, também, lado a lado com suas versões contemporâneas. É que Frank



Foto: UJP

Abaixo, Frank Cross com o fantasma do passado (David Johansen)
e com a fada (Carol Kane), na página oposta.
Ao lado, com a bêbada Anne Ramsey e, abaixo,
um fantasma perfurado



Cross (Bill Murray), o Scrooge moderno, o mais jovem vice-presidente da história da televisão, decidiu incluir uma versão pós-moderna da história no superespecial de Natal que está preparando para ir ao ar na noite festiva, e aniquilar o ibope da competição. A inacreditável programação de Natal que os comandados de Cross/Murray arrumaram, e que compõe a abertura do filme, é, talvez, seu maior achado (conta-se que *Scrooged* inteiro deveria ter esse tom nitidamente ácido, mas o produtor Art Linson, que encomendou e coordenou o projeto, achou melhor pedir moderação ao diretor Richard Donner).

Há um programa estrelado pelo homem de seis milhões de dólares em que terroristas atacam a oficina de Papai Noel no Pólo Norte e matam as renas. Os programas de jogos "Adivinhe Minha Doença" e "Corrida do Sexo" incluíram números natalinos em seus scripts. E, claro, a menina-dos-olhos de Cross, o tal "Conto de Natal", entremeado por flashes ao vivo do

Papa na Missa do Galo do Vaticano, surfistas na Austrália e esquiadores nos Alpes suíços.

Outro achado de *Os Fantasma*... são os próprios. Eles visitam e reabilitam o hipercanalha Frank Cross. O fantasma do futuro nem é tanto "achado" assim: é uma soturna assombração semitradicional. Mas o do presente, uma fadinha de aparência frágil (Carol Kane), mas capaz de distribuir socos e pontapés como um estivador. Já o do passado é um alucinado motorista de táxi (Buster Poindexter, estreando no cinema). Juntos, dão outro charme à velha história de Charles Dickens.

Mais charme ainda, é claro, vem na pessoa de Bill Murray. Os *Fantasma*... marca a volta do ator que odeia ser chamado comediante. "Comediantes são aqueles pobres coitados que contam piadas em clubes", ele diz. Passou quatro anos numa reclusão não muito bem explicada. As fofocas da indústria contam que, além do apelo do script (para o qual Murray



colaborou intensamente) e dos amigos Glazer, Donoghue e Donner, foi o cachê de 6 milhões de dólares que o colocou na pele do espumante vilão Frank Cross. E ele compôs um Frank Cross impecável em sua canalhice, usando e abusando da pobre secretária, distribuindo toalhas de banho como presente de fim de ano, aterrorizando a equipe, despedindo funcionários na véspera de Natal (uma prática mais comum do que se imagina, no meio televisivo), dando chilikues no estúdio e ataques pelos corredores.

Exatamente por sua ganância e baixaria serem tão perfeitas, é difícil acreditar na completa regeneração do Frank Cross de Bill Murray — mas isso também só acrescenta charme a esse *Conto de Natal* moderno, que está mais para a farsa que para a *Noite Feliz*.

Ana Maria Bahiana
de Los Angeles 

Scrooged, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: Richard Donner ■ Com Bill Murray, Karen Allen, John Forsythe, John Glover, Bobcat Goldthwait, David Johansen, Carol Kane ■ ROTEIRO: Mitch Glazer e Michael O'Donoghue ■ FOTOGRAFIA: Michael Chapman ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: J. Michael Riva ■ MÚSICA: Danny Elfman ■ PRODUÇÃO: Richard Donner e Art Linson em associação com Mirage Productions ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

TOTALMENTE CRIATIVO

Um dos mais inspirados diretores americanos arrebatava bilheteria e crítica com De Caso com a Máfia, uma comédia policial com música pop de qualidade e atores melhores ainda



Michelle Pfeiffer
e Matthew Modine:
a gata e o rato
sob os signos do
terceiro mundo

Um quê de *Tocaia* — o agente que vigia a mulher do bandido acaba apaixonado por ela, mas é traído por sua condição de espião. Um quê de *Pesadello na Rua Carroll* — a moça vigiada e o agente do FBI descobrem que, afinal, estão do mesmo lado. Um quê de *Poderoso Chefão* — uma história que assimila a ética da Máfia à ética dos negócios “honestos”, e os princípios da *famiglia* à vida em família nos EUA. Um quê das *criminal comedies* de Madonna — banditismo e gozações com a classe média yuppie embalados a rock’n’roll. Tudo isso, e muito do mais importante: a capacidade de Jonathan Demme de cruzar referências à cultura pop, numa embalagem das mais digestivas, com um olhar inteligente sobre a vida na América.

Demme tem em comum com seu amigo David Byrne (aliás, responsável pela trilha original de *De Caso com a Máfia*) algo da visão que o músico passa, nas letras mais recentes dos Talking Heads e em seu próprio filme, *Histórias Verdadeiras*, sobre o que a aparente normalidade americana faz permeiar de excêntrico, de insólito. Mas, se Byrne, candidamente, acaba encontrando equilíbrio nessa América contraditória, Demme faz o trajeto inverso, em uma solução de certo modo mais convencional mas mais venenosa: seus *happy ends* se dão à custa da ridicularização das instituições, e esta é tanto mais eficiente quanto mais leve. Muito mais leve que estas considerações iniciais: *De Caso com a Máfia* é, antes de mais nada, um filme delicioso.

Como em *Totalmente Selvagem*, muito de seu encanto é o encanto do par central (sempre rebatido pelo vértice bandido do triângulo). O que Melanie Griffith e Jeff Daniels (e Ray Liotta) faziam no filme de 1986 aqui corre por conta de Michelle Pfeiffer — bela como nunca — e Matthew Modine, o Joker de *Nascido para Matar*. Além de, *bang!*, Dean Stockwell. Ela é Angela, e o assassinato de seu marido mafioso é o pretexto de que precisava para cair na vida...

honestas. Mas nos seus calcanhares estão o agente Downey do FBI (Modine), atrás de uma brecha para pegar o *capo* Tony "The Tiger", e o próprio Tony (Stockwell), ex-patrão de seu marido, que não quer deixar escapar a viuvinha. Só que, contra todas as expectativas do FBI e da Máfia, Angela quer ver o poderoso chefe pelas costas, enquanto vai se interessando exatamente pelo agente que a vigia, para ela um inocente vizinho. A confusão se estende da suburbana Long Island para os buracos do Lower East nova-iorquino e daí até Miami, num costa-a-costa com direito a alguns cadáveres. Para complicar, Angela ainda arrasta atrás de si um filhinho de 7 anos, Tony e a esposa, uma megera interpretada pela ótima Joan Cusack.

Um dos melhores momentos que o caszinho Angela-Downey tem para si, em seu primeiro encontro, é num clube latino do centro de Nova York (indicado pela simpática Sister Carol — a mesma que cantava um reggae ao final de *Totalmente Selvagem*, e que aqui interpreta a dona do salão de beleza em que Angela se emprega, em seu trajeto para a pobreza). E o que eles lá ouvem é o grupo brasileiro Pé-de-Boi, radicado em NY, tocando "Zazueira", de Jorge Ben ("Menina bonita, você é demais/vai acabar com a minha paz"...), para depois cair na batucada. "A música é esquisita, mas é bonita", comenta Angela, depois de requebrar como pode.

A simpatia de Demme pela cultura afro-latina em geral (e a brasileira em particular) se estende até o letrado final, que diz "A Luta Continua", em português mesmo. O diretor tem usado a expressão a cada filme seu para prometer que um próximo está a caminho... É como se a cultura do Terceiro Mundo pudesse redimir de uma certa sordidez a herança europeia. Até o kitsch afro-latino — presente em uma série de adereços e cenários — e o kitsch americano têm qualidades diferentes: um, vivo e criativo; o outro, sintoma de uma sociedade



decadente. Em uma das últimas seqüências, a mulher de Tony, que o ameaça com uma arma numa suíte de hotel em Miami — espécie de santuário do mau gosto —, "fuzila" antes os medonhos adornos do quarto, à base de golfinhos de gesso dourados.

Trabalhando com sua equipe predileta, a mesma de *Totalmente Selvagem* (o diretor de produção Kenneth Utt, com quem Demme mantém a produtora Religioso Primitiva; o fotógrafo Tak Fujimoto; o montador Craig McKay), o diretor arranca o máximo de sentidos ocultos e humor oblíquo desses choques étnicos e sociais, registrados em cores vivas e ritmo ágil. Mesmo a relativa esquizofrenia da comédia *Totalmente Selvagem*, recheada com algumas cenas de grande tensão, parece superada. Apesar de definir seu filme como uma "fita de gangsters com risadas", o que se vê é um humor diferente, multifacetado, porém único — mesmo fuzilarias em câmera lenta, o recurso de maior violência nos filmes de Sam Peckinpah, tornam-se aqui um truque integrado à narrativa espirituosa. O melhor parâmetro é, de novo, a música: só mesmo na trilha de um filme de Demme poderiam conviver tão bem o "Mambo Italiano" (cantado por Rosemary Clooney) da abertura, a pós-melancolia dos ingleses do New Order e a exuberância de um sambão.

Alex Antunes **71**



A esposa do capo mafioso comanda uma cilada no supermercado (Joan Cusack, à direita) para intimidar a viúva e impedir o affair que se insinua no funeral (no topo, Pfeiffer e Stockwell). Ao lado: Demme (de branco) no set de De Caso com a Máfia

Married to the Mob, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: Jonathan Demme ■ Com Michelle Pfeiffer, Matthew Modine, Dean Stockwell, Alec Baldwin, Paul Lazar, Tara Duckworth ■ ROTEIRO: Barry Strugatz & Edward Saxon ■ FOTOGRAFIA: Tak Fujimoto ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Kristi Zea ■ PRODUÇÃO: Kenneth Utt & Edward Saxon para Mysterious Arts/Demme Productions ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

GARGALHAR EM OURO PRETO

Rodado na cidade mineira, Luar Sobre Parador mostra a Sônia Braga comediante

O ator de terceira Jack Noah (Richard Dreyfuss) só aceitou realizar aquele filme classe B em Parador — uma ilhazinha tipo Republiqueta de Banana cravada em algum ponto do Pacífico — porque havia ficado quase impossível disputar o ganha-pão no saturado mercado de trabalho nova-iorquino. Na pior das hipóteses, passaria alguns dias refestelado sob o sol, distante da neve de Manhattan. Na verdade, tudo correu muito bem. Até o dia em que alguém descobriu a grande semelhança física entre Jack e o ditador daquele país — batizado Simms —, e ainda por cima praticamente obrigou o ator a imitar o tirano na frente do próprio! Como que revisitando Getúlio Vargas, o déspota gargalhou à grande. Quem também gostou

do desempenho foi o primeiro-ministro, mais ainda quando, horas depois, o ditador morreu. O premier já estava farto da burrice daquele alcoólatra vestido de general e essa, agora, era sua grande chance de tomar as rédeas do poder. Mas ninguém poderia saber que o ditador havia morrido e o plano do primeiro-ministro era bem simples: contratar o ator Jack para fazer o papel de ditador. Afinal, o "Presidente" recém-falecido não passava, ele também, de um sócio do original. E se Jack recusasse o "convite" tudo bem, também levava chumbo e ficava tudo por isso mesmo.

É esse o pano de fundo do di-

vertido *Luar Sobre Parador*, uma farsa rocambolesca que por vezes beira o pastelão, mas que sempre mantém um ritmo veloz de acontecimentos que provocam curvas e desvios nas aventuras de Jack Noah. Richard Dreyfuss exercita com tons sua veia cômica, desdobrando-se em dois papéis — o de Jack e o de Simms (quando os dois personagens contracenam juntos, o irmão de Richard, Lorin Dreyfuss, interpreta o ditador) — e emprestando características peculiares a cada um. É o melhor papel cômico entregue a Richard desde *Um Vagabundo em Alta Roda*. Para não desagradar o premier Robert Strausmann (Raul Julia, impecável no papel) e não levantar as suspeitas da amante de Simms, Madonna (Sônia Braga). Tampouco pode criar mais problemas do que os que já existem entre o governo de Parador



Foto: UIP



Acima, o ditador Simms Noah (Dreyfuss); ao lado, com Madonna (Sônia Braga)



e a CIA — cujo representante é um velho amigo de Jack!

O diretor Paul Mazursky rege as transformações de Jack — de ator a ditador, a amante de uma revolucionária (no fundo, Madonna está do lado do povo), a pivô da revolução — num clima apropriadamente surrealista, fantástico, que parece fazer com que Mazursky se divirta à beça. Na hora em que precisa fazer um discurso importante para o povo de Parador, Jack Simms começa a recitar versos da música "The Impossible Dream", do musical *Man of La Mancha*. Mais tarde, propõe que este seja o hino nacional de Parador.

E a escolha de Sônia Braga para a Madonna — um misto de Evita e Corazón Aquino — foi perfeita: ela adiciona um ingrediente latino legítimo e — o mais importante — prova-se uma comediante de mão cheia. E que não se subestime o poder de fogo de Sônia em Hollywood. Inicialmente, todos os cartazes do filme mostravam apenas Dreyfuss, vestido de Simms. Na semana de lançamento, porém, Sônia foi adicionada aos cartazes, numa demonstração não apenas da importância do elemento feminino na venda desse produto mas da dimensão da popularidade da atriz nos Estados Unidos.

Também de interesse especial para o brasileiro é a presença de inúmeros atores nacionais no elenco — como José Lewgoy (o arcebispo), Milton Gonçalves (Carlo, capanga de Roberto), Regina Casé (pretendente ao posto de primeira-dama do país), Nelson Xavier, Nildo Parente e Guilherme Karam.

José Emilio Rondeau,
de Los Angeles

À SOMBRA DO CANSAÇO

Sob o Sol de Satã,
ganhador de Cannes
em 1987, decepciona

O livro *Sob o Sol de Satã*, de Georges Bernanos, é bastante carregado em sua linguagem metafórica, na tentativa de expressar as dúvidas espirituais de um padre francês do início do século. Se o livro já não atinge o público com facilidade, quando transposto para filme sua linguagem é ainda mais hermética. Ao adaptar o texto, o diretor Maurice Pialat reforçou a difusa trama psicológica com diálogos excessivos, literários ao extremo, cansando em vez de prender a atenção.

A direção dos atores é o elemento mais consistente dessa trama pantanosa de um homem rústico que se torna padre e passa a perseguir um perfeccionismo de conduta que o faz acreditar ter visto o diabo numa noite escura, na estrada. A consciência aguçada é o maior tormento para o abade Donissan e seus superiores. Gérard Depardieu é incomodamente convincente nos temores que o personagem sente diante de si mesmo. Sandrine Bonnaire, que estreou pelas mãos de Pialat em *Aos Nossos Amores* (1983), encarna bem a angustiada Mouchette, uma espécie de representante do mal que tem um estranho encontro com o padre antes de se render a sua própria tragédia. Eles se cruzam por acaso, mas têm em comum a obsessão pelo controle da própria vida.

Pialat, que até os 23 anos foi pintor, mostra essa influência com imagens sombrias, e ao mesmo tempo expressivas, como no encontro de Donissan e Mouchette. Seu trabalho de ator (ele interpreta Menou-Segrais, superior do abade) é melhor que sua habilida-



Fotos Alvorada

de em conduzir o filme, que dá uma sensação de logro, de se ter assistido a volteios estilísticos e filosóficos de um enredo que parece escapar aos olhos de quem vê, como fumaça que se desfaz. Vencedor da Palma de Ouro em Cannes, no 40.º aniversário do festival, ano passado, Pialat teve que receber o prêmio saudado por uma enorme vaia. Ele revidou: "Vocês não gostam de mim, mas eu também não gosto de vocês". Não repetindo o radicalismo do diretor, que não gosta também da *nouvelle vague* e tampouco do novo cinema francês, pode-se dizer que o filme não soube equilibrar elementos densos do drama psicológico, uma coisa que seus conterrâneos sabem fazer tão bem...

Cesar Garcia Lima

Ao alto, Mouchette
(Sandrine Bonnaire)
e, acima, Donissan
(Gérard Depardieu)
revelam, à luz
de satã, seus
temores e
angústias

Moon Over Parador, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: Paul Mazursky ■ Com Richard Dreyfuss, Raul Julia, Sônia Braga, Jonathan Winters, Fernando Rey, Sammy Davis Jr. ■ ROTEIRO: Leon Capetanos e Paul Mazursky, baseado numa história de Charles G. Booth ■ FOTOGRAFIA: Donald McAlpine ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Pat Guzman ■ MÚSICA: Maurice Jarre ■ MONTAGEM: Stuart Pappe ■ PRODUÇÃO: Paul Mazursky ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

Sous le Soleil de Satan, França, 1986 ■ DIREÇÃO: Maurice Pialat ■ Com Gérard Depardieu, Sandrine Bonnaire, Maurice Pialat, Alain Artur ■ ROTEIRO: Sylvie Danton, baseado no livro de Georges Bernanos ■ FOTOGRAFIA: Willy Kurant ■ MONTAGEM: Yann Dedet ■ PRODUÇÃO: Erato Films, Films A2, Flach Films, Action Films e CNC-Sofica ■ DISTRIBUIÇÃO: Alvorada.

PRESENTE GREGO

Costa-Gavras trai o seu público em Os Atraiçoados

O que acontece quando uma agente do FBI se infiltra num grupo de brancos supremacistas e se apaixona por um de seus líderes? A pergunta é considerada ao longo de *Os Atraiçoados*, mas o diretor Costa-Gavras acha apenas algumas respostas.

Talvez por precisar resumir numa narrativa de filme um tema tão complexo, Costa-Gavras percorre muitos territórios diferentes sem conseguir enfocar bem nenhum deles. O da agente federal (Debra Winger) parece tão mesquinho quanto o do fazendeiro Gary Simmons (Tom Berenger) é preconcei-

Debra Winger é a agente do FBI; Berenger, o fazendeiro

tuoso. Ela é usada por seus superiores para efetuar uma tarefa que há muito já ultrapassou o limite do profissional (ela torna-se mulher de Gary, vai morar com ele e cuida dos filhos do primeiro casamento) e que, gradualmente, torna-se extremamente conflitante com seus sentimentos pessoais. Gary lidera um movimento que pretende tomar o poder nos EUA e moldar o país de acordo com seus desígnios de pureza racial, e Costa-Gavras consegue apenas em alguns momentos fazer com que o atrito dessa série de confrontos provoque uma faísca.

As cenas em que a federal e o fazendeiro fingem que não sabem a verdade um sobre o outro chegam a causar a tensão necessária, mas o ritmo lento prejudica um crescendo de emoção. O confronto final do casal só não é anticlimático por causa de uma coda diabólica.

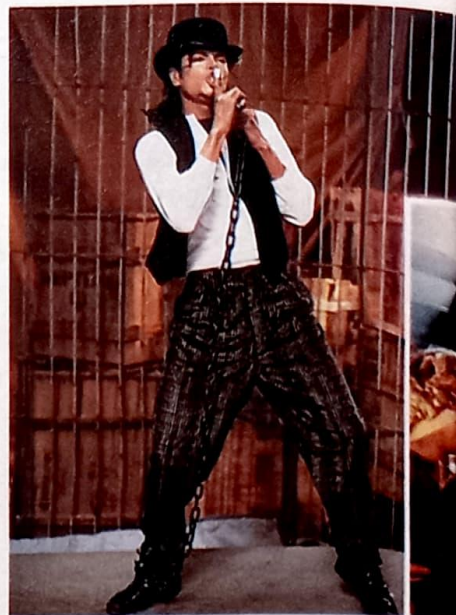
José Emilio Rondeau, de Los Angeles

Betrayed, EUA, 1987 ■ DIREÇÃO: Costa-Gavras ■ Com Debra Winger, Tom Berenger, John Heard, Betsy Blair, John Mahoney, Ted Levine ■ ROTEIRO: Joe Eszterhas ■ FOTOGRAFIA: Patrick Blossier ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Patrizia von Brandenstein ■ MÚSICA: Bill Conti ■ PRODUÇÃO: Irwin Winkler ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

NONSENSE INVOLUNTÁRIO

Moonwalker tem Michael Jackson mas não tem sentido

Este é um filme muito esquisito. Para começar, os americanos não o verão nos cinemas, mas apenas em videocassete (consta que os produtores — entre eles o próprio Michael Jackson e seu empresário, Frank Dileg — não conseguiram um acordo de distribuição lucrativo o suficiente, mas também pode ser que, por sua



estranha estrutura, tenha sido concebido mesmo como um vídeo doméstico). Para terminar, ele não é bem um filme, mas um longo videoclip recheado com outros clips para dar metragem suficiente. História? Não tem não. Ou melhor — como Michael Jackson é legal e humano e capaz de salvar a Terra cantando e dançando. Por aí.

Dividido em duas partes, *Moonwalker* traz a assinatura de uma penca de diretores, e um verdadeiro compêndio de efeitos especiais em sua pouco mais que uma hora de duração. A parte inicial é, na verdade, uma série de clips ou vinhetas. O primeiro deles (dirigido por Jerry Kramer) é uma versão ao vivo de "Man in the Mirror", com direito a várias gracinhas de edição e manipulação de imagens.

Will Vinion, o artista plástico responsável pela moda da escultura ambulante na TV, criador, entre muitas outras coisas, dos comerciais com as "passas da Califórnia", dirige o clip "Speed Demon", que faz Michael contracenar com bonecos animados de massa e, finalmente, transformar-se num deles, numa espécie de versão mais "tridimensional" das trucagens de *Roger Rabbit*. Mas é um Jim Blashfield, premiado diretor de vídeos de Peter Gabriel e Talking Heads, quem faz o clip mais interessante do filme, com "Leave Alone", uma gigantesca colagem de iconografia jacksoniana, juntando o chimpanzé Rubbles (é ele mesmo no filme), Elizabeth Taylor e o homem elefante, numa inesperada e assumida gozação às esquisitices do astro.

"A segunda parte de *Moonwalker* é "Smooth Criminal", um vídeo lon-



United Artists

Michael Jackson e
seu clip-poder de
tornar-se gangster
nos anos 30



Art Films

ASSUNTO ATRAENTE

**Mulheres à Beira de um
Ataque de Nervos: mais
um tento do gênio
do espanhol Almodóvar**

go, à moda de *Thriller* e *Bad*, dirigido pelo inglês Colin Chivers. Michael faz o papel de Michael, que, brincando com seus amigos Brandon Adams, Sean Lennon (o filho de John e Yoko) e Kellie Parker, descobre o esconderijo secreto do arquivilão Mr. Big (Joe Pesci). Aliás, Frank Lideo (uma gozação com o nome de Frank Dileo) e seus planos sinistros — dominar o mundo drogando as criancinhas. Oh, céus! Entre cantorias e perseguições, Michael é transportado no tempo para uma *joint* de gângsteres dos anos 30, transforma-se num carro de corrida e numa gigantesca espaçonave que, a golpes fulminantes de laser, destrói o vilão e salva o mundo a tempo de Michael voltar para fazer seu show e cantar "Come Together", dos Beatles. Numa espécie de epílogo, que deve ser editado da versão cinematográfica de *Moonwalker* — o grupo vocal sul-africano canta, a capella, "The Moon Walks", uma espécie de improviso sobre a idéia do título do filme e, numa dessas ironias da vida, faz mais sentido que quase toda a rocambolesca trama que veio antes dela.

Ana Maria Bahiana,
de Los Angeles

Moonwalker, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: Jerry Kramer e Colin Chivers ■ Com: Michael Jackson, Sean Lennon, Kellie Parker, Brandon Adams, Joe Pesci ■ ROTEIRO: David Newman, baseado na história de Michael Jackson ■ FOTOGRAFIA: John Hora e Crescenzo Notarille ■ PRODUÇÃO: Jerry Kramer e Dennis Jones ■ FIGURINOS: Betty Madden ■ COREOGRAFIA: Vince Paterson e Michael Jackson ■ EFEITOS VISUAIS: Eric Brevig para o segmento "Dreamquest" ■ MÚSICA: Bruce Broughton ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films

Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos poderia até ser título de um filme de Lina Wertmüller, que adora temáticas sexuais e nomes longos e curiosos. Mas quem dirige esta obra surpreendente é Pedro Almodóvar, o "enfant terrible" do cinema espanhol e coqueluche dos festivais de Veneza (melhor roteiro), Nova York e Toronto, no Canadá. Nesse último, *Mulheres...* foi considerado o filme mais popular do festival.

No Brasil, Almodóvar explodiu no 4.º FestRio, em 1987, com *A Lei do Desejo*, que apresentava personagens marginais deliciosamente inquietantes e febris.

Em *Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos*, baseado na peça *A Voz Humana*, do poeta, escritor e diretor de cinema Jean Cocteau, a narrativa é composta de pequenas histórias íntimas que se entrelaçam de forma rápida sem um cronograma preciso. Começa com Pepa (Carmen Maura, prêmio de melhor atriz do 1.º European Film Award, a versão europeia do Oscar americano) sendo abandonada pelo amante, ator e dublador de filme, como ela. Grávida, Pepa tenta dar a "boa nova" ao amante, mas em vez de encontrá-lo tropeça nos tipos mais estranhos possíveis: uma amiga que se envolve com um terrorista xiita; um pretense comprador do seu apartamento, que não passa do filho do amante — fato que ela ignorava —, a namorada deste, fria e distante; a mãe do rapaz, uma louca que recupera a memória ao ouvir a voz do marido num dos filmes da televisão; e um par de tiras, caricatura do gênero.

Na verdade, não existe uma his-



Fox

tória real dentro do filme, e sim um ponto de partida: o abandono de Pepa pelo amante. A partir daí, o diretor se diverte em criar situações que se atropelam em originalidade — é memorável a cena em que Pepa faz o comercial "A Mulher do Assassino", realçando a marca de um sabão em pó que lava sangue muito bem — e em humor, sua especialidade.

Apesar do estilo expressivamente brega, ironia afetada de Almodóvar, *Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos* é um filme moderno (a publicidade vaza a história de diversas formas) e de denúncia (olhar irônico e desabusado em cima da sociedade espanhola), feito de pequenas e grandes mentiras que são reveladas em doses homeopáticas. Um faz-de-conta em que a vida não passa de um teatro de bulevar — ao menos os personagens são apresentados como se estivessem num — e no qual se destaca o trabalho perfeito de Carmen Maura, atriz que aborda a comédia numa fusão feliz de Bette Midler com Goldie Hawn. Aplausos, por favor.

Eliana Thomé de Souza

Mujeres al Borde de un Ataque de Nervios, Espanha, 1988 ■ DIREÇÃO E ROTEIRO: Pedro Almodóvar ■ Com: Carmen Maura, Antonio Banderas, Julieta Serrano, María Barranco, Rossy de Palma ■ FOTOGRAFIA: José Luis Alcaine ■ MÚSICA: Bernardo Bonezzi ■ MONTAGEM: José Salcedo ■ PRODUÇÃO: Antonio Lloréns para El Deseo, S.A. ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

Mulheres: a vida
como num teatro

AFORTUNADA CRETINICE

**Cocoon II não tem nada
para contar mas muita
bilheteria para recolher**

"Esta é uma continuação que nós hesitamos durante muito tempo em fazer, que nós não queríamos fazer porque achávamos que toda a história já havia sido contada no primeiro filme. Até que nós percebemos que, de fato, ainda havia uma história para ser contada", disse Richard Zanuck, produtor dos dois *Cocoon*.

OK, tá, a gente faz de conta que acredita — afinal, esse é o papo de todo diretor/produtor/ator quando vem justificar essa coisa chatíssima e sem imaginação que é o *sequel*, a continuação. Que todo filme que se preza não precisa de continuação é uma coisa meio óbvia, exceções feitas às *Guerra(s) nas Estrelas* (que foram concebidas como um seriado, feito gibi ou os antigos filmes de aventuras das matinês dos anos 30 e 40) e ao *Poderoso Chefão* (que simplesmente era o mesmo livro de Mario Puzo, vasto demais para um filme só). E que continuação é uma tremenda jogada caça-níquel, também é até redundância. Este segundo *Cocoon* até teria um fiapo de justificativa — afinal, que tal a vida lá em Antares, sem morte e sem doença? E o que aconteceu com as pessoas que ficaram na Terra? Mas não escapa nem do tédio nem da desconfortável aura de caça-níqueis é um filme que tem ótimo elenco, mas um roteiro mais cheio de furos que uma espaçonave danificada!!!

A historinha: temendo que abalos sísmicos danifiquem os casulos deixados no fundo do oceano, próximo a San Petersburg, na Flórida, os antareanos resolvem retornar à Terra para salvar seus colegas (por que não o fizeram antes? Os antareanos gostam de



Um casulo
antareano nas
mãos dos
humanos

viver encasulados debaixo d'água? Aliás, por que mesmo que eles tiveram que ficar aqui, já que a espaçonave, no outro filme, tinha lugar para um barco inteiro cheio de velhinhos terráqueos?). De quebra, trazem de volta o trio de casais idosos-mas-fogosos do outro filme, interpretados com *gusto*, mais uma vez, pelos veteranos Don Ameche, Wilford Brimley, Hume Cronyn, Jessica Tandy, Maureen Stapleton e Gwen Verdon, e ninguém na cidade acha nada de mais que o sexteto, dado como morto num acidente de barco, reapareça alegremente, anos depois, pelas ruas e praias do lugar.

O que acontece com cada um deles é o pouco de história que esse filme tem, e por isso não merece ser contado aqui, só para estragar a alegria de quem se aventura a ver *Cocoon*, o *Retorno*. Basta dizer que o resmungão Bernie (Jack Gilford), viúvo desde o outro filme, reabilita-se e encontra amor e alegria de viver, que o casal Don Ameche/Gwen Verdon colhe os frutos da saúde adquirida em Antares, e que Hume Cronyn lembra-se um pouco tardiamente de que sua doença fatal, suspensa graças aos eflúvios antareanos, pode perfeitamente ter uma recaída na volta à Terra. Ah: Steve Guttenberg continua pilotando barcos e namorando a antareana Tahnee Welch (filha de Raquel Welch) Mike Nomad e Tyrone Power Jr. (filho do próprio) continuam como

antareanos, que entram mudos e saem calados, e o enredo dos casulos em perigo é esquecido durante quase todo o filme para ser resolvido nas cenas finais, graças à intercessão de uma implausibilíssima cientista boazinha, vivida por Courteney Cox (cujo único crédito anterior é o de ter dançado com Bruce Springsteen no vídeo "Dancing in the Dark").

Os efeitos especiais, a cargo da Industrial Light and Magic, têm a competência que se espera e o diretor Petrie — um canadense promissor, com bons créditos no passado por *Square Dance*, que lançou Wynona Ryder, e *Rocket Gibraltar* — faz o que pode com essa historinha desconjuntada. O elenco de veteranos, é claro, é uma delícia, e leva tudo com classe e *fair play*. Gwen Verdon, que faz a animadíssima Bess (a professora de dança no filme anterior) diz que pensou que, neste filme, ela estaria "vivendo no espaço e dando aula de ginástica para os extraterrestres". Não teria sido uma má idéia. Ana Maria Bahiana de Los Angeles

Cocoon: the Return, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: Daniel Petrie ■ Com Don Ameche, Wilford Brimley, Courteney Cox, Hume Cronyn, Jack Gilford, Steve Guttenberg, Barret Oliver, Maureen Stapleton, Elaine Stritch, Jessica Tandy, Gwen Verdon ■ ROTEIRO: Stephen McPherson, baseado na história de Stephen McPherson e Elizabeth Bradley ■ FOTOGRAFIA: Tak Fujimoto ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Lawrence G. Paull ■ MÚSICA: James Horner ■ PRODUÇÃO: Richard D. Zanuck, David Brown e Lili Fini Zanuck ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

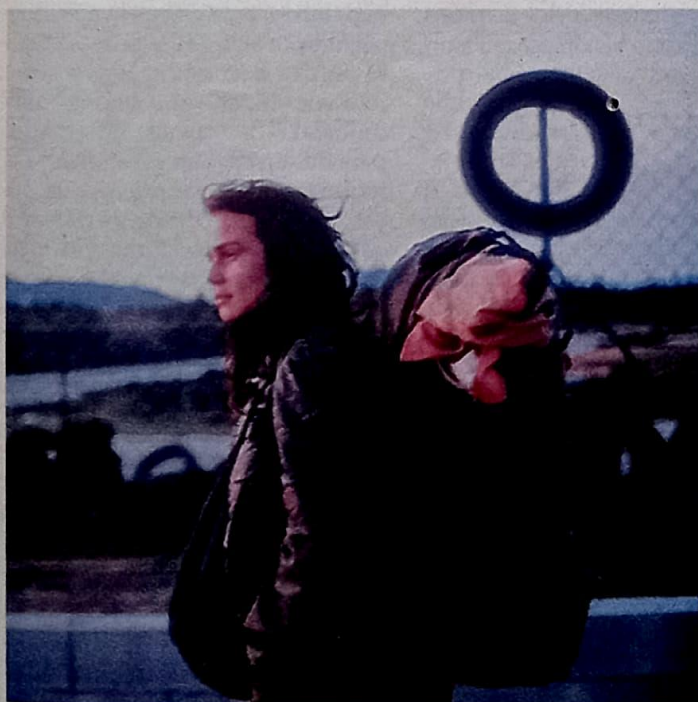
FLOR SEM FORÇA

Os Rejeitados
não tem graça
nem poesia

O argumento não é muito original: uma garota é encontrada morta de frio à beira de uma estrada no sul da França, depois de passar seus últimos dias acampando, viajando de carona e vivendo de pequenos trabalhos e/ou trapaçes. Essa espécie de hippie sem paz e sem amor — imagem mais que desgastada do "espírito livre", sem compromisso com o "sistema" — é Mona (Sandrine Bonnaire) e sua história é narrada em *flashback* pelas últimas pessoas que tiveram contato com ela: camponeses, operários, ladrões, filósofos e burgueses. Ninguém a compreende (tadinha), e todos sentem-se incomodados em alguma medida com a sua presença. Apesar da descontinuidade da narrativa e de algumas esper-

tezas metalingüísticas (como personagens que falam diretamente para a câmera), tudo é previsível e insosso. A veterana diretora Agnès Varda, que flertou com a *nouvelle vague* nos anos 50 e 60, mostra muita técnica, segurança narrativa e quase nenhuma poesia. E a atriz Sandrine Bonnaire — o xodó da crítica francesa — revela-se ideal para o papel: fria, quase assexuada e, sobretudo, feia. Claro que há pontos altos: a sequência de festa popular selvagem, perto do final; o momento em que vários personagens se cruzam na mesma estação de trem; os belos *travellings* que acompanham os passos de Mona (sempre da direita para a esquerda, contra uma paisagem descampada)... Mas a falta de humor e sensualidade é fatal. Um filme paradoxalmente bem-feito e dispensável. José Geraldo Couto

Sans Toi ni Moi, França, 1985 ■ DIREÇÃO: Agnès Varda ■ Com Sandrine Bonnaire, Macha Méril, Stéphane Freiss, Laurence Cortadellas ■ ROTEIRO: Agnès Varda ■ FOTOGRAFIA: Patrick Blossier ■ MONTAGEM: Agnès Varda e Patricia Mazuy ■ MÚSICA: Joanna Bruzdowicz ■ PRODUÇÃO: Oury Milshtein para a Ciné-Tamaris, Film A-2 e Ministério da Cultura da França ■ DISTRIBUIÇÃO: Alvorada



Sandrine
Bonnaire é a
incompreendida
Mona

Aviso aos Assinantes

Se você necessita de alguma informação sobre sua assinatura, escreva para Editora Abril-Assinaturas, rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05065, São Paulo, SP.

Ou, se preferir, utilize estes telefones:



SÃO PAULO	Tel. (011) 823-9222 - Das 8h às 18h (ininterrupto)
RIO DE JANEIRO	Tel. (021) 295-5544 - Das 8h às 18h (ininterrupto)
RECIFE	Tel. (081) 224-0655 - Das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h
SALVADOR	Tel. (071) 247-1022 - Das 8h às 12h e das 14h às 18h
BELO HORIZONTE	Tel. (031) 275-2255 - Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h
PORTO ALEGRE	Tel. (0512) 33-9034 - Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30
BRASÍLIA	Tel. (061) 226-6963 - Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h
CURITIBA	Tel. (041) 263-3013 - Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Se você mudou de endereço, preencha o pedido de alteração abaixo, coloque-o num envelope e envie-o para



**EDITORA ABRIL
ASSINATURAS**



rua do Curtume, 769, CEP 05065, Lapa, São Paulo - SP.

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta
de endereçamento anterior

Atenção: Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço de 6 a 8 semanas após recebermos seu pedido.

Novo endereço

Bairro

Cidade

CEP

Telefone

Estado

Roteiro

Entrega

Não preencha este espaço

SET-19

RITA HAYWORTH

A garota dos cassinos mexicanos enfeitiçou Orson Welles, foi a irresistível "Deusa do amor" e a primeira atriz do cinema americano a virar princesa

Gilda não era uma garota má. Ela foi desenhada assim, recheando um sensual vestido de cetim preto, mostrando o colo magnífico, com instigantes luvas cobrindo até a metade os antebraços e mantendo nos lábios desejosos sempre um sorriso molhado. Com essa imagem Rita Hayworth conquistou o mundo e o Olimpo, tornando-se a deusa do amor ao lado de Afrodite e Terpsícore, seu personagem em *Quando os Deuses Amam*.

Filha de um bailarino espanhol, Eduardo Cansino, e de uma vedete do Ziegfield Follies, Volga Haworth, Margarita Carmen Cansino nasceu no Brooklyn, Nova York, a 17 de outubro de 1918, num hotel cheio de luzes e agitação. Seguindo a tradição da família, Margarita começou a dançar aos 3 anos e aos 14 já formava dupla com seu pai. A depressão econômica nos Estados Unidos fez a família Cansino imigrar para o México e trabalhar nos cassinos de Agua Caliente. E foi lá

que Winfield Sheehan, vice-presidente da Fox, se apaixonou pela sensual e desenvolta chicana e convenceu Rita a assinar um contrato com a companhia.

Apesar do encanto e da volúpia que a adolescente revelava nos palcos, os testes de fotografia mostravam uma garota gordota cujos cabelos nasciam quase no meio da testa. Mas os olhos de Sheehan não se enganaram. "Ela tem qualquer coisa, é aquele sorriso", dizia entusiasmado ao ver e rever os testes. E insistiu. Rita Cansino começou a ser preparada para o estrelato com aulas de voz, interpretação e equitação, e seu primeiro filme foi *Amor de Gaucho*, de 1935, aos 17 anos. Seguiram-se vários papéis menores em filmes B, até que surgiu o segundo homem de sua vida, Edward Judson, um vendedor de carros que circulava pelos estúdios de Los Angeles. Visionário, Judson tornou-se seu agente. Sua primeira decisão foi um regime de emagrecimento; a segunda, levantar a linha dos cabelos com eletrólise; e, por fim, transformá-la na estonteante ruiva — Rita Hayworth. Comprou-lhe vestidos, levou-a para as badalações da noite hollywoodiana, persuadiu Harry Cohn, o chefe da Columbia, a contratá-la por sete anos e casou-se com Rita em maio de 1937.

Aos 20 anos, Hayworth faz seu primeiro filme classe A, *Paraíso Infernal*. Os planos de Judson estavam dando certo, mas o casamento começava a desmoronar. Judson deve ter se consumido em neuroses quando a louríssima Carole Landis recusou-se a tingir seus cabelos de ruivo para contracenar com Tyrone Power em *Sangue e Areia* (1941). Ri-

ta assume o posto e arranca o fôlego da platéia. A Columbia reconhece o valor da estrela que ascende e a coloca formando par com Fred Astaire em dois filmes: *Ao Compasso do Amor* (1941) e *Bonita Como Nunca* (1942). Os argumentos não são bons, mas o charme de Astaire e a força pecaminosa de Rita compensam o resultado — e a bilheteria.

Finalmente em 1943, a estrela se livra do marido acabrunhado. No ano seguinte, "a garota mais excitante das telas" conhece o *enfant terrible* Orson Welles. Em 1945, nasce a primeira filha (dela e do casal): Rebecca.

A consagração de Rita Hayworth como mito erótico acontece em 1946, com *Gilda*, de Charles Vidor, retomando a imagem de *femme fatale* que a levou ao estrelato. Só que dessa vez nada da inocência e da graça despreocupada da heroína dos musicais. Gilda não podia ser, de modo algum, uma garota decente. E Gilda é a única mulher do mundo que, na cena antológica em que canta "Put the Blame on Mame" boys, levou ao frenesi milhares de homens despindo as luvas.

Mas, sempre um "mas", a vida real é sempre a "vida real"... Os homens não conseguiam amá-la — "eles se deitam com Gilda e acordam com Rita", desabafou certa vez. Diziam que sua personalidade não tinha magia e que ela não sabia decidir por si, que era extremamente passiva e letárgica. Na verdade, Rita era vulnerável e sincera, uma candidata das menos preparadas para lidar com o megaestrelato. E a mulher mais extraordinária da década de 40 não conseguiu domar o gênio do marido. Prevendo mais um escândalo matrimonial desastroso, Cohn, o chefe da Columbia, pôe dinheiro na mão de Welles para fazer um filme com ela. O que Cohn não previa é que *A Dama de Shanghai* (1948) iria destruir a imagem da deusa. A excitante Elsa Bannister do filme resultou, aos olhos do público, num personagem detestável. E, ainda pior, ela não tinha os atributos que transformaram Rita numa estrela inquestionável: Welles obrigou-a cortar os cabelos e a tingi-los de louro.

Para compensar a imagem desfi-

A deliciosa chicana
Rita Cansino,
aos 17 anos,
no filme
Charlie Chan
no Egito



Ao lado, uma pose promocional de Gilda, e abaixo como Miss Sadie, de A Mulher de Satã

gurada, a Columbia tenta reeditar a fórmula de Gilda em *Carmem*, também com Glenn Ford, mas o sucesso não se repete. Frustrada com seu destino, ansiosa por conseguir um novo amor (já se separara de Orson Welles) e ser uma mulher de verdade, Rita se lança na descoberta de si mesma e viaja para a Europa, onde conhece aquele que seria seu terceiro marido, o príncipe Ali Khan, com quem tem sua segunda filha, Yasmin.

Mas o conto de fadas com o príncipe começa a ruir. Ali Khan é um sedutor que, quando não pensa em mulheres bonitas, ocupa a imaginação com os cavalos. Rita quer um lar, mais uma vez não o consegue, e, em 1951, divorcia-se pela terceira vez. Ela tenta de novo, casando-se com um misto de cantor de rádio e gigolô, Dick Haymes. Fracassa. Sua última tentativa amorosa aconteceu com o produtor James Hill, de quem se separou em 1960. A estrela perde seu brilho, ofuscado pelo álcool e pelas decepções. Depressiva e alcoólatra, Rita Hayworth tentou fazer teatro, sem sucesso. Em 1972 teve seu derradeiro lampejo em *A Ira Divina*. Mas, como um aviso dos céus, ela já dava sinais do mal que a tiraria das telas e a colocaria no Olimpo para sempre — alzheimer, doença que provoca a deterioração das células cerebrais. No final de sua vida, não se lembrava de nada, não sabia quem era ou quem tinha sido. Ela havia se esquecido do mundo, e este, dela. Após longos anos de solidão voltou às manchetes dos jornais quando morreu em 14 de maio de 1987. Nunca mais haveria uma mulher como Gilda, ou como Rita. Seu legado é a imagem impressa em 35 mm da mulher perfeita, que os homens jamais teriam. Nem mesmo quando tentassem. Deborah Peleias



Com essa foto, os fãs da mega-estrela puderam comprovar a beleza que foi só dela



Acima, a lady noir Elsa Bannister, de A Dama de Shanghai, empunhando sua mais fiel amiga



NA PISTA DOS GUIAS DE VÍDEO

A exemplo do mercado estrangeiro, surge no Brasil uma variedade de guias de home vídeo, seguindo o gosto dos videomaníacos

Caminhar por uma videolocadora é como adentrar na *twilight zone*. É preciso poder mediúnico para adivinhar o que se esconde atrás de tantos títulos bizarros pendurados nas chapeiras. E escolher um deles aleatoriamente pode causar uma viagem insólita. Os títulos se repetem, ou se parecem, ou se confundem. Só se percebe a armadilha em casa quando, em vez do comediante esperado, aparece uma reportagem ecológica na tela. Para que a ida à locadora não se transforme numa jornada sem destino, a melhor coisa é ter um guia, um mapa, uma boa direção.

Com uma oferta de mais de 4 mil títulos selados (e o mesmo número de não-selados) disponíveis pelas quase 6 mil locadoras do país, as publicações que orientam o consu-

midor são sempre bem-vindas. Aliás o exemplo veio de fora.

Os *movie guides* têm uma tradição de trinta anos. O americano *Movies on TV and Videocassette*, de Steven Schever (que em sua última edição reúne um acervo de 15 mil títulos), foi publicado pela primeira vez em 1958, como *TV Movie Almanac and Ratings*. No Brasil, o pioneirismo ficou por conta de Rubens Ewald Filho, que, em 1985, lançou o I volume de *Video Filmes*, pela Sigla Editora. Naquela época o mercado nacional de vídeo estava desorganizado e só havia fita sem selo, ou pirata. Por isso, a pirataria era uma constante nos primeiros guias de Ewald. E hoje, apesar da guerra das distribuidoras e do Concine contra os corsários, os vídeos não selados são comercializa-

PLAYBOY VIDEO

Não é propriamente um guia, mas uma extensão da revista *Playboy*, que, além de selecionar 300 títulos de vídeos eróticos e pornôs, apresenta ensaios fotográficos com as deusas da sensualidade do atletismo sexual, cenas de sexo inesquecíveis dos grandes filmes e artigos variados, como filmar suas fantasias eróticas, curtir a telinha sacana a dois e o que está passando nos vídeos dos melhores hotéis do país.

Na opinião de Luciano Trigo, os filmes pornôs não são um subgênero do cinema em geral, "mas equações cuja incógnita é o erotismo, tema inesgotável". Para explicar por que as pessoas se interessam pelo cinema pornô, exemplifica com Alfred Hitchcock, em *Janela Indiscreta* — "todo mundo no fundo é voyeur, todos adoram observar a intimidade alheia. Então, por extensão, todos somos espectadores em potencial de filmes eróticos. E, na era da Aids, o filme erótico exerce uma função terapêutica e mesmo preventiva: é sexo sem culpa e sem perigo".

dos e constam de uma das mais recentes novidades em guias nacionais. Trata-se do *Guia de Vídeo 89*, da Editora Nova Cultural, que traz 5270 verbetes, dos quais quase 50% não são oficiais. Há outras duas novidades brasileiras: a *Playboy Vídeo*, com uma seleção de 300 filmes eróticos, e a *Seleção dos 700 Melhores Vídeos*, da SET (ver boxes).

O mercado de publicações estrangeiras é mais generoso e variado, pois oferece desde o americano *Video Movie Guide for Kids: a Book for Parents*, de Mick Martin e Marsha Porter, um guia de homevídeo para crianças, até os mais complexos *Halliwel's Filmgoer's Companion*, uma espécie de dicionário com filmes, diretores, atores e termos técnicos do cinema, e o *Bloomsbury Foreign Film Guide*, de Ronald Bergan

VÍDEO GUIA 89

O maior problema desse guia são os títulos não-selados, pois, provavelmente, não estarão disponíveis nas locadoras. Para Luciano Ramos, a guerra contra a pirataria não é problema do espectador, "mas sim das distribuidoras e do Concine, que pouco se importam com os fãs do cinema". Sua justificativa é de que seu guia é um anuário, portanto não poderia esperar a decisão das distribuidoras pelos novos títulos a serem lançados. Por isso, fez-se uma previsão para 89 e antecipou-se os lançamentos, tanto em vídeo como em cinema.

As duas vedetes do *Guia de Vídeo* são um índice completo, por títulos, diretores e atores, e a feliz idéia de cotar a qualidade das cópias, por distribuidora, e das legendas. O principal demérito é o critério de atribuição de estrelas, que dá espaço para a supervalorização de fitas menores, como *Goonies* e *Fama*, que recebem cinco estrelas, em detrimento de filmes melhores, como *História de Adèle H*, com duas estrelas, e *Joga a Mamãe do Trem*, com apenas uma.

Luciano Ramos
(editor do
Guia de
Vídeo / Nova
Cultural)



Luciano Trigo
(editor do
Playboy
Video / Abr)

Divulgação

PLAYBOY VÍDEO



GUIAS PRÁTICOS 89
ROTEIRO COMPLETO DE FILMES PARA TV E

VÍDEO

5270 FILMES COM
RESUMO E
COTAÇÃO
TODOS OS
GÊNEROS

Centenas de biografias de artistas e diretores

Pesquisa: os filmes mais procurados nas grandes locadoras

Especial: um minidicionário de cinema para você!

Divulgação

e Robyn Karney, um guia inglês só para filmes estrangeiros. O best-seller americano é o *Leonard Maltin's TV Movies & Video Guide*, com mais de 2 milhões de exemplares vendidos, cuja edição para 1989 apresenta 18 mil títulos.

Já para os profissionais, ou àqueles que estão profundamente interessados nas críticas embasadas, há uma edição, de 1987, da Arena, de *5001 Nights at the Movies — An A to Z Guide for Film, Television and Video Viewers*, de Pauline Kael, a mais temida crítica norte-americana. Kael há anos mantém uma coluna de cinema no *The New Yorker* e exerce uma influência decisiva sobre importantes críticos brasileiros. Instigante e incisivo, esse guia não deixa pedra

sobre pedra e tem a coragem de arrasar com algumas pérolas do cinema mundial, como *O Fio da Suspeita*, de Richard Marquand, e *Corpos Ardentes*, de Lawrence Kasdan.

Para encontrar os guias importantes, basta dirigir-se a qualquer uma das livrarias da rede Siciliano ou passar na Livraria Unilivros (227-4018) e Artes e Idéias (274-0497), no Rio de Janeiro. As edições brasileiras são facilmente encontradas no jornaleiro mais próximo de sua casa.

Deborah Peleias



Alex Antunes (editor dos 700 Melhores Vídeos / Azul)



OS MELHORES DE SET

Trata-se de uma segunda edição revista e ampliada de uma seleção publicada em meados de 88. São 700 títulos distribuídos por 20 gêneros, que vão desde os mais óbvios, como aventura, romance, drama, até os gêneros mais arbitrários, como cult movies e inéditos no cinema. A seleção optou por indicar apenas fitas seladas, porque são mais acessíveis ao público em todo o país. Também apresenta índice remissivo por filme, diretor e ator, além do endereço das principais distribuidoras e da rede de assistência técnica de equipamentos.

Para Alex Antunes, "é mais importante fazer uma seleção do que um guia, mais útil para profissionais. Ao contrário, a seleção é mais interessante para o público em geral, que não tem tempo para assistir a todos os filmes". Comparando-se a *Seleção* da SET com outros guias, percebe-se que a diferença marcante é a qualidade e a profundidade das resenhas, já que todos os filmes são bons.

TRILHAS

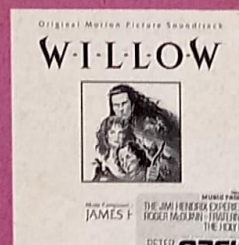
PÉ NA ESTRADA E CABEÇA NA FANTASIA

A volta da lisérgica trilha de Easy Rider e a requintada magia de Willow

◆ Um dos mais importantes relançamentos no setor de trilhas sonoras durante 1988 foi o de *Easy Rider* (BMG/Ariola), o precursor dos *road movies*. Isto porque sua coleção de canções apresenta tal coerência com a proposta do filme, a ponto de parecer ter sido composta especialmente para acompanhar as imagens. Contudo, este caleidoscópio musical da América dos anos 60 traz também alguns pontos opacos: a não-inclusão das faixas do Electric Flag e Little Eva — ambas constantes do filme — e a versão por Smith de "The Weight" (nas telas, na gravação original do The Band) são defeitos que poderiam desaparecer numa reedição "modificada". Mas tudo isso torna-se irrelevante ao se ouvir as duas primeiras faixas do Steppenwolf que abrem o LP: "The Pusher", retratando o universo obscuro dos traficantes, e "Born to Be Wild", que depois se transformaria em hino de quase todas as tribos do rock. O folk elétrico pioneiro dos Byrds comparece em "I Wasn't Born to Follow", seguido dos vocais escrachados de Peter Stampfel e Steve Weber, do Holy Modal Rounders, em "If You Want to Be a Bird". O lado 2 começa com a "bandeira" generalizada do Fraternity of Man em "Don't Bogart Me" ("não mate este baseado, meu amigo/passe-o para mim"), que anuncia a guitarra lisérgica de Jimi Hendrix

rompendo fronteiras musicais em "If Six Was Nine". Temos depois "Kyrie Eleison" com the Electric Prunes, uma das primeiras bandas psicodélicas de Los Angeles, sucedida por um excerto de "When the Saints Go Marching In", do Mardi Gras, de New Orleans. O final não poderia ser mais pungente com "It's All Right Ma (I'm Only Bleeding)", de Bob Dylan, e "Ballad of Easy Rider" — ambas interpretadas por Roger McGuinn (ex-guitarrista dos Byrds) —, que são entremeadas pelos dois tiros certos que ceifaram as vidas de Wyatt e Billy. Tocante.

◆ Em atmosfera de contos de fadas, foi lançada no Brasil, simultaneamente com o filme, a trilha sonora de *Willow* (BMG/Ariola), assinada pelo experiente James Horner (*Cocoon*, *O Nome da Rosa*, *Aliens*), perfeitamente funcional para ilustrar a requintada terra da magia criada pelo diretor Ron Howard. Celso Pucci





I M A G I N E

John Lennon

O Disco da sua vida está a venda
agora em álbum duplo, K7 duplo
e compact disc

Incluindo:
Jealous Guy
Woman
Beautiful Boy
(Just like) Starting over
Imagine
How?
Imagine (Rehearsal)
God
Mother
Stand by me

• Real love (inédita)
Twist & shout
Help
In my life
Strawberry fields forever
A day in the life
Revolution
The ballad of John and Yoko
Julia
Don't let me down
Give peace a chance



por Fulvio Abramo

ENCOURAÇADO POTEMKIN

(Bronenosets Potymkin, 1925)

Cordial e contido nos gestos, emanava simpatia e confiabilidade. Convidou-me para sentar numa poltrona, na sala de visitas da casa residencial que ocupava, no bairro da Barra Funda. "Disseram-me que você traduz do italiano, do francês e do espanhol. É verdade?" Era. "Então tenho trabalho para você. Mas deve viajar. Vai ficar cinco dias no Rio de Janeiro. Pode?" Quase não tinha sotaque, embora estivesse no Brasil não havia muito tempo, vindo da Lituânia, então uma república independente, ainda não anexada à União Soviética. "Quando começo?" Estava impaciente, necessitando muito ganhar algum caraminguá, na época do maior desemprego e da maior miséria por que havíamos passado: o tempo que tirou de sob as nádegas dos barões do café o poder amalgamado pelo suor e pelo sangue dos escravos e dos colonos. Nos primeiros meses do ano revolucionado de 1930, qualquer "biscate" servia para não morrer de fome. Seis ou sete meses sem trabalho fixo, traduzindo livros de divulgação do socialismo, sempre com pseudônimo ou anonimamente, e sempre muito mal pago, eram por demais difíceis de suportar. A oferta de Abramas Ar-

noldo Felmanas soava como clarim na alvorada.

Preferia que o chamassem só de Arnaldo. Era um dos representantes do escritório comercial que a União Soviética abriu no Brasil, cuja existência durou breves meses, enquanto o indestrutível reacionarismo dos donos do poder ainda acreditava ser conveniente a manutenção de uma das infundáveis mistificações de que se utilizara para galgar os degraus do Catete.

No Rio, eu deveria assistir à exibição de trinta filmes, escolher dez, trazê-los para São Paulo e traduzir-lhes as legendas. Uma única recomendação: "Tem uma fita chamada *Encouraçado Potemkin*, que eu gostaria de ver."

Hospedei-me no hotel reservado pela Art Film (da qual meu empregador também era sócio). Todas as manhãs, às nove, ia ao cine São José, uma pequena sala com capacidade para 120 pessoas. Ficava olhando, horas a fio, a catarata de imagens, cenas, movimentos e agitação. Vi por inteiro os filmes que mais prendiam a minha atenção:

- *Encouraçado Potemkin*, naturalmente, mas também *O Vampiro de Düsseldorf*, *A Escola de Senhoritas*, *Mãe* (baseado no romance de Gorki), *A Estrela do Cáucaso*, *Sangue Sobre os*

Alpes, um genial filme austríaco, infelizmente desaparecido das telas, e outros, de V. Pudovkin, A. Dovjenco, Fritz Lang e G. Pabst. Dos demais, limitava-me a assistir a três partes, arriscando-me a não acertar na escolha em consequência da falta de tempo para apreciá-los integralmente.

Felmanas decidiu que devíamos traduzir e/ou adaptar imediatamente *Encouraçado*. O trabalho não foi difícil, embora absolutamente artesanal: num projetor portátil, manejado por mim mesmo, ia passando o "celulóide". Parava quando as legendas apareciam. Estavam em francês. Consultava então o roteiro que acompanhava o filme, com a transcrição completa das legendas, e fazia a versão para o português. A segura e concisão do texto, reduzido à essencialidade, fazendo *pendent* perfeito com a imagem forte, realista, como que conduziam a mente e a mão para reproduzi-las com a maior fidelidade possível.

Hábil, Felmanas conseguiu que os proprietários do cinema Rosário, o mais luxuoso e bem aparelhado da época, localizado no térreo do Edifício Martinelli, face rua São Bento, fosse inaugurado com o lançamento de *Encouraçado Potemkin*. Mas, antes, atendendo generosamente a um pedido meu, obtive dos donos do cinema uma sessão especial, para a qual lhe forneci os nomes dos convidados: um grupo de dirigentes do movimento com o qual eu colaborava na clandestinidade e do qual tornei-me elemento atuante logo depois. Lá estavam eles: Mário Pedrosa, Mary Houston, Lívio Barreto Xavier, Victor de Azevedo Pinheiro, Miguel Macedo, Geraldo Ferraz, Aristide da Silveira Lobo e o poeta surrealista francês Benjamin Péret, com sua companheira Elsie Houston. Na noite seguinte, lotado, o Cine Rosário viveria uma gloriosa inauguração. *Encouraçado Potemkin* foi um sucesso, um espetáculo perfeito. Os exibidores ganharam um bom dinheiro. 

Fulvio Abramo é jornalista, autor de *Na Contracorrente da História* (Editora Brasiliense) e presidente do Centro Mário Pedrosa.

SET 71

A população
solidariza-se
com os
revolucionários
na obra-prima
de Eisenstein





EDITORA AZUL

Editor e Diretor:
VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Sílvia Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Editor: Eugênio Bucci
Editor Executivo: Dilson P. Gomes
Editor Assistente: José Geraldo Couto
Redação: Walter Silva

Assessor Especial: Alex Antunes

ARTE

Editor de Arte: Michel Spitalé
Chefe de Estúdio: Deise Bitinas
Diagramadores: Angelo de C. Asson, Maria Amélia de Azevedo, Renato Yada

Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia

Atendimento ao Lector: Celso Ferrari Masson

Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Jader de Oliveira (Londres), Silvano Michelino e Adilson Nunes (Paris)

Colaboradores

Texto: Antonio Querino Neto, Arnaldo Lorençato, Bia Abramo, Celso Pucci, César Garcia Lima, Christian Petermann, Daniel Benevides, Deborah Peleias, Eliana Thomé de Souza, Fulvio Abramo, Marcel Plasse, Marcia Regina de Godoy, Noelly Russo, Paulo Capuzzo, Tânia Marques

Fotos: Pedro Gomes

Arte: Cesar Togashi, Marco Inici

Revisão e Preparação de Textos: Edmundo Juarez Filho

Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE

Diretor: Carlos Alberto F. de Araújo

SP - Gerente: Oswaldo Maffei Jr.

Contatos: Helen Froidi, Iracema Marques Gil, Renata Dogliotti, Tânia Polo Resende

RJ - Gerente: Getúlio Torres

Contato: Elza Marques

Coordenação Gráfica:

Gerente: Edna K. Burigo

Coordenador: José Soares A. Santos

Representantes:

Porto Alegre: 3 R Ricardo Rosa Representações Ltda. Fone: (0512) 23-5591

Belo Horizonte: Republicar Ltda. Fone (031) 463-4666

Brasília: Oleno Leite Filho. Fone (061) 213-6258

Serviços Editoriais

Abril Press - Gerente: Judith Baroni; Escritórios - Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 - Paris, Phone (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99

Departamento de Documentação - Dedoc - Gerente: Aute Rojas Barreto - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115

Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes

Gerente de Produto: José Carlos Bolderline

Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil

Promoção: Sonia M. Amaral

EDITORA AZUL

Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

SET é uma publicação da Editora Azul S.A. São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência: r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel. (011) 826-6777, Caixa Postal 60081, CEP 05096, Telex (011) 26070. Telegramas: Editabril/Abilpress. Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282. Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abilpress. Distribuidor em Portugal: Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Assinatura anual: Cz\$ 22 200,00, à vista. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha sido dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das OTN verificada no período. Circulação desta revista, janeiro/1989. Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou do distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. Fotolito: Lastri S.A. Indústria de Artes Gráficas

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

CARTAS

GREGOS E TROIANOS

Acho que as fichas de cinema e vídeo devem contemplar os gêneros e estilos mais variados, mas ultimamente SET está dando ênfase para filmes desconhecidos do grande público (*Razorbäck; Matador; O Professor do Crime*) e a filminhos inconsequentes (*Rita, Sue e Bob Nu; Joga a Mamãe do Trem; Tocaia*). Nada contra esse tipo de filme, mas o que aconteceu com os filmes que marcaram época e os clássicos?

Fálley Rodrigues
(São Paulo — SP)

Não gosto das fichas de filmes antigos ou brasileiros. Acho que seria melhor se publicassem só filmes de lançamento recente, tanto em cinema como em vídeo. Germano José Peçanha da Silva
(Goiabeiras — ES)

CRISTO CONTRA O PRECONCEITO

Quero parabenizá-los pelas reportagens sobre *Um Príncipe em Nova York* (SET n.º 9, ano 2) e *A Última Tentação de Cristo* (n.º 10, ano 2). Esta última preparou os espíritos para mais um capítulo de preconceito e paternalismo de pessoas que se arvoram em ser protetoras da religião para nos impedir de ver uma obra e tirar nossas próprias conclusões. Ederli A. Fortunato
(São Paulo — SP)

As matérias sobre *A Última Tentação de Cristo* (SET n.º 10, ano 2) e *Jornada nas Estrelas* estavam demais. Daniel Dias de Almeida
(Belém — PA)

CORREIO ENTRE OS LEITORES

Compro cartazes dos filmes *Greystoke — A Lenda de Tarzan, Highlander, O Siciliano, Rambo III, Excalibur, Mad Max — Além da Cúpula do Trovão, Blade Runner, Jornada nas Estrelas IV e Os Intocáveis*. Endereço: Vila Natal, Cabos, casa 54, São Pedro, d'Aldeia — RJ. CEP 28940.

Jorge Luiz Cardoso

Compro posters e material sobre Brigitte Bardot e Marilyn Monroe. Endereço: Rua Adolfo Marchioli, 209, km 18, Osasco — SP. CEP 06190.

Rogério Julio de Aguiar

RASTROS DE AMOR

A matéria sobre o filme *Rastros de Ódio* (seção *Filmoteca* da SET n.º 10, ano 2) é perfeita. Transmite o amor do autor (Adilson Laranjeira) Parabéns. Paulo Sérgio Pruner
(Balneário Camboriú — SC)

ERRAMOS

A filmografia de Martin Scorsese (SET n.º 10, ano 2) saiu truncada em um pequeno trecho, por problemas técnicos. Onde se lê "1972: SEXY E MARGINAL (*Mean Streets*)", leia-se "1972: SEXY E MARGINAL (*Boxcar Bertha*)"; 1973: CAMINHOS PERIGOSOS (*Mean Streets*)". Vários leitores atentos perceberam o deslize e deram bronca.

Cartas para: Editor da SET, av. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, São Paulo — SP. Todas as cartas serão respondidas pelo correio. As publicadas nesta seção, por motivos de espaço, poderão ser resumidas.



BILL MURRAY

Nascido a 2 de setembro de 1950 em Chicago, Illinois.

1977: *THINGS WE DID LAST SUMMER* (de Gary Weis, para a TV) ■ 1979: *ALMONDEGAS* (*Meatballs*, de Ivan Reitman) ■ 1980: *WHERE THE BUFFALO ROAM* (de Art Linson); *CLUBE DOS PILANTRAS* (*Caddyshack*, de Harold Ramis); *SATURDAY NIGHT LIVE* (de Dave Wilson, para a TV) ■ 1981: *RECRUTAS DA PESADA* (*Stripes*, de Ivan Reitman); *LOOSE SHOES* (de Ira Miller) ■ 1982: *TOOTSIE** (*Tootsie*, de Sydney Pollack) ■ 1984: *O FIO DA NAVALHA* (*The Razor's Edge*, de John Byrum); *OS CAÇAFANTASMAS** (*Ghostbusters*, de Ivan Reitman) ■ 1985: *THE BEST OF JOHN BELUSHI* (de Lorne Michaels, para a TV); *NOTHING LASTS FOREVER* ■ 1986: *THE BEST OF DAN AYKROYD* (de Lorne Michaels, para a TV); *A PEQUENA LOJA DOS HORRORES** (*Little Shop of Horrors*, de Frank Oz) ■ 1988: *OS FANTASMAS CONTRA-ATACAM* (*Scrooged*, de Richard Donner). * Disponível em vídeo

O MELHOR DO ANO, EM JANEIRO NA SUA MÃO.

LANÇAMENTO
SIMULTÂNEO EM
CINEMA E VÍDEO



Estrelando
Erland Josephson,
Oleg Jankovskij e
Domiziana Giordano

NOSTALGIA

UM FILME DE ANDREI TARKOVSKI

A Poletel Home Vídeo abre mais um ano de sucessos trazendo para você, o mais importante lançamento do ano. Nostalgia, do mestre Andrei Tarkovski. Um filme premiadíssimo e de rara beleza. É a história de Gorciacov, um escritor russo em busca de um novo modo de vida, viajando pelo norte da Itália. Frustrado e deprimido por não ter encontrado seu caminho, mergulha no passado, fugindo da angústia e à procura do segredo de sua própria Nostalgia.

Lançamento simultâneo em cinema e vídeo. Não deixe de ver, este é imperdível.



 HOME VÍDEO
POLETTEL
Rua Pedroso Alvarenga, 1203 - Itaim - SP
NOVOS FONES: (011) 883-6318/853-1202
883-5747/881-3660



Apresenta



ANOITECER VIOLENTO

ESTRELANDO

JANET LAINE GREEN, DEHL BERTI,
STEPHEN B. HUNTER AND OLIVIA D'ABO

DIREÇÃO PAUL LYNCH

LEGENDAS ELETRÔNICAS EM PORTUGUÊS

REF. 732